

A FÊNIS
RENASCIDA,

OU

OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portuguezes.

DEDICADAS

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DOM JOAM

MASCARENHAS

CONDE DE SANTA CRUZ, &c.

Primogenito do Excellentissimo Senhor

Marquez Mor'domo mór.

IV. TOMO.

PUBLICA-O

MATHIAS PEREYRA DA SYLVA



Matthias Pereyra da Sylva

LISBOA OCCIDENTAL,

na Officina de MATHIAS PEREYRA
da Sylva, & Joáo Antunes Pedrozo.

M. DCC. XXI.

*Com todas as licenças necessarias:
& Privilégio Real.*

REINVENTO
DE
OUTRAS PORTUGAL
DOSS...
DE...
AO EXCELLENTE...
DOM JOAO
MASCARENHAS
CONDE DE SANTA CRUZ
Primo do Sr. Rei...
Mestre de...
IV. TOMO.



1772
1775

LIBRO OCCIDENTAL
de Matias Pereira
da Silva & José António...
M. de...
Com tomas em...
& Prilegia Real




EXCELLENTISSIMO SENHOR.

ESTE he o quarto vo-o da Fenis
Renascida, em que se remonta
tanto, que chega aos pés de V.

Excellencia a solicitar sua grande
protecção, & amparo, para poder vagar
com felicidade pela esphera do universo,
livre já das cinzas do esquecimento, em
que se achava amortecida, & sepultada.

E se aquella rara Ave depois de renascida
dirigia seus primeyros vo-os ao Templo
do Sol, a render sacrificios, & adorações
a tam luminoso, & soberano Astro; mal
podia hoje deyxar de encaminhar os vo-os
esta minha Fenis à presença de V. Ex-
cellencia a lhe tributar rendimentos, &
venerações, reconhecendo-o luzido, &
preclaro.



preclaro Sol da melhor Nobresa deste
Reyno, & de toda Hespanha.

Se querer investigar ao Sol as luzes,
& os raios, fora não só temeridade, mas
infructuosa diligencia; como poderey eu
mostrar (como dezejava) as luzes que
revestem a exclarecida Nobresa de V.
Excellencia, que o constituem Sol da ma-
yor Grandesa, derivadas de tam precla-
ros, & nobilissimos Ascendentes, por
mais que se remonte a minha Fenis a lhe
querer perceber os luzimentos! E assim
deyxando esta empreza por excessiva, &
de mais alta esphera, a que não chegaõ os
vo-os da Fenis (inda, que tam remontados)
peffo a V. Excellencia aceyte, &
ampare esta humilde offrenda, como vi-
ctima do respeyto com que venero a Pessoa
de V. Excellencia; & tambem como deze-
mbo da obrigação em que a minha Fe-
nis se achava pela semelhança, que te com
a da Arabia, ambas unicas, & singulares.

A ex-

A exclarecida Pessoa de V. Excellencia
guarde Deos por dilatados annos , que
igualem a os da Fenis na duracao , & na
perpetuidade de Nobilissimos Descenden-
tes &c.

EXCELLENTISSIMO SENHOR,

De V. Excellencia

Humilde Servo

MATHIAS PEREYRA DASYLVA,

AOS



AOS CURIOSOS



ESTE quarto tomo da Fe-
nis Renascida te continuo
a dar as obras Poeticas, que
pela sua singularidade me-
recem os mesmos applauzos,
& estimaçãõ, que como discreto tens
rendido aos mais tomos, que tem sahi-
do à luz; & assim certos já deste bom
agazalho, & por agradecer a tua bene-
volencia, com brevidade publicaremos
o quinto tomo, & se lhe hiraõ seguin-
do os mais, que temos determinado
dar ao prelo, que saõ muytos.

Vale

IN-



INDICE

DAS OBRAS, QUE SE CONTEM

Neste quarto tomo.

Historia da Arvore Triste por Frãcisca
Rodrigues Lobo Pag. 1.

Poesias varias de Jeronimo Bahia, p. 34.

Relaçãõ do Triunfo com que em Lisboa
se Receberãõ as Magestades de D. Affonso
VI. & D. Maria Francisca Izabel. Por hum
anonymo. pag. 151.

Relaçãõ das Festas com que a Nobreza
de Portugal celebrou os Desposorios dos
mesmos Monarcas. Pelo mesmo Au-
thor pag. 188.

Varios Romãces do mesmo Author. p. 215.

Fabula de Alpheo, & Arethusa por Ma-
noel Pinheyro Arnaut. pag. 252.

Poesias varias de Antonio Barboza Ba-
cellar pag. 270.

Poesias varias de Diogo de Monroy
& Vasconcellos. pag. 313.

LI-



LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO

EMINENTISSIMO SENHOR

V a quarta parte de Fenis Renascida, ou obras Poeticas de alguns engenhos Portuguezes, que intenta imprimir Mathias Pereyra da Sylva & nelle naõ achey cousa alguma contra a nossa Santa Fè, ou bons costumes, pelo que merece lhe conceda V. Eminência, a licença q̃ pede para se imprimir. Trindade em o Convento de Nossa Senhora do Livramento 8. de Janeyro de 1719.

Fr. Antonio das Chagas

EMI-

EMINENTISSIMO SENHOR

Va quarta parte de Fenis Renascida, & em quanto a deverem-se rucar as seis decimas, que notou o Padre qualificador Dom Antonio Caetano, me conformo con o seu parecer, não só pela razão allegada, mas porque tem alguns conceytos muyto maltoantes.

Em quanto ao escreverse, ou não, o nome de Antonio Serrão de Crasto nas tuas obras, me parece acto facultativo com que V. Eminencia ou pode premitir que se imprima, ou mandar, ou não. Este he o meu parecer &c. Carmo de Lisboa 10 de Fevreyro de 1719.

Er Joseph de Souza

Vistas as informações pode-se imprimir, a quarta parte da Fenis Renascida, menos o riscado, & impressa tornara para se conferir, & dar licença, que corra, & sem ella não correrá Lisboa Occidental de 1719.

Ribeyro. Rocha. Fr. Rodrigo de Alencastre. Guerreyro. Carneyro.

DO ORDINARIO.

Pode-se imprimir a quarta parte de Fenis Renascida. & depois de impressa tornarà para se conferir, & dar licença, que corra, sem a qual não correrà Lisboa Occidental 27 de Março de 1719.

Dom Joaõ Arcebispo.

DO

D O P A C O

S E N H O R.

E Sta quarta parte da Fenis Renascida, com que a diligencia, & curiosidade de Mathias Pereyra da Sylva continua em dar à luz algumas obras metricas, que andando manuscritas, & sendo dignas de communicar-se a todos pela estampa, as sepultava a litteraria ayareza na sua propria estimação, não contém cousa, que possa desmerecer a licença, que pede, (excepto as que logo direy) antes conciliando a attenção, & agrado com a variedade de metros, & de estilos, ate no jocosario não perde adiscrição; & para merecer justamente aquele verso
de

de Horacio : *Omne tulit punctum qui
miscuit utile dulci*; traz tambem varios
Sonetos, & outros versos morais.

Só o que julgo repugnante ao bom
governo politico he , que hajaõ de im-
primir-se o terceyro Soneto deste livro,
a primeyra Decima , o Romance à ba-
talha de Montes claros , & as redõdi-
lhas a certo Cabo , q̄ fugio da Campa-
nha , porque estas obras se entaõ tive-
raõ galantaria porque vieraõ a tempo,
agora como já naõ tem lugar , naõ pô-
dem ter graça , & nem com toda a af-
luencia de seusequivocos poderia ho-
je o Author fazer , que parecesse ar-
monia a sua dissonancia ; reparo , que
talvez naõ fizeraõ , nem fariaõ muytos,
naõ sey se menos atentos , ou menos
escrupulosos. Em fim semelhantes me-
morias sempre saõ indecorozas até pa-
ra os mesmos , que as persuadem ; porq̄
além de que he certo , que o grande
esforço

esforço do vencido he que constitue a
mayor gloria do vencedor; o lembrar
da offensa para a vingança não he me-
nos culpavel, que o recordar a vingan-
ça para o desvanecimento: pela mesma
razão me parecem tambem indignas
de se dar ao prelo duas coplas pertencen-
tes a esta mesma materia, que estão
no quarto Romance da Relação dos
Desposorios do Serenissimo Rey, o Se-
nhor Dom Affonso sexto, as quais co-
meção: Tinha ao Leão de Castella &c.
no mais como já disse não acho couza,
que encontre o Real serviço de vossa
Magestade, que mandara o que for
servido. Lisboa Occidental 24. de Ju-
nho de 1719.

Joseph Soares da Sylva.

Que

Que se possa imprimir visto as
licenças do Santo Officio, & Ordina-
rio, & depois de impresso tor-
narà à Mesa para se côferir, & taxar &
sem isso não correrà Lisboa Occidetal
26. de Junho de 1719.

*Costa. Andrade. Botelho. Pereyra.
Galvão. Teyxeyra.*

Esta conforme com o original. Car-
no de Lisboa Occidental 23.
de Janeyro de 1721.

Er. Joseph. de Souza.

Visto estar conforme com o seu
original pôde correr Lisboa
Occidental 24. de Janeyro de 1721.

*Rocha. Alancastre. Pereyra. Teyxeyra.
Sylva.*

Póde

Pode correr, Lisboa Occidental
25. de Janeyro de 1721.

Dom. João. Arcebispo.

TAxaõ este Livro em 200 reis em
papel. Lisboa Occidental 27. de
Janeyro de 1721.

*Andrade. Pereyra. Baracho. Noronha.
Oliveyra.*

HISTORIA

DA ARVORE TRISTE.

AUTOR

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Atègora não impressa.

PERTENDO relatar os piedosos,
 Successos de dous tristes Indianos,
 Ella fermosa de olhos graciosos,
 Os delle causadores de mil danos;
 Desventurados ambos lastimosos,
 Que mal haja fortuna, & seus enganos,
 Pois não estorva amor no tempo quando
 Com menos força a tira, & vê mais brado.

2

Qui, fermosa Julia, a historia dura
 De minhas tristes lagrimas ardentes,
 Botay no bello peyto a desventura
 De amor, seus desconcertos, & accidentes,
 Vereis, que danos fas ter fermosura,
 Com modos de desprezos insolentes,
 Como se orna mais a gentileza,
 Com brandura, amor, ou aspereza.

IV. Part.

A

He

Historia

2

3

He certa a magoa triste, & dolorosa,
Que espero relatar, & não fingida,
Da qual dura a memoria lastimosa,
N' huma Arvore, que Triste se appellida;
Na India Oriental, a qual cheyrofa
Sentindo destes dous o fim da vida,
De noute com mil flores apparece,
Mas vendo o Sol as perde, & se entristece.

4

E porque mais vos móva a piedade,
E grave compayxaõ da triste historia,
Do cazo contarey toda a verdade,
Que toda a tenho escrita na memoria;
Por fer o mor defatre, & crueldade,
Que nunca à gente alguma foy notoria,
No qual ambos perderaõ suas vidas,
Que tem agora em plantas convertidas.

5

Depois, minha senhora, que partido
Fui deste Reyno à India a ves primeyra,
Andando de defatres perseguido,
Seguia de meus fados a carreyra;
De muytas desventuras combatido,
Qual vay o solto seyxo na Ribeyra
Levado a mil perigos cada hora,
De hum mal, que me magoa ainda agora

Alguma

Da Arvore Triste.

6

3

Algumas terras vi, que andey vagando,
E nellas muytas cousas excellentes;
Com muy diversas gentes conversando,
Ouvia mil historias diferentes,
De muytas antigualhas escutando
Os deleytosos contos apparentes,
Ouvi de amor effeytos namorados,
Tambem successos tristes, desestrados.

7

Hum dia pois, já tarde, que poufava
De meu largo caminho assàs cançado,
Ao longo de Ambonà, que perto estava,
Nas ribeyras do Ganges situado;
As magoas pensativo imaginava,
Fazendo alarde alli de meu cuydado,
De mil lembranças tristes, que crescia,
Co as agoas, que meus olhos derretiam,

8

Hum Bramane daquelles moradores
Movido a piedade, & pezaroso
De assim me ver sugeyto a tantas dores,
Qu foy que de sagàs, & curioso
Por se informar de mim, se alguns amores
Cauzavaõ meu estado lastimoso,
Falloume, como quem aos Portuguezes
Tratava dentro em Goa muytas vezes.

IV. Part.

A ij

De

9

De muyto varias coufas foy tratando,
 E todas a fim só de consolarme,
 De ritos desvariados relatando
 Mil contos, que pudeſſem deleytarme;
 Agora (diſſe): atenta, & apontando
 Co dedo, ſe quizeres eſcutarme,
 Deſta Arvore direy a doce historia,
 E o nome que tem Trifte por memoria.

10

Crefceu eſta menina taõ fermioſa,
 Crefcendo as graças nella cada dia,
 Que quaſi por divina, & milagroſa
 De todos ſe adorava, & conhecia;
 Seu povo por fervilla, em feſta honroſa,
 Mil modos inventando de alegria,
 Não tinha mayor bem, que feſtejalla,
 Servilla, como a Deoſa, & adoralla.

11

Taõ grande extremo teve de belleſa,
 Chegada aos quinze annos, que cegava
 A quem avia, & là na mor alteza
 O meſmo Pay de aver ſe embarçava;
 A gente, que dos fins da redondeſa
 Continuo, por aver, aqui entrava,
 Foy tanta, que a cidade toda enchia,
 E já nos largos campos não cabia.

Da Arvore Triste.

5

12.

E como por uzança costumada,
Se fosse cada mes à grã varella,
Que estava em alto monte edificada,
Com grande legoa, & meã dentro nella,
Na qual de toda agente era adorada,
Em quanto o Sol feu pay auzente della,
Detinha no mar fundo o carro ardente,
Fugindo à devoção de tanta gente.

13

Sucedeu pois que hum dia de envejas
As Deoas por ventura, & affrontadas,
Co as Parcas conjurãõ furiosas
Por desfazer as festas celebradas
Da dama, cujas gentes alteroas
Jã todas as do Ceo tem despresadas,
E juntas n'hum intento maquinãõ
Com que estas grandes festas arruinãõ.

14

E foy, que como en tanto povo, & gentes,
Que juntas na grã festa concorriaõ,
Houvesse muytos modos diferentes
De costumes, & leys, que differiaõ,
Mil bandos de estrangeyros, & parentes,
Que todos juntamente competiãõ
Accrescentar a festa, & de mais perto
Notar da humana Deosa o grã concerto.

Hum

Hum dia pellas Parcas assignado,
 Cresceu este fervor de tal maneyra,
 Causado de hum cruel, & triste fado,
 Que a muytos fes passar a gram carreyra
 Da Estyge, que em tocando o santo estrado,
 Que tinha de cristal a gram cadeyra,
 Da Deosa em gentileza, & lindas gallas,
 Mayor que a bella Venus, Juno, & Pallas.

Remetem os seus Bonzos, & zelosos
 De não se profanar o lugar sancto,
 Appellidaraõ logo furiosos
 Os guardas, que acodindo com espanto,
 Por resguardar as aras rigorosos,
 As armas vaõ metendo em tudo quanto
 Alcançaõ de vassallos, & estrangeyros,
 Atè lançar do templo os derradeyros.

D'Entre estes houve Grandes, & Senhores,
 Que mortos, maltratados, & feridos,
 Crescendo vaõ em odios, & furores,
 Da furiosa Erynnis constrangidos,
 Huns por vingare as mortes dos mayores,
 Outros por deffenderem seus partidos,
 Encheraõ a varella, povo, & terra
 De Sacrilega, vii, & cuja guerra
 Champe

Da Arvore Triste.

7

18

Champel a muy fermosa, que em extremo
Tomara em grande affronta o caso duro,
Juntando a gravidade ao ser supremo,
Por entre as armas vay, qual forte muro.
Eu certo de cuydallo panno, & tremor,
De como tanto povo, & tab perjuro,
Obedeceu constante n' hum momento
A seu primeyro aceno, & mandamento.

19

Mas naõ custou taõ pouco o triste dia,
Que em muytos naõ durasse o sentimento,
Do miserando povo, que carpia
Seus males, morte, damno, & perdimento,
Por serem taõ geraes, que naõ havia
Nenhum, que desta dor vivesse izento,
Huns filhos pranteando, outras mãidos,
Irmãos, parentes, paes, & conhecidos.

20

Durando pois no povo este accidente,
De todos com razão folemnizado,
Aconteceu tambem, que novamente
Chegou ca destas partes com recado
De Melia gram Senhora no Oriente,
E tia de Champel cujo alto estado
Continha adem de Guate a fralda toda,
Que o mar de logo lava, & certa bna moda.

Pedia

Pedia a sua Irmã, que lhe mandasse
 Champel sua sobrinha Deosa humana,
 E vela em sua vida lhe outorgasse,
 Por graça singular, & soberana,
 Em quanto a curta vida lhe durasse
 A Parca mais cruel, que a todos dana,
 Da qual não teme o golpe duro, & forte,
 Se alcança ver Champel em sua corte.

Por esta occasião, sem mais defeza,
 Partiu Champel com poucos afforrada,
 Tocada d'huma intrinseca tristeza,
 Que cuyda só por Melia ser causada.
 Mas ay ! q̃ como o bem não tem firmeza
 Seu mal a leva triste, & mal fadada,
 Que o peyto lhe adivinha em conjectura
 Do mal, que se lhe ordena, & morte dura.

'Agora, Portugues, se entendimento
 Tens tal, como teus modos representaõ,
 Os povos notarã, que cento a cento
 Por montes, & Cidades arrebentaõ,
 Com festas de real recebimento,
 Continuos sacrificios lhe accrescentaõ,
 Meninos, & donzellas degolando,
 As aras de seu sangue fimegando.

Da Arvore Triste.

24

Por meyo vay a Deosa muy altiva
Dos brutos sacrificios imolados,
Que o barbaro saber da gente esquiva,
Por modos lhe offerecem defusados:
Com turva vista os olha com passiva
De taõ crueys costumes desvariados,
Que em fim saõ attributos da Deydade
Brandura, mansidaõ, & piedade.

25

Chegada já que foy à sumptuosa
Grão Maylapur, Metropoli do Estado,
E o Reyno da gram Melia poderosa,
Que Meliapor foy d'antes nomeado,
Mas Maylapur agora, que famosa
Reserva o mesmo nome já mudado,
Na qual a Corte estava da doente
Raynha, grão Senhora do Oriente.

26

Aqui foy recebida por Senhores
Vassallos da Raynha sua Tia,
No tempo, que das calmas os calores
Já declinando vaõ, no fim do dia;
Com jogos, danças, festas, & louvores,
Que tudo Champel linda merecia,
Atè que foy nos Paços apeada,
Da Tia grandemente acompanhada.

Poulava

Pousava neste tempo juntamente
 No Paço hum gentil moço generoso,
 Sobrinho de Narsina Rey potente,
 De Melia sua Tia charo Esposo,
 Nascido foy da Lua na eminente
 Altura desse Guate, que espaçoso
 Toda esta costa cinge povoada
 De muyto varios povos habitada.

Na qual, segundo nossa antiguidade,
 Reynava hum Varaõ nobre, & adornado
 De fermosa pessoa, & gravidade,
 De alto sangue, & aspeyto repoufado;
 Da muy fermosa Lua em sua idade
 Querido, & tão ditoso namorado,
 Que só nos braços deste repoufava,
 Em quanto seu Irmão no mundo andava.

Foy fama pois, que deste ajuntamento,
 Que a Lua tinha aqui, quando descia
 Do ethereo, natural, & claro assento,
 Do qual as tristes noutes allumia:
 Nasceu este mancebo, que o talento
 De quanto a linda Mãy darlhe podia
 Taõ grande teve em doens da natureza,
 Que a mesma luz vencia em gentileza.

Da Arvore Triste.

11

30

Ligeyro na montanha, & curiofo
Da caça, que continuò exercitava,
Humano em conversar tão maviofo,
Que a todos igualmente se entregava:
Galante, corteião, & tão fermoso,
Com tal primor, & graças se adornava,
Que só de velho a Mãe tão soberana,
Tornava mais que o dia a noute ufana.

31

Mas como os bés não têmão firme estado,
Os bens dias da triste humana vida,
Mas antes possuillos he provado
Sinal de estarem perto da passada,
Tambem deste Mancebò o duro fado,
Que para o sugeytar a mór caída,
Sublime o fez em tudo, & muy altivo,
Lhe mostra de Champel o vulto esquivo.

32

Impressa já que foy a gentil dama
Nos olhos de Mandel seu primo claro,
(Que deste nome ao moço o vulgo chama)
Sugeyto de improvizo ao vulto raro,
Ardendo, na amorosa, & viva chama,
Que na alma lhe accendia o cego avaro,
Ja não como a parenta, & Deosa honrosa,
A serve, porèm como achara esposa.

Mil

33

Mil invençoens de festas lhe ordenava,
 crescendo em seus serviços cada dia,
 Mil coufas nunca ouvidas inventava,
 Nenhum outro descanço pertendia,
 Senão servilla sempre, & nisto andava,
 Taõ prompto, que a cidade toda enchia,
 Com generos de festas infinitas,
 Mil invençoens alegres, & exquisitas.

34

Recebe Champel linda, & celebrada,
 Com grande gosto as festas do parente,
 E polas ajudar alvoroçada,
 Favorecia o Primo grandemente,
 Mas naõ que em seu amor notasse nada,
 Que em fim hum ser altivo pouco sente,
 Poderse achar algum descomedido,
 Que seu decoro infame de attrevido.

35

Mas este Mandel nobre, que possante,
 Por filho do grão Guate se conhece,
 Tambem por sua Máy com ser bastante,
 De todo o ser humano se engrandece,
 E sobre tudo, com amor constante,
 Se engana, que por elle lhe merece
 Ser della tão querido, & respeytado,
 Como era seu igual em ser, & estado.

Notando

Da Arvore Triste.

13

36

Notando, que em Champel hiaõ crescendo
Descuydos, que elle dentro na alma fente,
Mil vezes declarar-se pertendendo,
Dezejos lho atalhavaõ derepente;
E nada para ante ella se atrevido,
Mil cousas lhe dizia estando auzente,
Que em fim hũ grãde amor (eu testemunha)
Jã nunca se desmanda, & sempre a punha.

37

Hum dia finalmente, que vencido
Do amor exorbitante, que o forçava,
N'hum grãde, & vivo ardor todo encendido,
Que entranhas, alma, & vida lhe abrazava,
Attonito, confuso, & sobmetido
Ao transe adonde a Parca o esperava,
Com lingua titubante embaraçada,
Desta arte lhe fallou com voz turbada.

38

Oh alma de minha alma (lhe dizia)
E vida, por quem vivo, Deosa bella,
De quanto a terra tem, sustenta, & cria,
Mais estimada só, que quanto ha nella,
Se a quanto meu amor vos merecia,
Pagais com igual fê, gentil donzella,
Nã quero mayor paga a meu cuydado,
Nem gloria mayor quero a meu estado.

E posto

E posto que palavras bem limadas
 De grande exordio,grave,& doce estylo,
 Não soffrem minhas magoas desvariadas,
 Nem meu tormento igual ao de Perylo,
 Com tudo as grossas agoas derramadas,
 Que de meus olhos vão,qual largo Nilo,
 Mais devem de mover a piedade
 Tão nobre coração,que a crueldade.

A brandevos,Senhora,o meu tormento,
 Magoemvos se quer:Mas neste instante,
 A falla lhe opprimio,co vulto izento,
 Na bocca Champel dura,& arrogante.
 Queyxoza de seu grande attrevimento,
 Descortezia tal não passe avante
 (Lhe dis)q̄ eu vos prometto ao fer divino,
 Vingiar em vós tão grande defatino.

Qual soe corilco ardente furioso,
 Que da mais alta esfera vem descendo
 Juntar com apancada o espantoso
 Trovão,q̄ deu no Ceo medonho,horrendo,
 E logo o grande pinho,& vigoroso
 Desfeyto lança em terra todo ardendo,
 Tal cae do moço a face lacrymosa
 Aos delicados pès da Nynfa irosa.

42

Acodem os criados em hum momento
Ao miseravel moço desmayado,
Remedios mil lhe fazem,mas he vento,
Que quasi està da vida alienado,
Recolhem-no coufusos no apozeno,
Os paços atroando co alto brado,
Por seu senhor chorosos suspiravão,
E a quantos os ouviaõ magoavão.

43

E qual de nòs(diziaõ lamentando)
Serà tão desastrado sem ventura,
Que leve ao triste Padre miserando
De tão querido filho a morte dura?
Ou qual serà de nòs o tão nefando,
Que entregue tal belleza à sepultura?
Mas como & cabe em nòs tão triste sorte
Que viva algum de nòs em sua morte?

44

Tambem a grande Melia lastimosa,
Que como a filho proprio lhe queria,
Sobrinho, meu amor, & luz fermosa
Dos olhos de minha alma, lhe dizia;
Mas logo de improviso a dor penosa
Do Moço, que defunto parecia
Sobre elle a derrubava sem sentido,
O alento natural quasi perdido.

Fez

Fez pausa aqui com grave sentimento;
 Mas logo erguendo a voz diz o gentio
 Da magoa, que contava pouco izento
 Com lagrimas turbando o claro rio,
 Depois que em si tornou com novo alento,
 Dos olhos exugando o licor frio,
 Não foy tudo bastante, ò Deoza crua,
 Para causar em ti brandura alguma.

Mas pois o Sol se ausenta magoado,
 Por não ouvir da filha o triste canto,
 Da Lua o claro rosto demudado
 Em trevas nos envolve o rayo Santo,
 E até Guate soberbo levantado
 Por toda a terra estende o negro manto,
 Por mais solemnisar a historia dura,
 Do filho, & de seu povo a desventura.

O mesmo farey eu, & brevemente
 Acabarey a historia começada,
 Por hir agazalhar a minha gente,
 Que já me vem chamar para a pousada;
 Depois que em fim passou este accidente,
 Sinal da triste morte defaistrada,
 Dos Primos, cujo amor tão desigual
 A tantos caula foy de tanto mal.

Da Arvore Triste.

17

48

Por resumirmos todo este processo
De taõ cruel desastre, & desventura,
Deyxando da Raynha o grande excesso,
Que chora do sobrinho a morte dura,
Tratemos de Champel, que com expresso
Determinado peyto, està segura
Em naõ querer amar humanamente,
Senão ser Deosa só de tanta gente.

49

Atè que por mil modos perseguida
Se vio da Tia, & povos, que esperavaõ
De seu querer sómente a morte, ou vida
Do Principe Mandel, que lamentavaõ,
Mostrando-se já quasi convencida
Dos rogos, que continuo a molestavaõ,
Buscou de escusa hum modo muy terrivel
Que amor, que tudo pòde, fez possivel.

50

Mas ora pois quereis, lhes respondia,
lustre Tia, & povos muy queridos,
que obedeça meu ser à grã porfia
de vossos appetites atrevidos,
aquella singular genealogia
de meus sublimes Pays esclarecidos,
por mim desventurada filha sua
se abata, se aniquile, & se destrua.

W. Part.

B

Eu

Eu quero já querer quanto mandardes,
 Mas vòs querey tambem o necessario,
 Porque he, se a meu intento recusardes,
 Obedecervos eu desnecessario;
 E quando por amores me obrigardes,
 Olhay que amor não tem por temerario
 Nenhum mandar de Dama precatada,
 Antes se obriga a muyto, he mais presada.

Affim que para haver merecimento,
 Que a todo bom serviço galardoa,
 E porque tenha meu atrevimento
 Com meus illustres Pays escusa boa:
 Se fim pertende dar a seu intento,
 Convemlhe merecer minha pessoa,
 Sem ter por impossivel meu mandado,
 Pois faz possivel ser de mim amado.

Esse Padraõ de jaspe, & pedra fria,
 Que rega do jardim a clara fonte,
 Em arvore converta num só dia,
 E porque seu serviço mais lhe monte,
 Tal ordem lhe porã, pois a porfia,
 Que quando vir das tardes o Orizonte,
 De flores se aperceba, & nellas dure
 Até que a lus paterna o mundo a pure.

Da Arvore Triste.

19

54

Agora descançay de importunarme,
E o Principe trabalhe por servirme,
Naõ cure de outro modo grangearme,
Nem vòs com seus amores perseguirme,
Mas pois chegou a este de ganharme
Porque este bem lhe fique assim mais firme,
Hade cumprir em tudo o meu mandado,
Antes do dia septimo passado.

55

Attonitos ficàraõ, & espantados,
Nas mãos as tristes faces inclinando,
Os povos grandemente magoados
De tal defabrimento blasfemando,
Mas de outro mayor bem desesperados
Aceytaõ o partido, confiando
Primeyro cada hum dar fim à vida,
Que o termo assinalado se despida.

56

Uvio a Madre Lua no alto assento
A trama de Champel para seu dano,
Mas eu farey, responde, n' hum momento,
Pois tenho do Orbe o mando soberano,
Que caya sobre ti tão falso intento,
Fiques tão rendida a teu engano,
Que deyxes de ser Deosa, a mim o encargo,
Ou vivas com meu filho tempo largo.

Part.

R. ij.

Seu

57

Seu filho visitou em continente,
 Mandandolhe que afouto, & sem receyo
 Espere o quinto dia, que da gente
 Será visto seu rosto inteyro, & cheyo,
 E quando no mais alto do luzente
 Estellifero polo, a vir no meyo,
 Terà no duro seyo as brandas flores,
 Eo dezejado fim de seus amores.

58

Naõ sey encarecerte, Lusitano,
 Hum alvoroco grande, que já agora
 Se vê no ledo moço quasi infano
 De tanto lhe tardar a gentil hora
 Da noute, que dezeja, & todo ufano
 Chegado o quinto dia sem demora
 Manda avizar Champel, que as flores colha
 No seyo do padraõ, que a fonte molha.

59

Move a grande riso esta embayxada,
 E havendo que Mandel tresvariara,
 Se dà por muy segura, & confiada
 Promette o mesmo, que antes lhe jurara;
 Sahio do fundo mar alvorocada,
 Com luminoso rosto a que geràra
 Mandel, & pello Ceo colhendo estrellas,
 As influencias traz de todas ellas.

Devot

Da Arvore Triste.

21

60

Devoto neste tempo lhe ordenava
Seu filho no Jardim muytos altares,
Dos quaes o padraõ todo rodeava
Com cheyros odoriferos a pares,
Em cada hum tres rezes imolava
Ao som dos instrumentos singulares,
Que altisonos tocados respondiaõ
Aos brados das ovelhas, que morriaõ.

61

Jã tinha a Madre ufana à mor altura
Subido do Emisferio a nõs primeyro,
E d'elle muy serena, com luz pura,
Mostrava nesta parte o rosto inteyro,
Mil flores engastando de mistura
No valle, bosque, serra, & verde outeyro,
Eys quando o duro marmore tremendo,
De todo a natureza foy perdendo.

62

Mudou se pouco, & pouco, & c' hũ meneyo
Suave, brando, alegre, deleytoso,
O tronco foy tomando a folha veyo
De hum vento crepitada, & saudoso
Jã todo o ramo està de flores cheyo,
E dellas o terreno muy cheyroso,
Com deleytosa sombra ao longo della,
Nas folhas a cor branca, & amarella.

Endou-

Endoudecia o Moço de contente,
 Merecedor de todo bom partido,
 Com Melia se alegrava toda agente;
 Pasmada de ver caso nunca ouvido;
 Mas, ah dura Champel! que não consente
 Fortuna Mandel ser de ti querido,
 A fim de tantas flores de mistura
 Te dem juntas a morte, & sepultura.

Hum sobrefalto grande a molestava,
 Que o peyto lhe abalava de continuo,
 Dos olhos viva fonte lhe manava,
 Em lagrimas de aljofar crystallino;
 E soluçando triste se queyxava,
 Ay, ay! que sorte minha, que destino,
 Ou que furor dos deoses depravado
 Me subjeytou a fim tão desastrado?

Valey-me, Padre meu, nesta agonia;
 Livray a triste filha, que gerastes,
 E vòs, ò Madre minha, que eu queria
 Deto do coração, porque criastes
 Filha tão sem ventura? ay triste dia,
 Infausta gloria minha, onde parastes,
 Que he de vòs doce bem, minha esperança,
 Que foy de minha bemaventurança?

Da Arvore Triste.

23.

66

Senhora fuy do mundo, & conhecida,
Por Deosa já de muytos adorada,
Agora de mil males perseguida,
Ate dos meismos Pays desamparada;
Ay misera de todos esquecida,
E só do meu destino acompanhada
Taõ moça em terra alhea sem abrigo,
Sogeyta sem remedio a tal perigo.

67

Desmaya em continente, & cahe em terra
Aquella fermosura taõ estranha,
Torcendo as alvas mãos, os olhos cerra,
Dos quaes a rubicunda face banha,
No chaõ a sanguinosa bocca aferra,
As largas tranças de ouro, com que acanha
A mesma lus do Pay, jazem quebradas,
Do vento a todas partes espalhadas.

68

Durou neste accidente largo espaço,
A moça fermosissima melquinha,
E sem meneyo algum o corpo lasso,
Perdida a cor do rosto a coutadinha,
Em terra deste misero traspasso
Dobrado o collo jaz, qual avezinha
No seyo do menino mal provida,
Que, pella bem guardar, lhe tira a vida.

Já

Jà vinha a Estrella da Alva a luz trazendo,
 Que doura as tristes nuvens no Orifonte,
 Eys quando a Mãy de Orfeo removendo
 O pavelhaó do Sol com leda fronte,
 N' hum modo de vingança toda ardendo,
 Lhe mostra a triste filha estar defronte,
 Folgays lhe dis, com as honras, que a senhora
 Menina de Champel vos deu agora?

Acorda entaó a Deola em continente
 Do desacordo grande, em que estivera,
 Remette, furibunda, impaciente
 Levada já da morte insana, & fera,
 Qual profetisa vay de Bacho ardente
 Rayvosa mais, que rabida Panthera
 No christalino peyto pòs aponta
 Do alfange de Marsina, que furou prompta,

Traspassa o duro ferro a carne branda,
 E o coração de meyo a meyo j arte,
 Por dentro das entranhas se de manda,
 E às alvas costas fae com grande parte
 Brandindo esta o alfange, da outra banda
 Fumega o sangue nelle, & se reparte
 A borbotoens na roupa em largo fio,
 Na terra discorrendo o triste rio.

Da Arvore Triste.

72

Naõ deu lugar a morte de improvizo,
Que a si se deu Champel arrebatada,
A lha estorvar agente, que sem sizo
Attonita ficou, & embasbacada;
O Principe sõmente, que o preciso
Seu fado condenou à mesma espada,
Com pensativo gesto attento estava
No desamor que a Deosa lhe mostrava.

73

Naõ pode fer (lhe ãis) cruel Harpya
Que a mim me espante morte tão fermosa,
Mas pois perdi o bem, que pertendia,
No mal buscarey forte mais ditosa:
Em vosso amor minha alma se revia,
Sem vòs a mesma vida me era odiosa,
E já que vòs morreis, na morte espero
Fugir do meu cruel tormento fero.

74

E quando em algum tempo nossa historia
Ouvida, for dos homens, naõ duvidò
Senaõ que a mim darà muy grande gloria,
O caso de Leandro acontécido,
Atraz Pyramo deixo na memoria,
Pois morro sem de Thysbe ser querido,
Mas antes por amar quem me matava,
Matey a mim, por quem me desamava.
Entaõ

75

Então co a mesma espada, que arrancára
 Do peyto, que eu não sey qual outro iguale,
 O seu atravessou com vos amara,
 De hum ultimo suspiro, ultimo vale;
 Cae aos pès de Champel, que tanto amara,
 Não sinto coração, que não estalle
 De ver matarse juntos: caso estranho!
 Taó grande defamor, & amor tamanho!

76

Assim morrerão ambos, & enterrados
 Deyxando de seu povo o largo pranto,
 Ficarão no jardim solemnisados
 Com lagrymas de seu funesto canto,
 E em continente os ramos despojados
 Se virão da nova arvore entretanto,
 Que nasce o Sol, & passa quanto ouviste
 Ficando para sempre Arvore triste.

77

A qual sempre durou continuando
 No modo que lhe deu a Lua santa,
 Em flores cada noute rebentando,
 Já quando a sombra vem, q̃ o mūdo espāta;
 Mas todas tristemente vay deyxando
 Nas horas, em que o melro doce canta,
 Perdendo o bello arreyo vergonhosa
 Da morte, que caulou taó lastimosa.

Omnis

Tambem

Da Arvore Triste.

27

78

Tambem na sepultura, em poucos mezes,
Do Moço firme amante sumptuosa,
Outra arvore nasceu, que os Portugueses
Chamais de São Thome, com flor cheyrosa,
Com cinco folhas vem todas as vezes
Que nasce, & a do meyo sanguinosa,
A grande chaga tem daquelle geyto,
Que o Princepe levou no amante peyto.

79

Na mesma conjunção estoutra cova
Outra arvore brotou da Dama ingrata,
Com amarella flor, fermosa, & nova,
De cheyro, que os sentidos arrebatá,
Mostrando Champel nella a grande prova
Das poucas esperanças, com que mata
Mandel, pois desta cor a tingio toda,
Com folhasinhas brancas pela roda.

80

O Reyno os pranteou muy grandemente,
Por causa de seu Princepe querido,
Crescendo o triste choro em toda a gente,
Do qual o Reyno tem seu appellido:
Choromandel se chama, que presente
Nos mostra o duro conto referido,
Os nossos desta lingua lhe chamárao,
Que vossa vinda ca proteuzárao.

Estava

Estava ao pé da terra o nobre Guatê
 Do triste Mandel Pay, que muyto amava,
 No tempo, que lhe deraõ o rebate
 Da morte, que elle n'alma receava:
 Que lingua pode haver, que aqui relate
 As magoas, com que o triste se queyxava,
 Chorando a morte, damno, & perdimento
 Do filho, Reyno, & seu contentamento.

Cresceu em tantas lagrimas coutado,
 Tê ser em viva fonte convertido,
 Que chamaõ do Manguate nomeado,
 E nestas partes todas conhecido;
 Panguate n'outro tempo foy chamado,
 Que dis agoa do Guate, & se o sentido
 Me deres à manham por pouco espaço,
 Tambem direy de ti hum grão pedaço.

Naõ ha porque esperemos outro dia,
 Amigo (respondi) mas se pertendes,
 > De dar às minhas magoas alegria,
 Com parte me dizer do que comprehendes
 De meu destino, eu certo folgaria
 Ouvirte largamente, se o que entendes
 Por pura astrologia de escripturas,
 Com teus feytiços falsos naõ misturas.

E quant

Da Arvore Triste.

84

29

E quanto às bellas flores, que affirmaste
Nascerem de Mandel, que nós chamamos
De são Thome, por certo muyto erraste,
Por outro mòr final, que nós lhe achamos:
As folhas cinco são, como notaste
Das Chagas de JESU, que confessamos,
Nas mãos, & pès as quatro, que a do meyo
No sacro Lado està de fangue cheyo.

85

Affim que nesta flor muy claramente
Se mostra o Creador, & Senhor nosso,
Tambem a carambola, & cravo ardente,
Com outras, que se dão no Reyno vosso:
Nas quinas denunciaõ o potente
Sinal do bom JESUS, & estado grosso
Que os Lusos em seu nome bravos Martes
Plantado tem por todas estas partes.

86

Naõ ha declaraçaõ mais verdadeyra
Da propria, que te digo com verdade,
Mas já que vas taõ fora da carreyra,
Que nunca a tinaràs em tua idade,
Poem fim à tua practica primeyra,
Que eu certo te agradeço de vontade
Taõ raro fingimento, & o rosto empenho
Que deste hum claro toque a teu engenho.

Hum

Hum grãde amor te espera(entaõ responde
 O Bramane) nas prayas onde bate
 Do Tejo o licor doce,que se esconde
 Nas fraldas de Neptuno,que o combate,
 Aqui Lisboa tem os muros,onde
 Amor te mostrarà,quam mal te trate
 Sublime em toda a graça,& taõ fermosa
 Qual de entre as flores ãe a branca Rola.

Sò nesta empregaràs o teu cuydado,
 Naõ zombes,Portugues,do que te digo,
 Que entaõ haveras dõ do teu estado,
 Quanto contente delle,& seu perigo,
 Aborreçeràs tanto o bem passado,
 Que sejas de teu mal mayor amigo,
 Por este amor deyxando mil favores,
 Das tristes,que te offerecem seus amores.

Aqui te espera amor,aqui ventura,
 Se a forte naõ causar algum desvio,
 Te dà a gozar da estranha fermosura
 Daquelle taõ gentil,quam bello brio:
 Fermosissimo objecto,em quem natura
 Com todos seus poderes imprimio
 Os mais altivos olhos,mais fermosos
 De quantos cria o Tejo graciosos.

Da Arvore Triste.

31

90

Serà de tanto preço em gentileza,
Nos modos de despresos taõ ayrosa,
Uzando mansidaõ com asperesa,
No desamor taõ branda, & maviosa,
Que quando te fingir mayor crueza,
Serà para se dar mais amorosa
A teu amor com firme lealdade,
Dezenganada se, limpa verdade.

91

Aqui vos unireys n' huma fê pura,
N' hum firme nõ, ditoso ajuntamento,
Em tudo taõ conformes, que aventura
Nãõ ouze contrastar ao vossõ intento:
Quieta gozareys, & muy segura
A vida do perigo fraudulento,
Vay, Sylvio, pois buscar taõ grande cousa,
E em quanto a naõ achares, naõ repousa.

92

Confessote porèm, que sem trabalho
Nãõ gozaràs de pomo taõ fermoso,
Que nunca o lavrador em seu trasmalho
Desfes a crespa espiga, estando ocioso,
Ninguem tirou do fundo o roxo galho
Do bom coral finissimo ramoso
Sem ter perigo algum, que lhe ganhasse
O com que a pobre vida reparasse.

Aqui

Aqui tu não desmayes, se constante
 Vencer queres fortuna, amor, & a ella,
 Tua alma lhe darás de esposo amante,
 Que tudo te merece a Nynfa bella:
 Pois tanto que vos virdes em diante
 (Que Venus o demonstra em vossa estrella)
 Com alternado amor fereis amados,
 E de huma mesma se remunerados.

E posto que has por falsa minha historia,
 Gentilidade tudo, & tudo vento,
 Que por hōrar os meus com grande gloria,
 Formey da Lua, & Sol meu fingimento;
 Com tudo tem escritas na memoria
 As cousas, que te disse, & o cumprimento
 Das tuas veras certo em todas ellas,
 Se he certo, que ha verdades nas estrellas,

Aqui deu fim o Mouro à profecia
 Do meu tormento grave, & deshumano,
 Que eu, Julia, tive entaō por zombaria,
 Mas toda se cumprio para meu dano:
 Cumpriose o grande amor, com que dizia
 Vos amaria o gesto soberano,
 Tambem vossa crueza imiga, & dura,
 Estranho de amor, & fermosura.

Da Arvore Triste.

96

33

Só falta, que mostreis ser fingimento
Os disfavores grandes, que me dais,
E se me mentio nisto o fraudulento
Gentio, que acertou em tudo o mais;
Naõ quero ter com vosco mais tormento,
Nem com outra, que zombe de meus ays;
Que pois me risca amor de vosso peyto,
Naõ quero a nenhum outro ser aceyto.



IV. Part.

G

A HUMA

A HUMA ROSA

O Y T A V A S.

De Jeronymo Babia.

1

E Sta de Amor Irmã, de Venus filha, (res,
 Mais que da Deosa flor, Deosa das flo-
 Que os prados engrãdece, os Ceos humilha,
 Vencendo os rayos seus com suas cores:
 Causa, quando floresce, quando brilha,
 Zelos em Flora, em Zefyros amores,
 E tanto aquella vence, estes namora,
 Que Flora fica flor, & essa flor Flora.

2

Quando fenece a noyte, & nasce o dia,
 Se ostenta taõ alegre, bella tanto,
 Que do que pena foy, faz alegria,
 Pois riso he nella, o que na Aurora he pranto
 Sorrio-se, & com naõ vista bizarria,
 Causando aflombro, & infundindo espanto
 Mostra fazendo o pranto parayso,
 Em bocca de coral de aljofar riso.

Quand

Oytavas

37

3

Quando galas inventa, librès traça,
De fina primavera Abril florido,
Para que de si mesma ao prado nasça,
Fenis defunto, & Fenis renacido:
Esta que na mòr culpa achou mòr graça,
Guarniçaõ rica de gentil vestido
Lhe poem, se já não serve de grinalda,
De ouro botoens em cazas de esmeralda.

4

Naõ menos do que bella bellicosa,
De armas cercada, de ouro guarnecida,
Gosa veneraçõs, applausos gosa,
Huns por amada, outros por temida:
E quando branda mais, mais rigorosa,
Humas mãos escarmenta, outras convida,
Unindo na riqueza, & na crueldade,
Idade de ouro, & de ferro idade.

5

Passando aos astros, repetindo às flores,
Leys de brilhar, de florecer preceytos,
He bello Tomo de elegantes cores,
Obra felis de floridos conceytos:
Aprendem rayos huns, outras verdores,
Nos volumes gentis, livros perfeytos,
Donde a bellefa imprime seu thesouro
Em folhas de rubi com letras de ouro.

IV. Part.

C ij

Di

6

Da perla fina mais, & mais luzida
 Imagem rica, clara emuladora,
 A que tem imitada, tem vencida,
 Em mar florido perla brilhadora:
 E Venus já de hum nacar produzida,
 E Venus deste nacar productora,
 Julga no tribunal dos seus amores,
 Que flor de perlas he, perla de flores.

7

Competencia fatal, copia valente
 Do bẽ menor (bem que mór Deos retrata)
 Em sua ardente cor, seu fogo ardente,
 Sua setta cruel na espinha ingrata:
 Sente mil tiros, mil incendios sente,
 O prado donde vive, donde mata,
 Sendo a pãr do jasmim, junto do baccar
 Com settas de esmeralda, amor de nacar.

8

Ferido todo, todo traspassado
 O Jacyntho gentil, violeta bella,
 Mostrando na cor sua o seu cuydado,
 Elle encendido està, pallida ella:
 O gyaçol amante defamado
 A Rosa segue, a Febo se rebella,
 Pois vendo seus dourados resplandores,
 Trocou o Sol do Ceo pelo das flores.

9

Da Deosa mais gentil filha mimosa,
 Luzes vestida, & purpura trajada,
 A pinta já sangrada, já lustrosa,
 No Ceo lustrosa, & no jardim sangrada,
 Seu astro, o sangue seu vive na rosa,
 Na Rosa, que luzida, que encarnada,
 Offrece à Deosa clara, à Deosa exangue,
 Seu astro em ouro, em purpura seu sangue.

10

Purpura mostra, ostenta brilhadora
 Luzido centro em circulo rosado,
 Do radiante Sol, da roxa Aurora
 Retrato lindo, singular traslado:
 Elle no seu brilhante centro mora,
 Ella mora em seu circulo encarnado,
 Trazendo assi, com duplicado adorno,
 Hum Sol em meyo, & hũa Aurora em torno.

11

Mas quando mais admira, mais se preza,
 Na breve flor immensa fermosura
 Succede a seu prazer sua tristesa,
 Sendo berço mimoso a campa dura,
 A gala luto, horror a gentileza,
 E sombra negra mais a luz mais pura,
 Vencendo alentos mil hum só desmayo,
 Se foy rayo de luz, de nuve he rayo.

A

A Rosa já defunta,ò viva Rosa
Enfrea com teus casos teus intentos,
Dando nesta tragedia lastimosa,
Em poucas folhas muytos escarmentos:
Adverte, ò pompa breve, quando ayrosa,
Que idades mereceu,dourou tormentos:
Olha,que a gala vã da flor Rainha
Mais perto està da morte que da espinha!



SONETOS

Do mesmo Feronymo Babia

Pergunta ao Mondego

SONETO

(dente,
G Anges do Luso, Hydaspes do Occi-
G Ouro o profundo , a superficie prata,
 Que quando ou vos limita,ou vos dilata,
 Na graça fonte sois,mar na corrente:
 Vòs, Mondego gentil, Ecco luzente,
 Donde para affogar-se se retrata
 Sumptuoso Narciso a Regia grata
 de Pallas douta, de Hercules valente:
 Pois vos dà clara Estrella berço illustre,
 E dais illustre ser à clara Estella,
 Dizey, qual mais, qual menos vos illustre,
 O feres desta pay, filho da quella?
 Direys, q̃ he mais decoro, q̃ he mais lustre
 Ser pay d'hū Sol, q̃ filho d'huma Estrella.

CHO-



CHORANDO A ROSA
SONETO.

HE mais, q̄ pranto vosso, meu suspiro,
Táto de aljofar mar, o mar de Rosa,
Porque anhelante sou, sois lacrimosa,
Que o mar he que verteis, bolcaõ q̄ espiro.
O Sol flor d'ouro em campo de safyro,
Se fea nuve abrio, com luz fermosa,
Bayxa do giro seu agoa chorola,
O que ardente vapor sobe a seu gyro.
Assi pois vosso Sol na minha magoa,
Que tanto de Sol tem, de Aurora quanto,
Quanto em fogo mádey tor ais em agoa.
He logo (ò Sol Aurora) aljofar tanto,
Mais que deluio vosso minha fragoa,
Mais he suspiro meu, que vosso pranto,

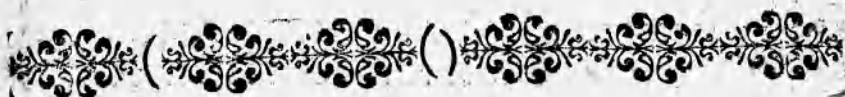


A' FONTE DAS LAGRIMAS

SONETO.

V Es essa pura fonte taõ aceyta,
 Digna de vista ser, sem ser vistosa,
 Que quãdo mais murmura, mais deleyta,
 De muda penha filha sonora:
 Ves que o gosto enfeytica, o prado enfeyta,
 E quando branda mais, mais poderosa
 Contrarios vence, opposiçoens sogeyta,
 Pois se vê fria, pois se vê chorosa.
 Ves tanta prata, ves aljofar tanto,
 Sabe Isabel gentil, & doce Isbella,
 Do ouvido suspensãõ, da vista encanto,
 Que se ella vivè em mim, que eu vivo nella,
 Ella he lagrymas toda, eu todo pranto,
 Eu de amor fonte, fonte de amor ella.





SONETO.

S Ahio, meu alto bem, felis cuidado,
 Pallas no bravo, & Venus no fermoso,
 Com tres arcos, dous negros, hũ nevado,
 De marfim terço, de evano lustroso:
 Dous de luzes, de settas hum armado,
 Amorosos os dous, hum rigoroso,
 Com q̃ temido Amor, & Marte armado
 O medo amante fes, o amor medroso.
 Os dous mataõ d'amor, hum mata de ira,
 Hũ veste sangue, os dous accendem fogo,
 Tiraõ rayos os dous, hum frechas tira.
 Mas pranto naõ se vê, nem se ouve rogo,
 Porque buscada mais do que fugida
 se dà morte por hum, por dous dà vida.



A MORTE DO CONDE DE CASTELLO
Melhor.

S O N E T O.

O Castello melhor, o melhor forte, (ra,
Gloria do Minho, horror de Salvater-
Quando subio ao Ceo, cahio à terra,
Cahio, ay triste caso, ay dura sorte!
Da mayor fortaleza de Mavorte
Hum jaspe só toda a ruina encerra,
O tempo fes, o que não fes a guerra,
O que não pode Marte, pode a morte.
Fosso lhe deu, serviolhe de estacada,
Pio o Gallego, o Castelhana exangue,
Com cadaveres hum, outro com sangue.
E fora extincta, & fora aniquilada,
A ter mais duraçáo, ou mais estrella,
Deste Castello só toda Castella.



A HUM



A HUM VALENTE, E LIBERAL.

S O N E T O.

P Rodigo o sãgue, & prodigo o thesouro
 Gastais taõ liberal, como valente,
 O Lusõ o canta, o Castelhanaõ o sente,
 Pois dais o ferro a hum, a outro o ouro:
 Com guerreyro metal, com metal louro,
 Dando pena fatal, premio eminente,
 Fazeis à gente Ibera, & Lusa gente,
 Perder o campo, & conseguir o louro.
 Vossa mão valerosa, quanto rica,
 Dilatando da vida abrevidade
 Seculos cresce, tempos multiplica.
 Faz vossa vida quasi eternidade;
 Pois sobre vossa idade vos fabrica
 A idade de ouro, & a do ferro idade.





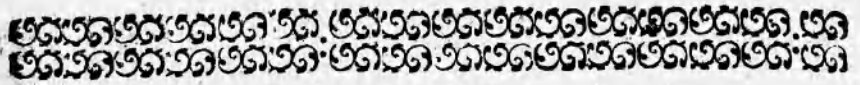
A O CONDE D' A TOUGUIA
taõ douto como valente.

S O N E T O.

VA, q̃ naõ sabe Marte, ignora Appollo,
Nem Apollo cãtar, nem vencer Marte,
Vos, Cõde excelço, em huma, & outra par-
Pasmais o mũdo, estremeceis o pollo. (te
Quanto Vulcano faz, verte Paçtolo
Ouro, & ferro, na branda, & ferõs arte,
Essa lingua defatta, essa mão parte,
De Bellona terror, prizaõ de Eolo.
Da espada o rayo, & o trovaõ do canto,
Quanto argenta Nereo, doura Pyroo
Occupa de temor, enche de espanto.
Da tumba occidental ao berço Eoo
Se foreis menos, ou sereno, ou forte,
Vos fora Apollo igual, igual Mavorte.



MAN-



MANDANDO EL REY D. PEDRO
enterrar o coração do Marques de
Marialva ao pè do tumulo de
ElRey D. Joaó IV.

S O N E T O.

CEda ò Jove na paz, Marte na guerra,
Pedro o primeyro, a Pedro se següdo,
Pois este humano, aquelle furibundo
Corações tira, mortos desenterra:
Adõde espira Igenes Pedro se encerra, (múdo,
Hum medo ao Reyno , o outro amor ao
Pois fas a hũ morto , a outro moribundo,
Grave este o fogo, leve aquelle a terra.
Tres corações, dous Janos, & hum Mavorte,
Entregue ao Lethes hũ, outro à memoria,
Hum coroa o amor, outro a consorte.
Mas ay com tanto excessso, alta victoria,
De Pedro a Pedro, o q̄ da gloria à morte,
Elle he morte de dous , vòs de hũ seis glo-

(ria

AO

AO P. Fr. ANTONIO CORREA.
Intitulando hum livro do V. Fr. Antonio
da Conceyção *Fama posthuma.*

S O N E T O.

E Ste, que prende o ar, & o ar coroa,
Fama posthuma não, mas vital fama,
Quando altiva remonta, & doce aclama
Do mundo o pasmo a gloria de Lisboa;
Esta que leve chega, & clara soa
Donde se esfria o Sol, donde se inflama,
Em berço de ouro, & de argêto em cama,
No mar Occidental, na terra Eoa;
Cem pennas lhe não dão pomposa gala,
Não lhe dão linguas cem facundo accêto,
Vestè huma penna, & huma lingua falla.
Porèm como são vossas (graõ Talento)
A pennas cento huma só penna iguala,
Igualia huma só lingua a linguas cento.



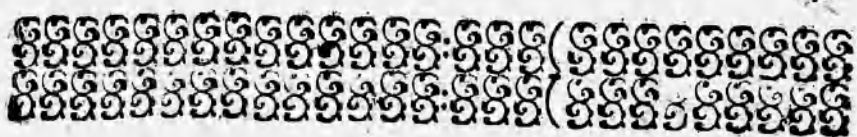
A SANCTO ESTEVAM PROTO
Martyr esculpido em huma pedra.]

M A D R I G A L

M Ais do que as mãos o peyto
De pedras teve armado,
E não menos indigno, q̄ indignado
Povo já reprovado, hum tempo eleyto.
Que vos deu n' huma, & noutra pedra dura
Proto-Martir Sagrado,
Primeyro do que morte sepultura.
Mas se então mal ferido,
Hoje bem esculpido
Se encontraõ vossas pedras de tal forte,
Que vos daõ vida, se vos deraõ morte,



A HUM



O A HUM RETRATO FEYTO
de cera.

MADRIGAL.

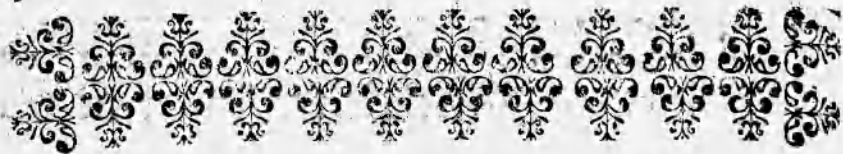
PUrpureas Rosas, & Jasmins nevados,
Abelhas engenhosas,
Colhestes, & escolhestes,
Ou nos Elyfios prados,
Ou nos Jardins celestes,
Por fazer esta cera, que me inflamma,
Cera na essencia, nos effeytos chama.
Mas hoje, que he Retrato mais que vivo,
A branda cera de meu bronze esquivo,
De minha Marcia fera,
Vos pode dar o mesmo, que lhe destes:
Vinde pois a colher na bella cara,
Abelhas amorosas,
Jalmins nevados, & purpureas Rosas.



M Part.

D

ES



PENANDO AUZENTE, E PREZENTE

. M A D R I G A L .

SE a vossos olhos chego,
 Se delles me desvio
 Na dura auzencia, & no suave emprêgo,
 Hum incendio padeço, & choro hum rio;
 E sempre em tal pezar, & prazer tanto,
 Se turba a vista em luz, se turba em prâto.
 Ay como temo, que me fação cego,
 De ver no gosto, & de não ver na magoa,
 Vossos olhos cõ fogo, & os meus cõ agua.



GLOSA DO MESMO AUTHOR.

Vida fallayme hoje,
Que a manhã vem longe.

DECIMAS.

1.

Senhora, que sois de Amor
Melhor Venus, mor Deidade,
Vos menos que flor na idade,
Na lindeza mais que flor,
Abranday tanto rigor,
Sem esperar hum momento,
que aquem foge o pensamento,
Tambem o tempo lhe foge;
Vida fallayme hoje,
Que a manhã vem longe.

2.

Ah deyxay tanta tardança,
Pois sinto, doce Sirena,
Eternidades de pena,
Em minutos de esperança:
Minha affeyção não se cança,
Mas temo que a vida falte,
Antes que amor vos assalte,
E do desdem vos despoje;
Vida fallayme hoje,
Que a manhã vem longe.

IV. Part.

Dij

327

3.

Sabey, Idolo de neve,
 Que o Menino Deos arqueyro;
 He por settas muy ligeyro,
 E por azas muyto leve:
 Amay pois em tempo breve,
 Deyxay taõ cançado modo,
 Porque amor, que he preça todo,
 Dos vagares naõ se enoje;
 Vida fallayme hoje,
 Que a manhã vem longe.

4.

A flor, que entre espinhos mora,
 Que quando as aves daõ salva,
 Recolhe perolas da Alva
 Entre nacares de Flora:
 Quando a Abelhinha a namora
 Logo defere à Abelhinha,
 Nunca pois a flor Rainha
 Ser taõ dura se lhe antoje;
 Vida fallayme hoje,
 Que a manhã vem longe.

5.

O Sol, que, qual gyrafol,
 A vossas luzes se entrega;
 Taõ veloz corre, que chega
 De hum mundoa outro com Sob

Decimas:

93

Imitay pois feu farol,
Para que não se repare,
Em que hum Sol na terra pare,
E no Ceo hum Sol se arroje.
Vida fallayme hoje,
Que a manhã vem longe





A F. QUE COMIA BARRO.

DECIMA;

Dizem-me que estais doentõ
 De doença taõ pezada,
 Que com ser de barro he nada,
 E só no peso se sente:
 Credeme, que estou contente,
 Pois quando a terra comeys,
 Mais eterna vos fazeyz,
 Pois a terra os corpos come,
 E se a comeis vós com fome,
 Quem vos coma não tereis.



A O V. P. F R. A N T O N I O D A
 Cõceyçãõ Religiofo da Santiffima Trindade,
 que morreo com opiniaõ de infigne em
 virtudes.

C A N C, A M.

I.

V O's flor de Portugal, antes coroa,
 Que da mayor, q̃ da menor Trindade
 Sois no Ceo mimo, & põpa no universo,
 Igual em nome, em patria, em sanctidade,
 A' luz de Padua, à gloria de Lisboa,
 Que n' huma tẽ sepulchro, & noutra berço.
 Se quereis que meu verso
 Suspenda por facundo,
 Como esferas no Ceo, feras no mundo,
 Defengastay do polo esclarecido
 O Plectro, que guarnecem luzes bellas,
 Para voffo louvor, pois he devido
 A louvores do Sol plectro de estrellas;
 E mostre em minha mão com doce enleõ,
 Que não morreo, ou que renasce Orpheo;
 Do Ceo, não do Libetro
 Bayxe furia elegante ao culto metro,
 Pois

Pois tem, para ditar versos canoros,
Se hum nove Mufas, cutro nove cheros!

2

Donde ao mar furibundo o Tejo aceyto
Pede socorro, em vez de dar tributo,
Por fazer digno espelho, em crystal frio,
A' Cidade feliz do Grego astuto,
(Roma de Portugal)q̃ tanto objeyto,
Pedia hum mar, & desprezava hum rio,
A bristes ao rocio
De vossa alva serena

O mimoso botaõ, pura açucena
Crescestes, mas temendo ser ferida,
De aspid entre boninas occultado,
Vos transplantais no verde Abril da vida
Ao seguro jardim , horto fechado,
Que unindo fertil terra, & Ceo benigno,
He na fragrãcia hũ só, & em nome he Tri-
Onde perpetuamente (no
Manchada nunca, sempre florecente
Vos cercaõ, Virgem flor, cõ brãdos gyros
Agoas de pranto, & auras de suspiros.

3

Em guerra douta, sendo a penna lança,
O pendaõ de Aristoteles seguistes,
Com applauso geral, com alta gloria,
Primeyro convencestes, que arguistes;

Mas quem vencido foy, tambem alcança
 Em ser vosso trofeo sua victoria.
 Felice na memoria,
 Incansado no estudo,
 Em tudo universal, unico em tudo,
 Ostentastes tal arte, engenho tanto,
 Em toda a occasião, em toda a parte,
 Que pudera brilhar, com raro espanto
 Sé arte o engenho, & sem engenho a arte.
 Aos livros as virtudes vinculaastes,
 Huns aprendestes, & outras ensinastes,
 E posta em competencia
 Vossa sciencia, & vossa consciencia,
 Tivestes superior, mas igualmente,
 Tanto de douto, quanto de innocente.

4

Sãbia a cadeyra, o pulpito elegante
 Vos esperava ja, ja vos pedia,
 Novo Thomas, Chrysofotomo segundo,
 Mas vòs dado a Rachel, negado a Lia
 Desta desprezador, daquella amante,
 Deyxays tanto a sciencia, quanto o mudo.
 Aspero, mas jocundo
 Ermò vos persuade
 Que Cidade façais a soledade,
 Mudo alli, bem q̃ a Deos mais eloquente,
 Alli só, mas do Ceo acompanhado,
 Taõ

Taõ parco vos portais, taõ abstinente,
 Que a fonte vos dà copo, & prato o prado:
 Antes (q̃ affim vossa abstinencia excede)
 Vos dà prato o jejum, & fonte a fede:
 Com disciplina eterna
 Argos novo ficais, Fama moderna, (gue,
 Que verteis da alma tẽrra, & corpo exan-
 Agoa por dous, & por cem olhos fangue.

5.

O fallar foy silencio, o viver morte,
 Tremenda cova, rigido aposento,
 A terra cama, & avigilia sono,
 Mas possuis tal gloria em tal tormento,
 Que o sũmo Rey, aquẽ na etherea Corte
 O Sol dà solio, os Thronos fazem throno,
 Para sublime abono
 De seu amor divino,
 Por grande vos fazer, se fas menino:
 E com rara affeyçãõ, com ledo vulto,
 Os braços seus a vosso collo entrega,
 Da branca nuvem, donde Sol occulto,
 Merces concede, & resplendores nega;
 O' mimo singular, amor porfundo!
 Segundo fois Antonio, & sem segundo,
 Ceda o primeyro Sancto
 A tanto beneficio, a favor tanto,
 Pois dà trocãdo as mãos, mudãdo os laço

Canção.

39

Se braços elle a Deos, Deos a vòs braços.

6.

Os Cidadãos do Ceo, Anjos do mundo,
Assistem no mysterio sacrosancto,
Mas suspendida a voz, & mudo o coro,
Que como vòs chorais cessa seu canto;
Porque fora mais grato, mais jocundo
Que não o coro seu, o vosso choro.
Corre com tal decoro
Das perolas em fio
O mar não amargo, o mar não frio,
Que muy mais encendidas, que banhadas,
De diversas cazullas varias flores
Despem, do tenro pranto namoradas,
Por vestir suas cores, suas Cores.
Ou foy, que resultando luzes bellas
D'alma no corpo, & do corpo nellas,
Nevadas se fizeraõ,
Para glorias vos dar, que a Christo deraõ;
Tendes no templo, as q̃ no monte teve,
Vòs de neve trajais, Christo de neve.

7.

Seguindo o Crucifixo, a Crus tomastes, (bros;
Dando ao Ceo glorias, ao Inferno assom
Com valor taõ fatal, taõ nunca visto,
Que posta a dura Cruz aos brãdos hõbros
Vos imitou o mesmo que imitastes,

E se

E se a Christo seguis, vos segue Christo:
 Sois do Ceo taõ bem quisto,
 Que se fes seu Cupido
 Vosso sequaz, sendo de vòs seguido.
 Muitos annos assim vos acompanha
 Vosso amor, vosso amado, vosso amante,
 Tomãdo o sacro lenho (oh cousa estrãha!)
 Se passivel por nòs , por vòs triunfante.
 Mais q̃ o mundo vos ama, & bem o fũdo,
 Pois mais cõcede a vòs, menos ao mũdo.
 Traz o Lenho precioso
 Pelo mundo mortal, por vòs glorioso,
 Por hum na dor, por outro na alegria,
 Muitos annos por vòs, por elle hum dia.

8.

De Profetico espirito dotado,
 Ser patente fazeis o que era escuro,
 E fazeis o futuro ser presente,
 A vòs presente foy sendo futuro
 O dia, que vos tinha destinado
 Na terra occaso, se nos Ceos oriente;
 E quando Alva luzente
 Quer abrir ao Sol louro
 A porta de zafir com chave d'ouro,
 Depois que com virtudes excedestes
 Os numerosos annos, que contastes,
 Com vosso corpo a terra florecestes,

E com

E com vossa alma o polo illuminastes,
 Adquirindo nas prendas peregrinas
 Hum mais estrellas,outra mais boninas,
 E por abono grave
 De que sois clara luz,& flor suave,
 Quãdo vossa alma,& vosso corpo encerra,
 O Ceo resplandeceo, cheyrou a terra.

9.

Musa;naõ mais,que em mar taõ dilatado
 He meu debil engenho concha breve;
 Valente penna de Escritor Sagrado,
 Grave em sentenças,como em voos leve,
 Tal morte,vida tal, tal Sanctidade
 Ao tempo furte,entregue à eternidade:
 Trate de Antonio Antonio,
 De Livio pafmo,& medo de Suetonio,
 Ambos jaçte Lisboa,admire o mundo,
 Este por sancto,aquelle por facundo.



RO-



ROMANCES VARIOS

Do mesmo Jeronymo Bahia.

Ao mesmo V.P. Fr. Antonio da Conceyção
da Ordem da Santissima Trindade.

ROMANCE BURLESCO.

S Ancto novo, mas tão grande,
Tão augusto, tão famoso,
Que fazeis esquecer velhos,
Mais por grande, que por novo.
Versos vos quero cantar,
Bem que amigo vos supponho
Não de Poeticos termos,
Porèm fim dos Oratorios.
Vossa Patria foy Lisboa,
E vossos Pays generosos
por ter de vòs muyto tento
Tiverão muitos abonos.
Primeyro chamar soubestes
Que o Pay vosso o Padre nosso,
Primeyro amastes coquilhos,

Romance burlesco.

63

Do que temelleis os cocos
Antes de ser o Sol nado,
Quanto mais depois de posto,
Rezays as Ave Marias,
Jà das Trindades devoto.
Com tudo me dizem muytos
Velhos hoje, entaõ cachopos,
Que lhe lieys a cartilha
Com graças mil, com mil gostos,
Com muytos razoens tivestes,
E se os vieys descompustos,
Lhes daveis, por seu ensino,
Cos Mandamentos em rosto.
Taful pertendeo o mundo
Fazer de vossa alma roubo,
Vòs o deyxastes na flor,
Dando de pãos a seus ouros.
As riquezas desprefastes,
Que promette manirroto,
Pintando-se muy mais largo
Do que o pintamos redondo.
Por vencer suas batalhas,
Por rechazar seus encontros,
Em Ordem Trina vos pondeis,
Como esquadraõ Macedonio.
Artes fostes estudar,
Porèm mostrastesvos logo
Do

Do Individuo descuydado,
 Se da abstracção cuydadofo.
 Passastes diversos livros,
 Nos d'Alma muy curioso,
 Nos da morte muy lembrado,
 E nos do Ceo muy absorto.
 Do bem soubestes muy bem,
 Mas de hum tudo, & nada de outro,
 Tudo soubestes do honesto,
 E nada do deleytofo.
 Se vos fonda o cabedal,
 Que não sabeis me resolvo
 Nem por sombras divisoens,
 Diferenças nem por sonhos.
 Em fim deyxays os estudos,
 Mas o deyxallos approvo,
 Porque para feres Mestre
 Sò tinheis certos tres votos:
 Fugis da Filosofia,
 Mas não a deyxais de todo,
 Que he da solidaó o estado,
 Parte sua, & vosso porto.
 Alli chorais tantas agoas,
 Que não posso entender como,
 Sendo agoado de tal forte,
 Fostes puro de tal modo.
 Erets por habito Trino,

Romance burlesco.

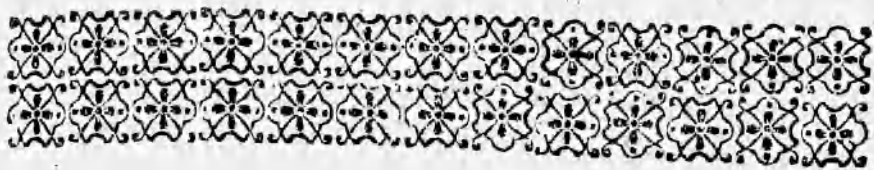
65

Ereis terno por choroso,
E sem fallar com ninguem,
Corrente vos achão todos.
Ainda mais que do cilicio,
Fostes amigo do choro,
Pois hum trazeis apertado,
Outro deyxais andar solto.
Para matar o appetite
Dizem que ervastes o gofsto,
Com ervas mais que comida
Dèstes à barriga como.
No tribunal da dieta
Tanto castigais o corpo,
Que bem que não fois mà carne,
Pondes a carne nos ossos.
Muyto innovastes nas Missas,
Pois com nunca visto troco,
As que são em si cazulas
Alvas em vòs as encontro.
Alli Deos feyto Menino
Pendia do collo voffo,
Que como vos achou Virgem,
Quis andar ao voffo collo.
Tanto que vos vi nos braços
Hum Menino taó fermoso,
Disse entre mim este Padre
Hade ser hum Santo Antonio.

E

A

A quanto pedis na Missa
 Dis amens o Rey do polo,
 E a Missa não se danava,
 Bem que tinha amens sem conto.
 Muytos amens tinha a Missa,
 Porém creyo, porém noto,
 Que comparados às glorias,
 Os amens ficavaõ poucos.
 Em fim, depois que viveo
 A vossa alma em vosso corpo,
 Este seculos de ferro,
 Mas aquella idades de ouro.
 Morrestes como hum Santinho,
 Beyjouvos os pés o povo,
 Que sempre por Padre Santo
 Vos julgou, em vivo, & morto,
 Prègou o grande Correa,
 Deyxando a Tulio envejoso,
 Consul, que por oraçoens
 Senaõ livrou do demonio.
 Os Poetas vos louvaraõ,
 Fallando em vossos assombros,
 Eu só por bocca de ganço,
 Por bocca de cysne os outros.



A O M E N I N O J E S U
em metafora de juras.

R O M A N C E.

A O Menino de Belem
 Me deyxem fallar de chança,
 Que posto que he pequenino,
 Por Deos tem immensa graça.
 Dizem quer irse, & deyxarnos,
 Mas vejaõ là como fallaõ,
 Que elle hade ficar com nosco,
 Pela Hostia Consagrada.
 Dizem que hade viver pouco,
 Quem o dis muyto se engana,
 Que hade ter por Deos Eterno
 Annos sem fim, vida larga.
 Eu lhe affirmo pelo Cso,
 Pelas Estrellas douradas,
 Naõ tem seu poder limite,
 Nem sua grandeza tacha.
 Tem sobre o monte de Venus
 Huma muy fermosa raya,
 E ij Que

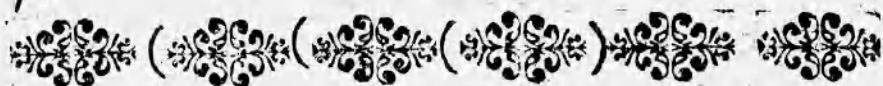
Que mostra hade ser por *Christo*,
Sacerdote, Rey, & Papa.
Quem lograr este Menino,
Como nelle tudo alcança,
Pelas Reliquias de Roma
Não tem que se cançar nada.
Tambem tenho por muy certo,
Sem saber de chiromancia,
Que hade vir este Menino
A ser morto *por minha alma*.
Tem hum perigo de pedras,
Mas livrar-se ha das pedradas,
Mas por minha salvação
Dos trinta, & tres não escapa.
Com ter muytas dignidades
Sua Pessoa Sagrada,
Levarà *por vida minha*
Huma vida bem cançada.
Hão de comelo a boccados
Os amigos, que mais ama,
E mais *pelo Sacramento*
Do altar lhe caem em graça.
Tanto desprezarà as glorias,
Que hade ter das penas ancias,
E o Reynado de *Ísrael*
Trocarà *pela Cruz Santa*.
Mas hade ser Capitaõ,

Ao Menino Jezu.

69

E obrará grandes façanhas,
Pelos *Santos Evangelhos*
Hade ter no mundo fama.
Sendo Menino, hade andar
Desterrado por estradas,
Será levado a Egypto
Pela Virgem Consagrada.
Certo Rey para o matar
O pertende haver com manha,
Mas por *hum Anjo do Ceo*
Hade escapar suas traças.
Com tudo he Evangelho
Em que não pòde haver falta,
Que tudo por *JESU Christo*
Se hade cumprir: isto basta.





A S. ANTONIO ALLIST'ANDO-SE
por soldado.

REDONDILHAS.

De Feronimo Bahia.

SE, Antonio, assentado estais,
Naõ façais na guerra falha,
E se heis de hir para a batalha,
Como assim vos assentais?

Se Portugal vos conduz,
Hide a ser Portuguez Marte,
Tendo as armas d'huma parte,
Tendo de outra parte a Cruz.

Vesti, leal Portuguez,
Esse burel mais galhardo,
Que he certo que desse pardo
Naõ està seguro Aranjuès.

Tendes armas peregrinas,
Tendes (aceytayme os gab s)
Nessa Cruz Divinos cabos,
No livro folhas divinas.

Nesse Terço de Lisboa
Destá vez hide allistado,
Que hum Terço com tal Soldado
Segurar bẽ pode a coroa.

Bem

Bem podeis lançar à quadra
De vossa esquadra o trofeo,
Pois das esquadras do Ceo
Sois sempre cabo de esquadra.

Se fer Sargento quereis,
Fazey milagroso o dia,
Que em taó boa companhia
Certo milagres fareis.

Marchay, Alferes Divino,
Para a batalha animoso,
Pois tremolais victorioso
Por bandeyra a Deos Menino.

Ajudaynos, pois á falla
Temos o inimigo diante,
Sede pois noſſo Ajudante,
Porque o fareis com bem galla.

Voay, qual ligeyra, setta,
Meu Capitaó singular,
E naó deyxéis de levar
Vosſo pagem de gineta.

Todo o posto vos em campo,
Pois sois Soldador de porte,
Que se sois Mestre de Corte,
Tambem sois Mestre de campo.

Hide general perfeyto,
Eleyçaó, que foy dos Ceos,
Pois tendes o mesmo Deos,

A

A vossas ordens fogeyto.

Hide, que sem quebrar votos,

Sereis hum rico Soldado,

E posto sois remendado

Nunca Nós seremos rotos.

Hide certo, que nas linhas

Lhe heis de dar golpes tremendos,

Pois só com vossos remendos

Lhe haveis de gastar as linhas.

Hide, que vós bastais só,

Contra quem domarnos vem,

E lutareis muyto bem,

Pois sois segundo Jacob.

Hide já, & acabareis

De desfazer estes laços,

Que se andais com Deos abraços

He certo que vencereis.

Hide, que posto estaõ fartos

De empenharnos esta vez,

Tendo nós tal Portuguez

Faremos Castella em quartos.

Hide vencendo, & domando,

Naõ perca is o patrimonio,

Que em chegando Santo Antonio,

Haõ de hirse com Saõ Fernando.

Hide a fazernos afagos,

Ao caminho ponde os pe

Pois

Redondilhas

73

Pois só com tal Portuguez
Ficarão todos bem pagos.
Tempo he, Santo, de marchar,
Que ha muyto, que vos esperaõ,
Jà que o habito vos deraõ,
Antes de hires peleyjar.
Levay grande coraçãõ,
Contra o Carrecena grulha,
Que bem se hade haver na Bulha,
Hum Soldado que he bulhaõ.
Nas palmas o Rey da Gloria
Levais, naõ temais mil almas,
Que tendo taõ boas palmas
Tendes segura a victoria.
Jà que sois o nosso abrigo,
Day logro a nosso dezejo,
Acudi ao Alentejo,
Que já naõ està todo trigo.
Castella destruireis,
O' Portugues Superior,
Correreis, por ter valor,
Com valor, naõ correreis.
Naõ temais, naõ, se diante
Virdes ballas de contino,
Que se o peyto he do Menino,
Tendes peyto de diamante.
Meu Santo, acodinos vós,
Posto o cordaõ, em que estaõ, An-

Antes de o fazer cordaõ
 Custaraõlhe muyto os nõs.
 Se vossa mão nos soccorre,
 Serà a pé quedo assolado,
 Porque hum Portuguez Soldado,
 Posto val muyto,naõ corre.
 Livraynos já neste lago,
 Deste Leaõ furibundo,
 Mostray já a todo o mundo,
 Que estais de nõs muyto pago.
 Acodinos nesta hora,
 Pois já muyto antecedente
 Deyxastes de ser Vicente,
 Por hir de barrete fóra.
 Se desse Manà fois Arca,
 Sustentay a praça nossa;
 Que só huma alparca vossa
 Lhe pode servir de Parca.
 Pelejay,sede farol
 Dessa escolla militar,
 E bem podeis pelejar
 Pois tendes parado o Sol.
 Quem vos tem,naõ lhe faz mingoa
 Os cabos muyt anciaons,
 Porque obrais muyt bem de mãos,
 Com terdes taõ boa lingua,
 Cortay,qual duro cutello,

Redondilhas

75

Naõ fiquem peytos, nem malhas,
Quem leva o Deos das batalhas
Naõ leva nada em capello.
Lançaynos fóra estas pragas,
E se tendes (por favor)
A Deos ferido de amor,
Defendeylhe as suas chagas.
Vejaõ-se vossos poderes,
Lançay fóra o Castelhanao,
E inda que sois Franciscano,
Day Santo, quanto puderes.
Vistaõ de escarlatas roupas,
Militem com mais decoro;
Se fostes Moço do coro
Hidelhes vestindo as opas.
Castella hum memento reze,
Por quanto desta ves cudo,
Que heis de, Antonio, vencer tudo,
Porque estais nos vossos treze
Muyto, Santo, nos amais,
Pois assim nos acodistes,
Ha poucos dias cahistes,
E hoje já nos levantais.
Com tudo se vos apraz,
Fazey que o forte Leão
Visto deyxar tanto paõ,
O venha buscar com paz.

FA-



FABULA DE APOLLO,
& Daphne

Do mesmo Author

ROMANCE.

CAnto a Historia daquelle,
 Que na Celeste Carroça,
 Sendo o Cocheyro do dia,
 He Conde andeyro das horas.
 He Fidalgo de Solar,
 Que em seu privilegio cobra
 A moradia dos Ceos,
 Das noutes, que na agua mora.
 Este pois Assumpto digno,
 Desta empreza generosa,
 Preste a lira, porque entoe,
 Em seu contraponto à solfa.
 O' tu, que senão me engano,
 Pòdes dar à mais fermosa
 Com todas as peças mate,
 De dama por peça a todas.

de Apollo, & Daphne.

77.

Tu, que não só na belleza,
Mas nessa graça, que mostras,
A Venus de enveja tens
Toda metida nas conchas.

Tu, que em mares de bellezas,
Conduziste às partes nossas
Em tuas mãos, & cabellos
Mais prata, & ouro, que as frotas.

Tu, que dás aos Lapidarios
Safyras, rubis, aljofar,
Tudo o que se vê por olhos,
Te vem a pedir por bocca.

Ouve os successos de Apollo,
Que presumo, quando os ouças,
Se eu faço historia de conto,
Tu faças conta da historia.

Dà teus ouvidos aos versos,
Que com que nelles os ponhas,
Quem vir, que os arrecadas,
Os deve de ter por joyas.

Guardava vaccas de Admeto,
Rey de Tessalia famosa,
Apollo, que por palavras
Se exercitou em tais obras,

Era o tal hum Mochachaõ
De fórma maravilhosa,
E sem mentir, nem gabar,

Como

Como dizem, d'ouro em dobras.
 Tinha os cabellos tão louros,
 Que inda hoje farey aposta,
 Que ninguem os tem tão bons,
 Cà para detras das costas.
 Os olhos coufa he sabida
 Que fervem, quando lhe importa,
 De luminarias no Ceo,
 De alegria à terra toda.
 Da bocca, & dentes presumo
 Que será coufa muy pouca,
 Pois não dizem delles nada,
 Inda quem dis grandes coufas,
 No mais do corpo, & donayre
 Era muy bella pessoa;
 Pelos altos Villa Curta,
Hafia los pies Villa Longa.
 Perdido andava este Moço
 Por huma certa Senhora,
 Filha do Rio Peneo,
 Graó pescador de minhocas,
 Cortezaõ, que là da Serra
 Bayxava com grande força,
 A beyjar humilde as plantas
 De mil arvores, vicofas.
 Dizem que deste naiço
 Daphne, aquella graó Senhora,

de Apollo, & Daphne.

79

Desde os pès atè acabeça
Feyta de neve, & de alcorça.

Mas pois pintallá'pertendo,
Dame, minha Musa, agora
Teu favor, que se me falta,
Ficará de tintas mortas.

Naó queyras verme perdido,
Dame teu traslado, & copia,
Que temo me dem olhado,
Se vem que tu me naó olhas.

Teve pois a ditta Daphne
As gadelhonas taó louras,
Que inda hoje, em aneis d'ouro,
Se conservaó as memorias.

Solto o cabello nos hombros,
Ou recolhido na coifa,
Ou era lizonja ao vento,
Ou guarnição da lizonja.

A branca testa da neve
Tanto ficou vencedora,
Que sempre em campanha livre
Candida ostentou victorias.

Sotilmente as sobrancelhas
Em seus dous arcos compostas
Duquezas saó de Florença,
Quando saó negras de Angola.

Os olhos de bem rasgados

Se

Se meterão à valentona,
 No bayrro da boa vista,
 Com morarem na Bemposta.
 Duas meninas os servem,
 Taó lindas, graves, & ayrosas,
 Que inda, que andaó nas capellas,
 As veneraó por senhoras.
 Ambas vestem de esperança
 Direytamente ala moda,
 E sem ter nada de geyto,
 Saó mais que todas geytosas.
 De pestanas se guarnecem,
 Cujas bem agudas pontas
 Em competencia de bellas
 Se topaó humas com outras.
 Maçans vendia seu rosto,
 E flores muy preciosas;
 Sendo barata de tudo,
 He só muy cara de rosas.
 Naó lhe fallo nas orelhas,
 Porque temo que lhas comaó
 Por rosquilhas de alfenim,
 Algumas destas golosas.
 Do Naris naó sey que diga,
 Mas sey, que a ditta Senhora,
 Esteve muy arriscada,
 Por hum trinco a hir a Roma.

de Apollo, & Daphne.

Com bocca, beyços, & dentes

Encanta, suspende, affombra,

Todos deyxá bocca aberta,

Se acerta de abrir a bocca,

Bem no remate da cara

A drede mysteriosa

Faz huma cova, onde a graça

Junta com o riso mora.

Tem de crystal a garganta,

E desce taõ vagarosa,

Que dentro em muy breve espaço

A vista a traspassa toda.

As mãos não são de papel,

Que aquellas piquenas folhas

Deyxão de ser de açucena

Por serem flor de Lisboa.

Os pès, por carta de menos,

Sempre perderão na polha,

Nem já mais fizeraõ vaza,

Posto que levaraõ fota.

Esta pois filha do Rio

(Porque nessas aguas proprias,

Melhor serà, que outro dia

Refresquemos as memorias)

Teve hum encontro com Febo,

Essa deydade lustrosa,

Que nas balanças do Ceo

F

O ouro peza sem conta.
Mas ella, que a gravidade
Antes vendia às arrobas,
Agora com todo o corpo
Naõ era mais que huma onça.
Porèm Apollo à porfia
A alcançala se esforça,
E largando ao Coche as redeas,
Corria à redea solta.
Ella, que se vio perdida,
Desmayada, & quasi morta,
Contra Apollo em alta voz
Logo as Deydades invoca.
Acodi Deusas Supremas,
Naõ consentais minha affronta;
De quem me quer deshonnar
Como posso esperar honra?
Em arvore me muday,
E seja por graça vossa
Das que daõ folhas sem fruto;
Porque me conserve em folha.
Nisto Apollo, que chegava
Como jogador da bolla,
E hindo bollando com ella,
Logo em Louro se transforma;
Ficou de vella perdido;
Quando nos braços a toma;

de Apollo, & Daphne.

73

Deu com a luz pelas paredes,
E varreo com Sol as moutas.

Fez trinta mil labyrinthos,
As iras do Ceo provoca
A' morte, & ao pê do Loureyro
Feyto hum caõ chamava à cova.

Quem haverà, que tal crea!
Ou que tal affirmar possa!
Apollo o não pode crer,
E a Daphne assim falla agora.

Tu es, lhe disse, tu foste,
Tu seràs, como tu foras,
Hum *sum es fui* em pedaços
Lançou pela bocca fóra.

Cançado de chorar tanto,
Em mares os olhos volta,
Donde mergulhando as luzes,
Surge de menhá de rosas.

Vizitaraõ-no as Deydades
Feytas ameyjoas, & ostras,
E Amor, que nas aguas arde,
Vinha feyto huma lagosta.

Disseraõ-lhe cousas raras,
E Amor, que o peyto lhe exorta,
Lhe deu invidando o resto,
Mil lições de maço, & mona.

Apollo, Apollo, lhe disse,

F ij

Per.

Porque agonizas, que choras?
 Por dita de guardar vacas
 Te fizeste vaca loura.
 Dorme o teu sono quieto
 Entre tropicos, & zonas,
 Anda em caminhos do Ceo,
 Que tudo o da terra he sombra.
 Daphne já nas convertidas
 Tem profestado de Monja;
 Porque lhe veyo por casta
 O que vem às mais por loucas.
 Como Jupiter teu Pay
 Só venera a tua esposa,
 Ordena, que os rayos seus
 Não toquem no pão da nora.
 Marte tambem por honralla
 De seus ramos se coroa,
 Quando elle as victorias dà,
 Ella he a que dà as gloria s.
 Disse, & logo, como hum rayo
 Elle, & os mais compatriotas,
 Porque Apollo descançasse,
 Se foraõ pelas escorvas.
 Isto passou na verdade,
 Assim como aqui se conta
 Foy esta a Historia de Apollo,
 Que eu não sou homem de historia.



A' FERMO SURA DE MARCIA.

ROMANCE.

SI escucho Marcia la dulce,
 Si miro Marcia la bella
 Es basilisco a mis ojos,
 A mis oídos Sirena.
 Saquea su beldad rara,
 Su placida vos saquea
 Un alma por dos ventanas,
 Un corazón por dos puertas,
 En su dulçura arrobado,
 Arrobado en su lindesa,
 No puedo verla al oirla,
 Oirla no puedo al verla.
 Quando regala un sentido,
 Otro sentido enagena,
 Y ansi linda me enfordece,
 Y ansi Canora me ciega.
 Es su melodia de Angel,
 De Angel es su gentileza,
 Por hermosa estrella clara,
 Por dulce vocal estrella.
 Hermosa quanto suave,

Dupli-

Duplicado Sol se ostenta,
 Es luz Phebea a quien mira,
 A quien oye es luz Phebea.
 Encuentra un Cielo, quien mira,
 Y quien oye un Cielo encuentra;
 Es su voz celestial,
 Celestial su belleza.

Serenidad, y hermosura
 Yguales corren parejas;
 Serena su luz alayre,
 El ayre su voz serena.

Entre el cabello, y la voz
 No puedo hallar competencia;
 Ella fina, y fino el,
 El es prision, prision ella.

Clara voz, y frente clara
 Tiene puesto en controversia,
 Si es mas serena la frente
 Si la vos es mas serena.

Quando flecha con los ojos,
 Quando con las voses flecha,
 Dos arcos de evano dobla,
 Dobla dos arcos de perlas.

Por su blandura, y blancura
 La garganta de Acucena
 Es tan Cysne por dentro,
 Como Cysne por defuera.

à fermosura de Marcia.

77

La mano blanca, y voz dulce

Andan siempre en competencia,

O si es mas tierna la mano,

O si la voz es mas tierna.

El pie con la voz compite

Sobre quales mas recrean

Los passos, con que ella canta,

O los passos, con que huella.

Esta la voz es de Marcia,

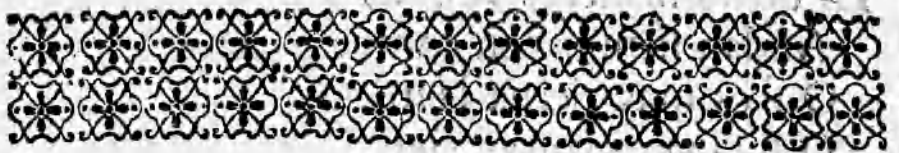
De Marcia la beldad esta,

Mas miento, que es muy mas dulce,

Mas miento, que es muy mas bella.



MANE



MANDANDO AO INQUISIDOR
 Alexandre da Sylva o Romance feyto a Santo
 Antonio, que demos no III. Tomo.

R O M A N C E.

E Ste minimo Romance
 Em tudo vay sometido
 Aos poderes de Alexandre,
 E às leys do Santo Officio.
 Para que possa correr
 Tem pes mais de vinte, & sinco,
 Delhe licença Alexandre,
 Senão ficara corrido
 Vay composto em Castelhana
 Porque a Cancer parecido
 Quero ser, pois Cancer sou,
 Quero imitallo no estyllo,
 Mas que Satyra pareça,
 O que for bem advertido
 Nella achará mil louvores
 De Antonio, & mais do Menino,
 Como ando cego por elles,

ao Inquisidor Alexandre da Sylva.

79

Taõ louco, & taõ presumido,

Dou cacheyradas de cego

Ao burlesco, & ao Divino.

Vos que sois o meu Mecenaz,

Poeta mais que Virgilio,

Relevareis minhas faltas

Com eu ser taõ attrevido.

Tenhais Senhor boas festas

Com muyto gosto, & allivio,

Senaõ forem de cavallo,

Sejaõ de pè, & andeis rijo.

Naõ volas posso eu ir dar,

Que desque entrou este frio

Naõ posso por pè no chãõ,

E mayormente em ladrilho.

Que aperna, que Deos me deu,

Como perna de marisco,

Ou perna de caranguejo,

Para, tras anda comigo.

Com este pè de cantiga

Posso só Senhor servirvos,

E quero com este pè

Darvos materia de riso,


E que o Senhor Presidente

Esteja doente sinto,

Deos o fare, porque acabe

A festa com regozijo,

AOS



 AOS DESPOSORIOS DO SERENISSIMO

Senhor Rey D. Affonso VI.

ROMANCE.

Dividido em tres partes

I. PARTE.

Que ufano estará Cupido,
 Hymeneo que arrogante?
 Hoje mais luz deste a facha,
 Hoje a daquelle mais arde.
 Mais luz huma, arde mais outra,
 Porque ambas vem a occuparse
 Nos mais luzidos esposos,
 Nos mais ardentes amantes.
 Affonso, a quelle, que reyna,
 Com mil acções singulares,
 Mais entre os Reys por virtudes,
 Que entre os vassallos por sangue,
 Cujá heroyca valentia,
 Real liberalidade,
 Para ser papel de Affonso,

Romance

Foy ensayo o de Alexandre.
Em cuja fronte eminente,
Em cuja maõ fulminante,
Se vê de balde a Coroa,
O Sceptro se vê de balde.
Pois faz da fronte, & da maõ,
A Senhoril gravidade,
Que huma baste por Coroa,
E que outra por Sceptro baste.
Cuja magestade he tanta,
Que, regendo as quatro partes,
Faz que fique a Monarquia
Menor do que a magestade.
A cujo merito raro
Naõ fora Imperio bastante
Mandar tantos universos,
Quantas domina Cidades.

II. PARTE.

Maria aquella bellefa,
Por quem as que julgou Paris,
Tres Furias pareceraõ,
Bem que foraõ tres deydades.
Tãõ bella, que sendo amada
Mais que nenhuma o foy antes,
Parece amada muy pouco,

Por

82 *ao Serenissimo Senhor Rey D. Affonso VI.*

Por ser muyto mais amavel,

A cujo louro cabello,

A cuja encarnada face,

Paga tributo a coroa,

A purpura vassalagem.

Cuja fronte mais que humana,

Faz que ao Monarcha mais grande

O Amor com dous olhos cegue,

O Sol com dous arcos mate.

Taõ discreta que parece

Que nella veyo a juntarse

Com mais do que Venus brilha,

Mais do que Minerva sabe.

Em fim digna de que Affonso

Sobre tropheos taõ notaveis,

Se preze mais de vencido,

Que se preze de triunfante.

E digna de mayor Reyno,

Se póde mayor chamar-se,

Que aquelle, onde està Maria,

Que aquelle, onde Affonso cabe.

Estes Augustos fogeytos

Com chamadas, & bodas fazem,

Que Amor mais se vanglorie,

E que Hymineo mais se jacte.

Tanto os dous se ensoberbecem,

Que não sey como se engastem,

Romane

83

Em corpos de dous meninos;
Soberbas de dous gigantes.
Porém sem razão presumem,
Pois tem nesta gloria parte,
Mais que Hymineo cada esposo,
Mais que Amor qualquer amante,
Alternamente renderão
Cada qual as liberdades,
Sem de Amor, ou de Hymineo,
Intervir, ou força, ou arte.
A fama os venceo, & unio,
Por final que com cançar-se,
Dizendo encarecimentos,
Não pode igualar verdades.
Pelos ouvidos se virão,
E bem que muyto faltasse
Para se ver os excessos,
Ouviraõ-se as igualdades.

III. P A R T E.

O H naça, excelsos confortes,
Hum filho, que vos retrate,
Que excederã seus Avos,
Quando com seus Pays iguale.
Em seu felis nascimento
Se mostre o Ceo tão affavel,

Que

84 *ao Serenissimo Senhor Rey D. Affonso VI.*

Que a Jove emule Saturno,
Que a Venus compita Marte.
Juno com leyte do Ceo
Lhe de sustento suave,
Qual outro Alcides o crie,
Pois de outro Jupiter nasce.
O Deos das armas o vista,
O Netto do mar o emballe,
As tres Graças o festejem,
As nove Mulas lhe cantem.
Cresça o ditoso Menino,
Mais no valor, que na idade,
E lendo os trofeos de Affonso,
Nos de Cesar não repare.
De feu Avò João Quarto
Lendo as façanhas notaveis,
Sobre lhe louvar o esforço,
A forte lhe não desgabe.
Chegue a ser Hercules novo
De feu Pay sublime Atlante,
Sò para ter companhia,
Não por ter necessidade.
E vòs, Augustos Esposos,
Por quem já podem contar-se
Dez os Heroes da fama,
Outo do mundo os milagres,
Vivey com tanta concordia,

Com

Romance

88

Com toda a felicidade,
Mais que aquella Ave do Ceo,
Que parece Sol das Aves.
E perdoay os defeytos
Das Musas, que vos applaudem,
Que ellas são imitadoras,
Evós sois inimitaveis.



EM



EM LOUVOR DE SANTA
Senhorinha Portugueza.

LOA.

Noble Scena un Raton pobre
 Como aquel, que Horacio pinta,
 Que es muy ridiculo parto
 De una preñes bien altiva.
 A vuestra Scena un Raton
 Viene con su figurilla,
 Que a las Scenas los ratones
 Ellos por si se combidan.
 Vós, pues gente estraña, y propria,
 Que toda sois peregrina,
 Vós galanes, y vós Damas,
 Digo vós Faunos, y Ninfas.
 Vós casadas, vos solteras,
 Viudas, rapazes, niñas,
 Mas baste, que un Raton noble
 No repara en niñerías.
 Oid del Raton un rato
 La Loa mas exquisita;
 Es cosa del otro mundo

ã Santa Senhorinha Portugueza.

87

Que al fin es de la Bahia.

Sus mercedes mucho callen,
Sus mercedes nada digan,
Pues mas urbana mi Musa
Se lo pide en cortesia.

La Loa pues se confagra
A una Santa esclarecida,
Por su Sangre Señoraça,
Por su virtud Señoriña.

Venciò, naciendo de Condes,
Su virtud a su familia,
Santa fue por excelencia,
Fue noble por Señoria.

Si deseays su retrato,
Hallareis, que parecia
La mas linda entre las Santas,
La mas Santa entre las lindas.

Todo esplendor su cabello
Con corona repetida,
Quando por bella le adorna,
Por Santa la canoniza.

Luzia un Alba en su frente,
Que deshecha en perlas finas,
A la beldad se llorava,
A la virtud se reia.

Miente quien al de la vieja
Arco del Cielo appellida,

G

Port.

Porque los arcos del Cielo
 Son dos cejas desta Niña.
 Un Sol dormia en sus ojos,
 Ya cañados de Vigilias,
 Mas al Cielo madrugava,
 Quando a la tierra dormia.
 Como si fuera virtud,
 La naris en medio habita,
 Mas haze al medio del rostro
 Extremo de bizzarria.
 Candidas, y vergonçofas
 Las flores en sus mexillas,
 Quando virtudes mesclavan,
 Hermosuras confundian.
 No puede la Virgen Rosa,
 Viendo su bocca Divina,
 Ni por Rosa, ni por Virgen,
 Dezir: Esta bocca es mia.
 Porque su Divina bocca
 A la Rosa, que mas brilla,
 Si reza, en un credo mata,
 Si calla, en un punto abyfma.
 He un gyrafol de nieve,
 Su cuello, que Pharo embidia,
 Pues siempre al Cielo se eleva,
 Aun quando al suelo se humilla.
 El numero de cryftales,

a Santa Senhorinha Portugueza.

89

Que sus bellas manos cifran,
Si ay dedos porque se cuenten,
No ay manos porque se midan.

En qualquiera cosa, que entren

Estas manos cristalinas,
Si al entrar son açucenas,
Al salir son maravillas.

En poco pie mucha nieve

Toca la tierra inimiga,
Que poco a la tierra toca,
Quien mucho a la tierra piza.

Fin del Retrato : Laus Deo,

Que la Musa, que me inspira,
En este mar de belleza,
Ya tomò pie de cantiga.

Un Conde de Real Sangre

Su Hymineo folicita,
Mas si el busca matrimonio,
Orden ella pertendia.

Con Dios quiso desposarse,

Fuesse a ser Monja Benita,
Para hazerse despues negra,
De quien antes fue cautiva.

Junto al Ave ilustre Rio

A su JESUS se dedica,
Que mucho buscasse al Ave,
Quien adorava a MARIA.

G ij

En

En este Jardin del Cielo

Hizo sus flores mas ricas,
Jasmin solo en los desmayos,
Rosa solo en las espinas.

De una flor en otra flor

La Santa se convertia,
Era clavel en la sangre,
Perpetua en la disciplina.

Del Ave al Basto passo,

Con que dos Rios se miran,
Tan perennes con su fama,
Como claros con su vista.

De las tierras, de las aguas,

O' mi Rio, ò Patria mia,
Por tal suerte, y portal Santa,
No eres Basto, eres manilla.

Los milagros, que aqui hizo,

Es bien que un Raton los diga,
Porque quando los numera,
Entonces los ratifica.

Mas qual primero ha de fer?

Eslo lo dize la enigma,
Sea de harina el primero,
Porque *ovemus est farinam.*

Harina para el sustento

Le faltava a Señoriña,
Y haziendo harina tan buena,

a Santa Senhorinha Portugueza.

91

Fue faltarle lo que hazia.
Los ojos puso en el cielo,
Y como tienen dos niñas,
Que como dos niñas lloran,
Como dos viejas hechizan,
Oyó sus lagrimas Dios,
Y llamando gerarchias,
Ordenó que los salvados
Se occupassen con la harina.
Los Angeles la firvieron
Moliendo, mas sin fatiga,
La harina, que deseava,
Con el agua, que vertia.
Mas sacos de harina llenos
Dios le dio, que ella pedia,
Que Dios sabe dar a sacos,
Los hombres a sacos quitan.
Vaya prodigio segundo,
En que la Santa castiga
Las Ranas, por dizidoras,
Y por dizidoras frias.
Entre Ratones, y Ranas
(Homero lo testifica)
Huvo una batalla griega,
Sin armas, mas con heridas.
La guerra a dos elementos
Occupava, pues se hazian

Por

Por el agua las entradas,
 Por la tierra las salidas.
Nós por agua, ellas por tierra,
 Yá con fuerte, y con desdicha,
 Las poniamos de lodo,
 Y el polvo nos sacudian.
Con mas tierra, y con mas agua,
 Por instantes foccorrian
 Ratisbona a los Ratones,
 Y Venecia a las Ranillas.
Vencimos tandem, y con esto
 A batalla tan reñida
 Lleve el agua rio abaxo,
 Eche el campo tierra acima.
Sabiendo pues nuestra Santa,
 Por su mucha astrologia,
 (Que desde muchacha siempre
 Puso en el Cielo la mira.)
Que un Raton muy su lacayo
 Oy a loarla venia,
 Brindando, & no sin razon,
 Con su gracia a vuestra riza.
Las Ranas enmudeció
 De Ratones enemigas,
 Porque rezando ella baxo,
 Ellas recio respondian.
Calló la torpe canalla.

a Santa Senhorinha Portugueza.

Con ronca, y sin valentia,
Musica si, mas no dulce,
Lavada si, mas no limpia.
Del agua al vino me passo,
En la tercer maravilla,
Bien que no es el vino aguado,
Por que es pura Señoriña.
Viendo al agua tan culpada
Nuestra Santa perigrina,
Quiso transformarla en vino,
Solo para convertirla.
Vino al vino muy debota
La sed con hydropesia,
Bevalo por almudes,
Tomavalo por reliquias.
Mil vezes obrò el milagro
Quando vino no tenia,
Y dela fuente de Basto
Hizo fuente dela pipa.
Era el vino milagroso,
Pues, para la eterna vida,
Los varones se arrobàron,
Las mugeres se encendian.
Con muy grande promptitud,
Y con mayor alegria,
La servian ambos sexos,
Mas a secas no servian.
Sigue-

Siguese el quarto prodigio,
 Mas dexemos esta lista,
 Que pues los haze sin numero,
 Sin numero se repitan.

Aun ciego, que a su sepulchro
 Sino le vé, le visita,
 Concedio vista tan clara,
 Que a los ojos se venia.

Sana un mudo, sana un sordo,
 Y con doble maravilla,
 Pone la bocca en la oreja,
 Pues una fuelta, otra libra.

Sana coxos, sana mancos,
 Con celestial medicina,
 Y los dexa tan contentos,
 Que dan de patas arriba.

Con su tierra haze milagros,
 y mas que la tierra misma,
 Que puede hazer con el Cielo,
 Quien con la tierra dà vida.

Sana todos los enfermos,
 Muchos muertos resuscita,
 Da mil hijos a mugeres,
 Mejor les diera mil hijas.

Los hydropicos, los prezos,
 Mas baste, por que no digan
 Que Ratones alas Ranas
 En ser parleros imitan.

a Santa Senhorinha Portugueza.

59

Demas, que ya mi memoria
De mi sustento empedida,
Va quedando a buenas noches,
Con el queso destes dias.
Oy pues consagro ala Santa
La Comedia, que publica,
Solo el piedoso es mi hijo,
Porque la Santa es muy pia.
Y vos huespedes sublimes,
A cuya gran hidalguia,
Todas las fiestas son justas,
Porque todas son devidas.
Vos, que en el bruto mas fiero,
A la ginetá, a la brida,
Ostentais dichosamente
Ser maestro de dos Sillas.
Vos, cuya varonil gala,
En cada qual nos avisa
O que Jacintho no es muerto,
O que Adonis. resuscita.
Mis defetos perdonad,
Pero vos, o gente mia,
Que pudierais ser de Roma,
Mas que de Basto patricia.
Mis aciertos applaudid
Porque sin culpa, y con dicha,
Unos perdones me lluevan,
Otros las gracias me rindan.

A



A D. MARIA DE MENEZES A QUEM
nasceo hum dente depois de velha, quando
jà não tinha nenhum.

R O M A N C E.

EM vòs melhor, que em ninguem,
Se vè, Senhora, cumprido
O Adagio, que dis dos velhos
São duas vezes meninos.

Depois que vos fes a idade
Taó ermitaens os carrilhos,
Que não dais dente com dente,
Posto que tremais de frio.

Depois que vos pòs o tempo
Cada queyxo taó varrido,
Que sobre pagar os altos,
Paga os bayxos de vazio.

Entaó vos nasce o milagre!
Entaó vos fae o prodigio!

Hum dente taó consummado
N'hum queyxo taó consumido.

Trazello por fruta nova
Nesta boça determino,

Que bem que nasceo do tarde

a D. Maria de Menezes.

97

He fruta nova o dentinho.
Vòs seiais muy bem chegado,
Vòs seiais muy bem nascido,
O' raro Fenis dos dentes,
Que tendes na cova ninho.
Dizem sois do fizo dente,
Mas nesse Lynce entendido
O dente muyto tardou,
Apreçouse muyto o fizo.
Que lhe estais muyto mal dizem,
Mas eu não creyo esses dittos,
Pois não lhe deve estar mal,
O que lhe vem tão nascido.
Ha diversos pareceres,
E cuydo, que tenho ouvido,
Que não sois muyto Menezes,
Sendo de Menezes filho.
Mas eu singular vos chamo,
Unico vos appellido,
Que sois hum só digo sempre,
Que não ha mais sempre grito.
Por seres ultimo parto
De mais amot, de mais nũmo,
Chamar Beyjamin vos quero,
Bem que de por esses tribus.
Mas vòs, boca a mais fecnnda,
Que depois que o tempo inique

Vos

Vos tirou mil perlas nettas,
 Huma bisnetta haveis tido.
 Produzi mais, que eu vos juro,
 Tendo vós mais, sim por Christo,
 Levantareis os da boca
 A' mesma Deusa de Gnido.
 Podereis levar nos dentes,
 E mais isto farey rindo,
 Dos aljofares do Ganges
 Bem que são de concha bichos.
 Sereis outra ves amada,
 Sereis, contrarios unindo,
 Amiga velha no amar,
 Amiga moça no pico.



AO SENHOR CONDE DE S. JOAM,
& Marques de Tavora.

R O M A N C E.

I Lustre, famoso Conde,
Cuya valerosa espada,
Vence como Portuguesa,
Corta como Toledana.
Vós, que assombro de la Iberiã,
Y gloria de Lusitania,
Dais cuidado a la fortuna,
Sois desvelo de la fama.
Cuyos invencibles hechos,
Cuyas acciones preclaras,
Passando de los deseos,
Exceden las esperanças.
Vós, cuya illustre nobleza,
Es tan soblime, y tan alta,
Que la pluma de mas buelo,
La venera, y no la alcança.
Vós, que a pezar de la enbidia,
Sois con preeminencia hidalga,
Señor por naturaleza,
Grande por antonomasia.

Vós

Vos, que discreto, y valiente,
Vinculais la consonancia
De hazer belicas las letras,
Y scientificas las armas.
Permittid, que en estos rasgos,
Que affectuosa os consagra
En mal formados conceptos,
Bien nascida confiança.
Bosquexe un Retrato vuestro,
Pues es la Idea tan rara,
Que puede la novedad
Ser disculpa de la audacia.
Por vuestra cabeça empieço,
Que es, señor, tan cortezana,
Que gasta veinte sombreros,
En quanto dura una capa.
Sois mas que Sanfon valiente,
Y el cabello lo declara,
Pues os queda, aun que le corten,
Valentia gratis data.
La frente, que es la mejor
Que haze frente, quando marcha,
Si se oppone frente a frente
No ay quien salga cara a cara.
Sentinelas son los ojos,
Y con tales a talayas,
Ocioso vive el diavelo,

ao Conde de S. João.

101

Segura está la campaña.

Por valientes de la hoja

Tan alo soldado campan,

Que si el mirar crudo es moda,

Andar rasgados es gala.

La naris, guardenos Dios,

Que le llegue la mostaça,

Porque qualquiera estronado

Suena con cambray, y olanda.

Por valientes las mexillas

Merecen bien vuestra gracia,

Pues siempre estan peleando

En blanca, y roxa batalla.

La bocca, sin ser de fuego,

Tanto assombra las contrarias,

Que, con el color de Tyro,

Haze officio de Granada.

Tan bizarro aliento tiene,

Que qualquiera, que os enfada,

Al punto se queda muerto,

Solo con quitarle la habla.

Vuestra barba es mas temida

Que algunas mas respetadas,

Pues, si mostrais barba teza,

A muchos tiembla la barba.

Siendo de tan pocos años,

Es de tantas esperanças,

Que

Que por lo fuerte, y prudente
 Nos parece barbacana.
 No dà la edad perfecciones,
 Meritos dan las hazañas,
 Por esso, siendo tan joven,
 Soys el Padre de la patria.
 Anda a pecho descubierto
 Vuestro pecho entre las balas,
 Y porque las toma a pechos,
 Muy buenos pechos nos pagan.
 Vuestras espaldas sin duda
 Que vos la teneis guardadas,
 Porque vuestros inimigos
 Nunca os vieron las espaldas.
 Los braços son por lo fuerte,
 Dos mosquetes de Biscaya,
 Y basta qualquiera dellos
 Para romper muchas mangas.
 Testigos son los contrarios;
 Pues a su pezar declaran,
 Que no os cuestan las victorias,
 Mas que ententar las batallas.
 Sois tan liberal de manos,
 Que ellas ya de puro francas
 A los pobres inimigos
 Dan sin reparo las cargas.
 Por esso el Cielo permite

Que por galardon os nascan
De las manos las victorias,
Si de los pulsos las palmas.
Todos figuen vuestros pies,
Mas nadie se le adelanta;
Porque fundan sus acciones,
En seguir vuestras pizadas.
Galan sois a todas luzes,
Y el commum applauso os llama
El Adonis de la Corte,
Y el Marte de la campaña.
Diganlo, Señor, los toros,
Quando en la festiva plaça,
A los que eran mas leones,
Hizisteis tremar quartanas.
Sin duda en aquella tarde
De embidia, Señor, estava
El Demonio en Barrabas,
Y el Diabolo en Cantillana.
Angel por tan gentil hombre
Los Soldados os acclaman,
Porque es siempre vuestro cuerpo
El mejor cuerpo de guardia.
Enfin sois todo uvas flores,
Pues se logra en vuestra gala
Por la Pascua, y por San Juan
Buen San Juan, y buena Pascua.

H

Oy

Oy si quereis darnos todo
Con estas pazes de Hespaña
Hagamos las pazes oy,
No aguardemos a mañana.
Pues si vienen tan apelo,
Y tiene un pelo la calva,
Valgamonos de lo breve,
Porque el breve tiene gracia.
Las Historias nos enseñan
Que esto de guardar palavra
Ojos que lo vieron ir,
No lo veran mas en Francia.
Si los Hespañoles ruegan,
Quando los Franceses faltan,
Mas vale ruego de buenos,
Señor, que salto de matta.
Y si solamente al son
De su conveniencia baylan,
Porque han de ser las firmesas
Tributo de las mudanças?
Ellos dizen, que nos tienen
Metidos en una jaula,
Porque simples paxarillos
Solo con liga se caçan.
Pues, Señor, si es tan penoso
Traer ligas apertadas,
Y es esto de andar con ligas

ao Conde de S. João!

105

Señal de salud muy mala.

Desatemos este nudo,
Porque es culpable desgracia
Que sea nuestro el trabajo,
Siendo suya la ganancia.

Ajuste-se paz tan linda,
Antes de dar cuenta larga,
Porque la mas cierta cuenta
Es dar la cuenta ajustada.

Si este es el fin, a que aspiran
Las mayores esperanças,
Que fin mas dichoso espera
La gloria de vuestras armas?

Y si vos por ser tan grande,
Todo os sobra, & nada os falta,
Bien puede echarse adormir
Quien cobró tan buena fama.

Vença esta vez el valor
Toda la desconfiança,
Pues es qualquiera rezelo
Agravió de vuestra espada.

Lo demas diga el silencio,
Porque quien mas os alaba,
Poco explica en lo que dize,
Mucho dize en lo que calla.

Vivid pues edades muchas,
Y llegue el numero a tantas,

Hij

Que

Que, por ser cuento de cuentos,
 Paresca historia el contarlas.
Tenga la Parca un buen gusto,
 Y exceptue a su guadaña
 Una vida, en que grangea
 El mayor nombre de Parca.
Y perdonad a mi Musa,
 Que ya, Señor, de cansada,
 Por echarse à buena sombra
 Besa humilde vuestras plantas.



AO SERENISSIMO SENHOR REY D.

Affonso VI. matando em Salvaterra

hum Javali.

ROMANCE.

Vingou-se a gala do horror,
 Alto Affonso, invicto Heroe,
 Mortal estrago das feras,
 Grata caricia dos homens.
 Vingou-se do horror a gala,
 Porque o Javali disforme,
 Que foy de Adonis triunfante,
 Vencido ficou de Adonis.
 Vós, Adonis Lusitano,
 Não menos bello, & mais forte,
 Fazeis que alegre, & que triste,
 Venus ria, & Marte chore.
 O rayo da vossa espada,
 Que excede ao rayo de Jove,
 Bem como ao Leão no campo,
 Prostra ao Javali no monte.
 Foy tão fatal a ferida,
 Que nas entranhas enormes

En-

Então mais se ostenta o ferro,
Quando o ferro mais se esconde.

Fulminava o golpe ainda,
Mas não tinha o bruto aonde;
Se huma morte se logrou,
Esperdiçouse outra morte.

Desmedido, & copioso

Cae o bruto, o sangue corre,
Mas não enche ao golpe o sangue,
Mas excede ao bruto o golpe.

Morre o bruto, & morrem quantos

Encerra o tremendo bosque,
Qual do medo de quem mata,
Qual da enveja de quem morre.

Foy inda morto envejado

Na fausta, se dura morte,
Pois perdendo a humilde vida,
Achou hum perpetuo nome.

O seu nome entre as façanhas

Se venera superiores,
Com que mais de hum orbe occupa,
Quem domina mais de hum orbe.

O golpe applaudio Lisboa,

Mas entre as festivas vozes,
A terra em lagrimas banha,

O Ceo em suspiros rompe.

De vos ter auzente nascem

a El Rey D. Affonso VI.

109

Estes Ethnas, estas fontes,
Que em tantas lagrimas descem,
Que em tantos suspiros sobem.

Mil dias ha, que vos chama,
Mil dias! Erreylhe o nome,
Pois sò no nome são dias,
Mas na tristeza são noytes.

Mereça pois vossa vista,
E o Sol, que a montanha esconde,
Enxugue os olhos de perto,
Naó queyme as almas de longe.

Se o monte assim vos agrada,
Vinde, Senhor, para a Corte,
Que sem fahir da Cidade
Podeis lograr sette montes.





A HUMA BOCCA GRANDE.
ROMANCE.

P Ara que de bocca em bocca
Ande esta tua, Belisa,
Pedelhe là, que pois pode,
Empreste bocca a esta minha.

Ouvirás della mil cousas,
Que por mais longe que vivas
Se tens como bocca orelhas,
Donde estàs podes ouvillas.

Naõ digo, da que has mister,
Mas da que em ti se esperdiça;
Que a faltar no mundo bocças,
Para mil rostos a havia.

Quando te vejo tão grande,
Sobre elles chapins sobida,
Por ti creyo, que se disse,
Tua bocca tua medida.

Jà dezejey de saber
Se mais de huma lingoa tinhas;
Que a tanta bocca, naõ posso
Crer, que baste huma só lingoa!

Romance.

III

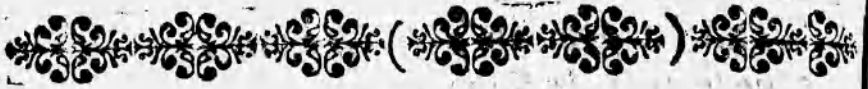
Tanto pela terra dentro
Tenho a grande bem que assistas,
Que se eras de Sacavem,
Quem te passara em tres dias.

Estou bocca havendo medo
Que do que digote rias:
Quem deyxarà de temer
Se de par em par te abriras?

Quero acabar, que não quero
Tu que me ouves que me digas,
Que as minhas razões são
Como essa bocca infenitas.



RO.



ROMANCE PASTORIL.
Por eccos.

S Ale al bayle de su aldea
Lusia con sus amigas,
Y aunque era lufido el bayle,
Solo Lusia *lusia*.

Con la embidia de sus ojos
Toda emulation se rinda,
Mas que mucho, si es tan bella,
Que hasta la embidia la *embidia*.

Apezar de los luzeros,
Dos en su rostro traia,
Y de los otros la muerte
Causava su *vista vista*.

Grandes eran sus poderes,
Porque, quando ella queria,
Con enseñar su hermosura
El mundo en un dia *bundia*.

A la conquista del bayle
Todo el valle desafia,
Pero ninguna como ella
En la conquista *conquista*.
Buscavala alguna falta

LOA PARA LA COMEDIA, CUYO
 titulo es *Triunfo de la Humildad La Sobervia
 castigada*, que se representò en la Eleccion de
 la Señora D. Luisa de Tavora en Abba-
 deça del Real Convento de Santa
 Clara de la Villa de Conde.

R O M A N C E.

YO la bizarra Princesa
 Del Macedonico Imperio,
 En esfuerzo mas que Pallas,
 En belleza mas que Venus.
 Yo, que soy dos vezes rayo,
 Si enamoro, o si peleo,
 Rayo de luz en favores,
 En armas rayo de fuego.
 Yo la que amo al mas humilde,
 La que humillo al mas sobervio,
 Dexando mi siervo al uno,
 Haziendo al otro mi dueño.
 Mi dueño Conde Felippo,
 Al Rey Trebacio mi siervo,
 De aquel gloria, y deste pena,
 De uno amor, y de otro miedo.

Querí

Romance.

115

Querida Ilustre Prelada,
De quien mas bienquisto veo
De querida el apellido,
Que de Ilustre el epitetho.
Vos en cuya regia estirpe
Texidas vè, logra infertos
Mil purpuras en la sangre,
Y en tronco iguales los ceptros.
La que hazeis con rigor dulce
Benevolamente austero,
Que os respete el amor mismo,
Que os ame el mismo respeto.
Lince de la discricion,
De la prudencia modelo,
De la virtud Oceano,
De la perfeccion compendio.
Cuya eleccion mas que justa,
Con uniforme consenso,
Ni puso al amor en vandos,
Ni en dudas puso al acierto.
Vos, Confessor insigne,
En cuyas letras contemplo,
O que Tulio ha renascido,
O que Escoto no se ha muerto.
Vos, Prelado famoso,
En quien admira lo attento,
Un Demosthenes Christiano,

Un

Un Chryfologo moderno!

A vòs, Vicaria celeste,
A quien los Angeles dieron
Con la beldad del renombre
La blandura del fugeto.

A vòs, Astros de Francisco,
A vòs, de Clara luzeros,
Que haziendo el Cielo mas pardo,
El Cielo hazeis mas sereno.

A todos vòs, a vòs todas
En una Comedia offresco
De la Sobervia el Castigo,
De la Humildad el Trofeo.

Deviera incluir su Loa,
Pues lo pide el argumento,
De aquella virtud primores,
Y de aquel vicio defectos.

Mas solo ferà del Sol,
Que haze Cielo este Convento,
Porque dedique la Loa,
A quien dedico el enredo.

Honrando (amada Luisa)
En vuestras prendas mis metros,
No se agravia, no el assumpto,
Antes se logra el intento.

Porque consagraros Loas
Sin controversia es lo mesmo,

Romance.

117

Que a la virtud dar encomios,
Que hazer al vicio desprecios.
En si, y en vòs las virtudes
No las distingue mas, que esto,
Que en si viven en abstracto,
Y en vòs estan en concreto.
En si no las miro unidas,
En vòs juntas las venero,
En si cada qual es una,
En vòs cada qual un ciento.
Luego mas que bien se sigue,
Que quando a vòs os celebro,
Todas las virtudes loo,
Todos los vicios offendo.
Vuestra pues serà su Loa,
Los realces describiendo,
Que son vuestros, por ser suyos,
Que son suyos, por ser vuestros.
Consentidme pues que logre,
(O Senado el mas supremo)
En vuestro oido mi dicha,
Su applauso en vuestro silencio.
Quando el Indiano màs rico,
Sus thesoros exponiendo,
Pezava los hilos de oro
En las balanças de argento,
Nascio de sangre de Heroes,

Para

Para esmalte de dos Reynos,
La gloria del Lusitano
En la Patria del Ibero.

Veis el coraçon luzido,
Del azul dorado cuerpo,
Que le calienta en el todo,
Que le palpita en el medio?

Pues assi como el Sol claro,
Dos patrias ennobleciendo,
Tiene en el Cielo su Aurora,
Y su tierra tuvo en Delo.

Assi el Sol destas estrellas,
El coraçon destes pechos,
Tiene el Cielo en Lusitania,
Y en Castilla tuvo el suelo?

Aqui vive,acullà nasce,
Dando de la luz,que vemos,
Al Hespagnol los principios,
Al Portugues los progressos.
Fuelle augmentando en belleza,
Como en edad: pero miento,
No crecio con igualdades,
Descollose con excessos.

Màs que en edad, en belleza,
Màs que en belleza, en ingenio,
Màs que ingenio, en virtud,
Que todo lo màs es menos,

Virtud ingenio, y belleſa,
 Venciendo al tiempo ligero,
 O le cortaron las alas,
 O ſe veſtieron mas buelos.

Contemplafteſ algun dia
 En mar rico, en prado freſco;
 Dentro del boton la roſa,
 La perla del nacar dentro?
 Pues como la roſa eſ roſa,
 La perla eſ perla, aun teniendo,
 Aquella el boton no roto,
 Eſotra el nacar no abierto;

Aſſi la Niña en belleſa,
 En virtud, y entendimiento,
 Antes de tiempo fue Roſa,
 Y fue Perla antes de tiempo.

Donde al mundo edificado,
 Que el Portugueſ deve al Griego,
 Mucho monte eſ poca baſa,
 Criſtal mucho eſ poco eſpejo.

Donde, digo, eſtã Liſboa,
 Con ſu bulto, y con ſu peſo,
 Aſſombrando un Occeano,
 Siete Athlantes opprimiendo.

Siete, que amachina tanta,
 (Si uno baſta al Orbe immenſo)
 No ſon grandes montes ſiete,

Siete Athlantes son pequeños,
 El nombre de Anna ilumina,
 Riega de Francisco el zelo,
 De estrellas un Paraizo,
 De flores un firmamento.
 En este jardin celeste,
 En este Cielo terreno,
 Do la pobreza està rica,
 Do el rigor vive contento.
 Al año sexto de edad
 Se encerró la Niña, haziendo
 Del amor la essencia quinta,
 De la edad el año sexto.
 A su amor parecio tarde,
 Lo que a su edad fue tan presto,
 Porque en tan tiernos Abriles
 Afectos tuvo aun mas tiernos.
 Su blando JESUS seguia,
 (No sin luz, pero sin yerro)
 Bien como al Norte el Iman,
 Como al Iman el azero.
 Niña si, mas ya muy grande,
 Fue su Esposa antes de serlo,
 Antes de serlo en tres votos,
 Fue su Esposa en mil affectos.
 Penitente su innocencia
 Previno con raro acuerdo,

El remedio antes del daño,
Antes de la mar el puerto.

En esta educacion Sancta

Procedió con tal concierto,
Que tomando las doctrinas,
Repartia los exemplos.

Siete años seruió muy fina

De Anna insigne al dulce Nieto,
Nieto, mas primo en amores,
Primo, mas Padre en consejos.

Deste Jacob fue Rachel,

Mas hallo en este seteno,
A Jacob logrando siempre,
Y siempre a Rachel sirviendo.

Del Convento en fin se auzenta,

Porque era lugar estrecho,

A tal Fenis una Arabia,

A Sol tanto un Emysterio.

Lloròla toda la caza,

En quien con contrario efecto,

Las lagrimas se quedaron,

Porque los ojos se fueron.

Segunda ves la viò el mundo,

Y tan loco de contento,

Que salia de su esfera,

Porque la via en su centro.

Angio-sele mas hermoso,

Y tal joya en si teniendo,
 Verdad hizo que acabasse,
 Lo que empeçò fingimiento;
 Ufano quedò Cupido,
 Quedò arrogante Hymineo,
 Este por hallar mas laços,
 Por hallar aquel mas fuegos.
 Ambos tener presumian
 Redes mil, y mil incendios,
 Los incendios en sus ojos,
 Las redes en sus cabellos.
 Mas ni Hymineo, ni el mundo
 Su resolucion torcieron,
 Menos el amor profano,
 Ni aun el amor Paterno.
 Quantas vezes le propuso
 El valiente Padre cuerdo
 En la copia de sus prendas,
 De su caza los augmentos,
 Que rigor, mas que cariño
 Uzò risueño, y severo,
 Severo para doblarle,
 Para atraerla, risueño.
 Mas la varonil Donzella,
 Entre caricias, y ceños,
 Se mostrò fuerte, y constante,
 Ciega al terror, sorda al ruego.

Al fin saliò vencedora
 Del vil mundo, y Padre excelsò,
 De Hymineo, y de Cupido,
 Amigos dos, dos opuestos.
 Antes de enemigos quatro,
 Pues tanta guerra le hizieron
 Hymineo, y Padre amigos,
 Como Amor, y mundo aduersos.
 Mudò la Cordera intacta
 El pasto no, solo el puesto,
 Porque en segundo ganado
 Al Pastor seguio primero.
 Catorze vezes quebrara
 El Sol al Toro corriendo,
 Mil luminosos rejonés,
 En un estrellado cuello.
 Quando del mundo la rueda,
 (Loco pabon) abatiendo,
 Con mostrarle los pies nudos,
 Le dexo los ojos ciegos.
 Aqui donde esta gran Villa,
 Por grande està pareciendo,
 Mas que ser Villa de un Conde,
 Ser Reyna de muchos pueblos.
 Donde este edificio grande,
 Por Augusto, y por modesto,
 Pone en question, dexa en duda,

Si

Si es palacio, o Monasterio,
 Donde està con quien le erige,
 Quien le habita compitiendo,
 Pues Regia sangre le habita,
 Si le erige braço Regio.
 Donde una Ave buelta en Rio,
 Donde un Rio en Ave buelto,
 Quiere en su chrystal mirarlo,
 Subirlo quiere en su buelo.
 Vestió de Francisco el trage,
 Por mostrar, que iba attendiendo
 Con el vestido de lana
 Al sequito del Cordero.
 Visteis una parda nube,
 Que al bello Sol encubriendo,
 En vez de darle sus sombras,
 Recibe sus luzimientos?
 Pues el sayal en Luísa
 Fue nube parda en Sol bello,
 El no le afea lo lindo,
 Ella le alinda lo feo.
 Professó; mas que profigo,
 que profigo, sino tengo,
 La trompa de Homero, o Tasso,
 La voz de Lino, o de Orfeo.
 Ni de Propercio lo lizo,
 Ni de Papinio lo crespo,

Ni de Persio lo acendrado,
 Ni de Marino lo terfo,
 Ni de Camões lo grande,
 Lo Comico de Terencio,
 Lo valiente de Ronfardo,
 De Gongora lo discreto.
 Mas que importan, sino bastan
 Para assumpto tan selecto,
 Cien Gongoras, cien Marinos,
 Cien Ronfardos, y cien Persios.
 Cien Terencios, cien Papinios,
 Cien Linos, y cien Propercios
 Orfeos ciento, y cien Tassos
 Cien Camões, y cien Homeros.
 O quien me prestara aora
 En cada voz un conceto,
 En cada conceto un pasmo,
 En cada pasmo un extremo.
 En cada extremo un milagro,
 En cada milagro un Cielo,
 En cada Cielo un Apolo,
 Y en cada Apolo mil Febos.
 Mas pocos son a sus prendas
 Mil Apolos, y mil Cielos,
 Febos, extremos, milagros,
 Pasmos, voces, y concetos,
 A la mudez se remitta,

Lo

Lo que no cabe en el verso,
 Pues nacar breye en mar alta
 Es en su Loa mi plectro.
 Oysteys ya de Timantes,
 Aquel Pintor estupendo,
 De Protogenes ventaja,
 Y de Apeles paralelo.
 Oysteys, que no ajustando
 De un Rey triste el triste aspecto,
 Poniendo un velo en su rostro,
 Hizo un primor en su lienço?
 Pues qual su pincel mi voz,
 Mi silencio qual su velo,
 Ni ella tal gloria celebra,
 Ni el pinta tal sentimiento,
 Velo el quadro, el lienço cubro,
 Porque son igual empeño,
 Referir gloria tan alta,
 Pintar tan grave tormento.
 Pude dizir, qual fue niña,
 Qual es ya mayor no puedo,
 Que el Sol nasciendo se mira,
 Mas desalumbra en cresciendo.
 Conoscase (gran Theatro)
 Por lo novel lo provecto,
 Bien como el Sol por la Aurora,
 El Gigante por el dedo.

Romance.

127.

Que si a su luz no me humillo,
Si a su grandeza me atrevo,
A tal Sol serè Faetonte,
A tal Gigante Pygmeo.
Mas si no me atrevo, escuso,
Pero si me humillo espero,
De la *Sobervia* el castigo,
De la *Humildad* el Trofeo.



PEDIN-

PEDINDO A CADA HUMA DAS
Freyras de Villa de Conde, danças para
a Procissão de Corpus.

REDONDILHAS.

N Aõ devia jantar, naõ,
Nenhuma Freyra, pois erra
Quem trata do paõ da terra,
Quando tem dos Ceos o paõ.
Naõ se uzem taes delarranjos,
E pois que por mil maneyras,
Saõ Anjos todas as Freyras,
Tratem só do Paõ dos Anjos.
He das almas muy amigo,
Este paõ maravilhoso,
E entaõ he mais amoroso,
Quando naõ he todo trigo.
Em terra Virgem nascido,
Foy este Paõ regalado,
De agua de pranto regado,
De fogo de amor cozido.
Divino Paõ excellente,
Que para mor abundancia,

Redondilhas.

129

Se fás carne por substancia,
Sendo Paõ por accidente.

Em pouco Paõ manjar muyto

O Celeste trigo offerece,

Pois quando se parte cresce,

Pois quando paõ, he conduto.

Por nenhum dinheyro he dado,

Por nenhum preço offrecido,

Huma ves só foy vendido,

Huma sò ves foy comprado.

Más ainda entaõ ficou,

Por não ser interesseyro,

O que vendeo sem dinheyro,

Com dinheyro, o que comprou.

Oh de amor Divina traça,

Oh de amor fatal excesso!

Que seja Paõ de tal preço,

E que seja Paõ de graça.

Este pois Divino Paõ,

Paõ nosso de cada dia,

Festeja nosa alegria

N'huma gentil procissaõ.

Vos Prelada cuja fama

Gloriosamente retumba,

Dõnde o Sol tem berço, & tumba,

Dõnde se esfria, & se inflamma.

Vos, cuja prudencia rara,

Cuja

Cujã rara compostura,
 Deyxa toda a luz escura,
 Fas Santa Clara mais clara.
 Castro illustre, feliz Astro,
 Cujõ nome tanto campa,
 Que em letras de ouro se estampa,
 Sobre folhas de Alabastro,
 Dareis com graõ bizarria
 Doze Apõstolos fatais,
 Mas se de Freyras os dais,
 Seraõ Padres da apanhia.
 Hum David fazendo danças
 O Padre Confessor de,
 E jã que taõ vario he,
 Lhe ensine a fazer mudanças;
 E vòs Poeta Divina,
 E vòs Musica serena
 Que venceis a Filomena,
 Que triunfais da Caballina,
 Vòs de Santa Anna Maria,
 Que com modo soberano,
 O nome furtais ao anno,
 E furtais a luz ao dia.
 Vòs, que com gentil estudo,
 A fer Rosas sem espinhas,
 Ensinais vossas sobrinhas,
 Sobrinhas primas em tudo.

Day com pompa Soberana
 Do Egypto a bella Senhora;
 Das almas taõ roubadora,
 Que bem parece figana.
 Nynfa das almas prisaõ,
 Que por engenho, & belleza,
 Corpo fois da gentileza,
 Sois alma da discreçaõ.
 Vòs Ignacia sempre illustre,
 Das Freyras graõ Consultora,
 Que deyxais sem luz a Aurora,
 Que deyxais o Sol sem lustre.
 Freyra de altos pensamentos,
 Que fois com gentil decono,
 Mais que Vigaria do choro;
 Vigaria dos cazamentos.
 Vòs que das amantes coroa,
 Pois bem mostrais retirada,
 Ter sido boa cazada,
 Com ser viuva taõ boa;
 Day a gentil Magdalena,
 Pois fostes, minha Senhora,
 Algum tempo peccadora,
 Mas em todo tempo bella.
 O Padre Feytor não perde
 Seu pasto em dar espadana,
 Que se o prado não me engana

Naõ

Não lhe pode faltar verde.
 E vòs Padre Capellaõ,
 De quem se dis, & não mal,
 Que posto que espiritual,
 Tambem fois filho de Adaõ;
 Dareis com lustroso alinho
 Charamellas Superiores,
 Mas primeyro aos Tangedores
 Dareis lambedor de vinho.
 As amantes ao Divino,
 Madres da porta galantes,
 Podem dar teros gigantes,
 De que fuja Amor menino.
 Item mais sem mais razões
 Dem vacas bem folgadeyras,
 Mas em mosteyro de Freyras
 Fora mais facil dar boes.
 A cifra das Graças tres,
 Cuyo rostro soberano
 Si mata a lo Castellano,
 Derrite a lo Portugues.
 A suspenção dos Poetas,
 Jeronyma, cuja lyra
 Por arcos de Apollo atira
 De amor as douradas settas.
 Visto ser taõ peregrina,
 Por graça, & por fermosura,

Redondilhas.

131

Darà quem faça a figura,
Da famosa Catharina,
A Thefoureyra, thefouro
De perfeçõs estupendas,
Porque engasta ricas prendas,
Em o seu talento de ouro,
Dè com decentes concertos
Santo Estevaõ sem Soldados,
Que nos seus olhõs rasgados,
Torne a ver os Ceos abertos,
A Mestra da Ordem destra,
Com brios, sem defarranjos,
Dar pode huma gloria de Anjos,
Pois que de Anjos he Mestra,
A' Meneses sublimada,
Prelada sempre excellente,
Pelo amor inda presente,
Pelo cargo já passada,
Os Ramos encarregamos,
E pedimos quando os der,
Que ensinem a florecer
Suas virtudes seus ramos.
Dona Maria Coutinho,
Cujõ illustre nome voa,
Do Poente à parte Eoa,
Donde o Sol tem tumba, & ninho.
De vestido de Sayal,

Com

Com barba feyta, & coroa
Santo Antonio de Lisboa,
Espelho de Portugal.

A Madre Dona Violante,
Discreta, illustre, bem quista,
Darà o grande Bautista,
Da Santidade Gigante.

Dona Anna Bautista grave,
Astro da mais alta esfera,
Para Cupido severa,
E para Christo suave,

Darà de Assis o portento,
Que sendo com pincel grave,
Do Crucifixo Retrato,
Tem a gloria no tormento.

A que todo o mundo espanta
Por entendida, por vista,
Madre Francisca Bautista
Darà a Raynha Sancta.

As duas Madres das Rodas,
Dos boys, ou dos namorados,
Vòs que fois todas cuydados,
Vòs que fois descuydos todas;

Dança de espadas darão,
Triunfando de todo o posto
Mais com armações do rosto,
Que com espadas na mão.

Redondilhas.

135

E vòs, ò Madre Adegueyra,
Cujò officio superior
Pode, sem que gasteis cor,
Fazervos còrada Freyra.

Vòs, que para render vidas,
Cozendo com doce engano,
Quando os pontos dais no pano,
Dais nas almas as feridas.

Day São Jorge com seu pagem
Valerozo de talarte,
Que seja imagem de Marte,
Qual vòs de Venus imagem.

Vòs galharda Provizora,
De cujo celeste lume
O mefmo Sol tem ciume,
O mefmo amor se namora.

Vòs, por quem tudo se abraza,
Nos dareis huma folia,
Pois para tal armonia,
Tendes as vozes de caza.

Vòs, que na Roda escutais
De tão diversos fugeytos,
Jà bem limados conceytos,
E ja bem sentidos ays.

Vòs, Joana perigrina,
Discreta, musica, bella,
Nos olhos muy mais que Estrella,

K

Ng

No rosto mais que bonina.
 Vòs, que com raro poder
 Descazastes hum cazado,
 Que trocou de vòs prendado,
 Por hum Anjo huma mulher.
 Mas a mulher entretanto,
 Que uzais feytiços murmura,
 Como se tal fermosura
 Não fora o maior encanto.
 E vòs, linda Mariana,
 Que pasastes sem jazaõ
 Da Benta Religiaõ,
 Para a ordem Franciscana.
 Vòs, em quem Cupido lavra
 Taõ pouco, & he tanto o primor,
 Que rompestes pello amor,
 Por não quebrar a palavra.
 Em cujos olhos reluz
 Graça, que da vida, & mata,
 Senaõ de estrellas pyrata,
 Bandolera de la luz
 Pellas dareis, & taõ bellas,
 Que se a feu claro luzir
 O Sol quizer competir,
 Possaõ ter ao Sol as pellas.
 E vòs, que servis na grade,
 Elcutas authorizadas,

Redondilhas.

137

Ja depois de jubiladas,
Cargos da menor idade,
Se quereis mereçer gabos,
Day diabos dos farellos,
Que tambem dos Anjos bellos,
Se fazem feyos diabos.
E vòs, ó gentil forneyra,
Que com poder soberano,
Ao coração mais ufano,
Pondes a paõ de padeyra.
Dareis a Mourisca à risca,
E veremos desta ves,
Que quem dà triago tremès,
Dà tambem dança mourisca.
Refeytoreyra deidade,
Em cujo rosto amor presa
Mil seculos de belleza,
Em poucos annos de idade,
Huma dança haveis de dar
De bugios com mil brios,
Mas se forem mãos bugios,
Vos mandarey bugiar.
Moças da Communidade,
Que fois todas hum feytiço,
Que fois moças no servico,
Bem que fois velhas na idade.
Dareis dança, & vão sem guia

K ji

De

De negras com tal primor,
Que furtando à noute acor,
Dem mil envejas ao dia.

Se por estar em clausura
Negra cor não podeis dar,
Bem negras haõ de ficar,
Dandolhe a vossa figura.

Vòs, em quem com graça leda
Reyna Abril, floresce Março,
Que sois damas de cadarço,
Se as Freyras damas de seda.

Particulares ufanas,
Que sabeis mais do que as cobras
Pois sois figanas nas obras,
Na dança sereis figanas.

E vòs, o Brites famosa,
Clara em sangue, em obras clara,
De Minerva enveja rara,
Da fama em presa gloriosa.

Vòs, cujo engenho poem rayas
Ao juizo mais ufano,
Guardareis da serpe o panno,
Com todas as mais alfayas.

E para o anno, que vem,
Fareis outra prociffaõ
Com maior ostentaçaõ,
Com melhor Poeta. Amen.

C A R T A.

A HUM AMIGO DANDOLHE NOVAS
de sua Irmam.

R O M A N C E.

PAulo, he tempo de escrevervos
O que contar prometti, Igo
Por que nunca em minhas contas
Digais costume mentir.
Depois de ja levantado
Daquella noute feliz,
Em que ja na outra carta
Vos dey conta de que ouvi.
Daquella noute repito,
Que toda em peso dormi,
Como Francès com caneca,
Genoves com canequim.
A Aurora entre alegre, & triste,
Veste o Ceo de carmesim,
Como Menina mimosa,
Que a hum tempo chora, & se cria.
Quando às janellas do rosto

Hum

Hum breve postigo abri,
 E intentando levantarme,
 Torney logo a recair.
 Acordey, & pera a grade
 Mais duro que pedra vim,
 A quem não limou cinzel,
 Nem inquietou buril.
 Quando sahia de caza
 Desmontavá de hum rocim
 Hum gentil homem, mas minto,
 Que não foy homem gentil.
 Era Christão, a Deos graças,
 Mas tão galan, que entendi,
 Que ou não era morto Adonis,
 Ou tornava a resurgir.
 Com huma occulta propensão,
 A recebello corri,
 Para jantar o roguey,
 Me offereci para o servir.
 Desaceytou, & aceytou
 O comprimento, que fis,
 Dizendo a bocca que não,
 Dizendo os olhos que sim.
 Fomos em fim a jantar
 Huns lingoados senhoris,
 E ruyvos de tão bom pello,
 Que erão retratos de mim.

A hum amigo.

141

Sem sal, porèm não sem graça,
Veyo pescada gentil,
Ovos, arrós, fruta, doce,
Tudo boim, nada ruim.

Mas sobre tudo hum vinhete

Mais que Poeta sutil,
Mais fino do que hum amante,
Mais valente do que hum Cid.

Comemos sem descancar,

Brindamos sem nos sentir,

E fizemos tais extremos,

Que deu contas o barril.

Aturar não pode o moço

Tanta festa a São Martim,

E com não beber por hum,

Por nós ambos foy dormir.

Fiquey com meu novo Amigo,

Como Amigo de ~~anos mil,~~

Atè que me quis deyrar,

Atè que se quis partir.

Era Irmão este fidalgo,

(Vede de amor os ardis)

De huma Senhora celeste,

De hum terrestre Serafim.

Levoume consigo à grade

Quando se foy despedir,

Della, & doutra Irmã bizarra,

Toda

Toda Ceo, toda Jardim.
 Vip, orèm se indignamente
 Tal belleſa referir,
 Naõ mo deis, amigo, em culpa,
 Pois ceguey tanto que avi.
 Huma ſoberana Roſa,
 Antes eſtrela gentil,
 Antes radiante Sol,
 Porèm pouco a encareci.
 Vi Mariana perigrina,
 Tudo tenho dito aſſim,
 Porque ſó ella ſer pòde
 Bello retrato de ſi.
 A ſeus cabellos, & teſta,
 Luzimentos vem pedir
 De ſofalla o ouro fino,
 Ea prata do Potoſi.
 A ſeus olhos ſoberanos,
 Que com incendio gentil
 Da minha ſe ſão cryſol,
 De meu coração Sobryſi.
 Por dar mortes, fazer roubos,
 Pòdem chamar por ahi
 De amantes coraçãoes covas,
 De crueis ladroes covil
 Parece no bello roſto
 O Bem tirado naris,

A. hum amigo.

143

Qual via Lactea no Ceo,
Qual branco lirio em jardim
Naõ mostra perolastantas
Nesse celeste zafir,
A gentil Alva se chora,
Como seus beyços, se ri.
He seu collo mais nevado,
Do que a branca flor de lis,
Mais lustroso que Cristal,
He collo de graça em fim
A candida, & bella maõ
Do mais custoso marfim
Bem pudera triumphar,
Porèm naõ quer competir.
Que vos direy do juizo
Taõ sublime, taõ futil?
Se o rosto he mais que belleza,
O engenho he mais que belis.
Com que enseyte, com que galla,
Binca os conceytos, que dis.
Oh que os naõ posso escrever,
Oh que os houvereis de ouvir.
Fallamos hum pouco à grade,
Que fortuna taõ felis
Oh quanto entaõ degradada
Foy a ignorancia dalli
Disse o quanto lhe queria,
Mas

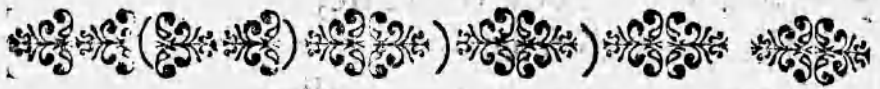
Mas ay, Paulo, que menti,
 Que o excesso deste affecto
 Nem se alcança, nem se diz.
 Admittio minha vontade,
 E se não me engano, vi
 No espelho de seus dous olhos
 Mil favores trasluzir.
 Joguey, & perdi no jogo,
 Porém não fuy infelis,
 Porque todo me ganhey,
 Quando todo me perdi.
 Neste deiscanso alguns dias
 Descuydado profegui,
 Muy mais brando que **bmol**,
 Mais alegre que hum jardim.
 Armarão-se alguns estorvos,
 Com que mil penas senti,
 Porém penas, em tal tempo,
 Forão glorias para mim.
 Eu lhe agradeço o trabalho,
 A quem maltratarme quis,
 Pois se assim me deu tormento,
 Tambem me deu gosto assim.
 Hum cravo branco me deu,
 Que, na branca mão gentil,
 Mudava de envergonhado
 A cor branca em **carmezim**.

Tantó

A hum amigo.

145

Tanto que cheguey do valle,
Valle? Mal disse jardim,
Com lagrimas de meus olhos
A meus olhos escrevi.
Mais pranto gastey, que tinta,
E quando ao papel no fim
Cobri de area miuda,
Mais que areas agoas vi.
Escrevi segunda vez,
Porèm resposta não vi,
Ha mil annos, que dous dias,
São mil annos para mim.
Lembranças mil me acompanhaõ,
Não sabe a Mutaõ que diz,
Huma só ves me lembrey,
Porque nunca me esqueci.
Este animado Diamante,
Este discreto Rubim,
De meu amor foy principio,
De meu amor será fim.
Nesta suspensaõ gostosa,
Neste doce frenesi,
Morto estou para viver,
Viva estou para sentir.
A Deos, Paulo, que vos guarde,
Mas primeyro guarde a mim,
Que he cada hum obrigado,
Rogar primeyro por si.



A HUMA PRIMA SUA COZENDO.

R O M A N C E.

P Or divertir-se huma tarde
 Pos-se a cozer minha Prima,
 Na costura que já muyto
 Antes começado tinha.
 O didal meteu no dedo,
 E cuydo, que defendia,
 A branca prata, que a neve
 Communicado lhe tinha.
 Muy cortés pegou na agulha,
 Para ser dos pontos guia,
 Que sempre guia a Senhora
 Os pontos da cortesia.
 Lançou as mãos ao novello
 Açucena dividida
 Com tal brio, que o contallo
 Huma novella feria.
 A linha logo enfiou,
 Primeyro aos dedos corrida,
 Mas à vista de tais mãos
 Ficou enfiada a linha.

A

Naõ

Romance.

147

Naõ sem razãõ dizem todos,
Quantos enfiar a viraõ,
Que pelo fundo da agulha
A todos enfiaria.
A penas a dar os pontos,
De ponto em branco vestida,
Começou, a cada ponto
Sempre de ponto sobia.
Era o panno da costura
Branca, mas crespa olandilha,
E por cozer em olanda,
Era olandeza das vidas.
Ao dar os pontos na olanda,
Picar hum dedo sentia,
E com opique da agulha
Ficou picada a menina.
Acodio ao pique logo,
Com palavras, que sabia,
E como he muyto discreta,
A todo o pique sahia.
Mas lavroulhe o pique tanto
No dedo de prata fina,
Que quem attendeo ao dedo,
por prata lavrada o tinha.
Naõ sey que motivo teve
Para picarse la niã;
He que a brandura picada

De

De brandura passa a ira.
De quando em quando a thesoura
No thesouro recebia
Das mãos, em que bem mostrava,
Ser thesoureyra a menina.
Cortava com ella os fios,
Que a costura permitia,
E como Parca cortava
Tambem os fios da vida.
A todo mundo mostrava
A costura, que fazia,
E com ser cosida a pontos
Ponto cru mostrou ñhum dia.
Mil lindezas debuxava,
E tudo a pontos abria,
E com fallar tudo a ponto,
Ponto aberto parecia.
Quis aliviar as penas
Da costura com cantigas,
E para encantar as almas,
Teve este pè de cantiga.
Pos fim ao cozer na tarde
Esta costureyra linda,
E com ter cozido tanto,
Ser mais crua parecia.

A' MESMA FAZENDO BOTOENS
ROMANCE.

E Ngenhos a Botoeyra,
 Posto o conceyto he de casa,
 Se heyde cantallo à viola,
 Naõ quis queymar as pestanas.
 Quem vos torce o retrozilho
 Vos tira toda a ganancia,
 Por que eu só, por vos dar lucro,
 N'huma roda viva andara.
 Qualquer botaõ, que fazeis,
 He para mim coufa clara,
 Ser de rosa, no que pica,
 E de fogo, no que abraza.
 O de prata quando o obrais
 Vos rouba da maõ a prata,
 E merece hum bom jubaõ,
 Pois ja por ladraõ tem marca.

Se alguém quer os botoens d' ouro,

Lhos negais com muita rayva,

E anda com vosco as gadelhas,

Se quer levar de que os faça.

Os mais botoens de respeyto

Se fazem de cores tantas,

Que, vendo lhe destes vida,

Andaõ como quem tem alma.

Antes que vòs os obrasseis,

Segundo agente repara,

Nem moscas se punhaõ nelles,

Agora passaõ das marcas.

Todos fazeis com tal mimo,

Que julgaõ grande desgraça

Hir saber cazas alheas.

Creados na vossa caza.

Senhora Botoeyra,

Vòs lois na fragrancia,

Entre esles botões,

A Rosa encarnada.

R E L A C A M

DO TRIUNFO, COM QUE EM LISBOA
se receberão os Sereníssimos Reys D. Affonso
Sexto, & D. Maria Francisca Izabel de
Saboya, em 29 de Agosto de 1666.

R O M A N C E I.

Por hum Anonymo.

P Edifme, minha Senhora,
Como quem não pede nada,
Que a entrada vos descreva
Dos nossos grandes Monarchas.
Não sabeis, que tanta luz
Avista cega d'huma Aguia,
São poucos os olhos de Argos,
Pequena a lingua da Fama.
Mas porèm obedecervos
Minha obrigação me manda,
Inda que qual Faetonte
Me despenhe, perca, & caya,
Tremendo crueys maleytas
O Sol no Leaõ deyxava,
Sendo nelle o frio medo,
A inveja febre, que abraza:

L

Na

Na caza entrava do signo
 Que quanto mais nelle se acha,
 Sendo sexto, & sendo quente,
 Seu nome conserva, & guarda.

De Agosto eraõ vinte, & nove,
 Porém nesta grande entrada,
 Não se chama o mez de Agosto,
 O mez de gosto se chama.

Quando o Sol de Portugal,
 Quando o bello Sol de França,
 A quem Marte rende prendas,
 A quem Venus paga parias.

Elle mais que o Sol bizarro,
 Ella mais que o Sol galharda,
 Pela esfera de Lisboa,
 De Alcantara a esfera larga.

Principio foraõ do triunfo
 Clarins, trombetas bastardas,
 Atabales, charamellas,
 Chacotas, folias, danças.

Pellas foraõ as primeyras,
 De Portugal antighalha,
 Festa que sempre se uzou,
 Naquelle idade dourada.

Vestidas muy lindamente
 Baylando vinhã as figaras,
 Mas em quanto baylaõ ellas,

Romance.

153

Eu mil nòs na bolça dava.
Com duas adagas fez
Hum homem tantas mudanças,
Que a vista do que està vendo
Disso mesmo duvidava.
Pelos olhos parecia
Que mil vezes as passava,
Que as metia pelo peyto,
Que atravessava agarganta.
Vinhaõ de Montelevar
As folias estremadas,
Dando admiraveis voltas,
O de São João das lampas
Vinha huma dança de fontes,
E com fer a secca tanta,
Em cada volta das suas,
Soltavaõ diluvios de agoa.
Dos Amigòs deste tempo
Vinha curiosa dança,
Por que esta dança, & mais elles
São homens de duas caras.
Duas chacotas de fora,
Com outras mil danças varias,
E à chacota do cègo
Ultimo lugar se dava.
Da Ribeyra, & do Terreyro
Vinhaõ feytas humas pascoas

E ij

As

As dançadeyras com arcos,
 E de joyas adornadas,
 Com maças de prata ricas
 Logo os Pórteyros da cana,
 E os Reys de armas se seguiaõ,
 Com as suas cottas de armas.
 Agora n'hum mare magnum
 Me dà agoa pela barba,
 N'hum laberyntho me vejo,
 Naõ fey como delle faya.
 Que effes diamantes do Ceo,
 As areas deffas prayas,
 As flores da Primavera,
 Atomos, que o Sol levanta,
 A numero reduzir
 Mais facil coufa se acha,
 Do que contar dos Fidalgos
 Ouro, joyas, librés, gallas.
 Quantos diamantes Ceylaõ,
 Quanto ouro criou Arabia,
 Perolas a Margarita,
 Quantas telas Milaõ lavra.
 Quantã gram Tiro tingio,
 Quantas sedas fes Granada,
 Quantos pannos teceo Londres,
 Quanta as Indias deraõ prata,
Tudo junto neste dia

Nos fidalgos se admirava,
 Bem que só sua nobresa
 Para os adornar bastàra,
 Cincoenta, & duas liteyras,
 Do triunfo foraõ vanguarda,
 Sendo entre ellas a melhor
 A ultima que passava.
 Oytenta, & cinco carroças
 De tanta joya eraõ cayxa,
 De tanta perola concha,
 E cada qual do Sol casa.
 Resplandeciam Menseses,
 Eraõ os Sylvas luzes claras,
 Finos diamantes os Mellos,
 Os Castros gloria da patria.
 Os Lancastrès faõ no Reyno
 Flores da mais alta planta,
 Os Souzas faõ os Athlantes,
 Em que o Monarcha descança,
 Dos Portugais anda o nome
 Escrito em azas da fama,
 E o nome dos Mascarenhas
 Desde hum polo a outro passa.
 O Oriente dizer pode
 Quem saõ os illustres Gamas,
 Quem os temidos Almeydas,
 Em quem o valor realça.

Os

Os Noronhas são a flor
 Da Nobreza Lusitana,
 Castellosbrancos, Coutinhos,
 Da Fidalguia são m'appa.
 Dos Lobos, & dos Silveyras,
 Todo o mundo em geral canta,
 Dos Mendonças, & Furtados,
 Se admira, suspende, & jacta.
 Dos terriveys Alburquerque,
 Terror de Marte nas armas,
 E do valor dos Botelhos
 Também o mundo se espanta.
 Os Pereyras, & os Faros,
 Flores da maior fragancia,
 Mouras, Telles, Vasconcellos,
 Illustre, & nobre prosapia.
 Dos Ataydes a gloria
 Por todo o mundo se espalha,
 Dos Tavoras, & Manueis
 Sempre a fama foy preclara.
 De todos he conhecida
 A Fidalguia dos Camaras,
 Dos Saas, dos Cortereais,
 Dos Limas, & dos Almadás.
 Dos Cesares com dizer
 O nome de Cesar basta,
 Estrellas são na nobreza

Romance.

157

Os Manriques, & os Laras.
Quem são os altos Carvalhos
A fama só o declara,
Quem são Correas, & Britos,
Cunhas, Correas, Saldanhas,
Deças, Rolins, Azevedos,
São no Reyno illustres cazas,
Os Magalhaens, os Sampayos,
Os Henriques, os Mirandas.
Todos estes, & outros muytos
Que minha penna não alcança,
Realçaraõ neste triunfo,
Levaraõ louros, & palmas.
Dando mate a tudo vinhaõ
Os Officiaes da caza,
E em corpo, comõ he costume,
Todos os Moços da camera.
Cercando a Real carroça
Vinhaõ os soldados da guarda,
E como à Rosa as espinhas,
Elles ao Sol com as archas.
E por remate de tudo
Vinha o Sol de Marialva,
Que depois dos nosos Reys
Não vi coufa mais bizarra.
Tambem o Conde da Torre
Dava gala à mesma gala,

Se

Se otros campan con su Estrella
Elle com seu Sol campava.
A estes polos da guerra
Seguia por retaguarda
Das luzidas companhias
Huma do Terço da Armada.
Agora, Senhora minha,
Inda o principal me falta,
Que he pintar das Magestades
Grandeza, apparatus, & graça.
Porèm não sey como chegue
Voar a esfera taõ alta,
Se o amor para esta empresa
Não me emprestar suas azas.
Porque a lingua se emudece,
A penna suspensa para,
Os sentidos se confundem,
E o juizo se embaraça.
E tó co as azas da fama
poderey ter confiança
Para em segundo Romance
Fazer segunda Jornada.

ROMANCE II.

DO Sol era o claro dia,
 Que tambem quis nestas festas
 A nossos grandes Monarchas
 Festejar estes Planetas.
 Mas o Sol vâ rir ao Sol,
 Porque hoje em Lisboa entra,
 O Sol da mor valentia,
 O Sol da maior belleza.
 Mais valente elle que Marte,
 Ella mais que Venus bella,
 Elle estera do valor,
 Porém ella da belleza.
 Mas pintar tais Magestades
 Quem haverà, que se atreva,
 Sem temer varios rilcos,
 E Faetonticas quedas.
 Pincel seja o pensamento,
 Taboa a imaginação seja,
 Se comprehender infinitos
 Pòde elle, ou pòde ella.
 No amoroso, & no severo
Tanto brillhou sua Alteza,
 Que

Que quem quer que o ve, o ama,
 Quem quer que o ama, o respeyta.
 Na Joya de Portugal
 El Rey diamante se ostenta,
 Perola a Rainha he,
 E Pedro preciosa pedra.
 Em huma carroça vinhaõ,
 Que o Sol, vendo tal riqueza,
 Cuydou que seu velho coche
 O de Faetonte era.
 Seis facas vinhaõ tirando
 A carroça taõ soberbas,
 Que em si os quatro Elementos
 Cada qual dellas encerra.
 A lento lhe dava o Fogo,
 Davalhe o Ar ligeyreza,
 Brancura lhe dava a Agoa,
 E a fermosura a Terra.
 Effes cavallos do Sol,
 Que a fama tanto celebra,
 A' vista destas seis facas
 Saõ arenques, saõ fanecas.
 Flegeton de Dom Quixote
 Do rocinante he parelha,
 Saõ Pyrois, Eoo, Ethon
 Do Cid Ruy Dias Babiecas.
 Na Real carroça vinhaõ

Romance.

161

A Insigne, & grande Marquesa,
Matrona por quem se esquecem
As Romanas, & as Gregas.
Só servir a tal Rainha
Tal Camareyra pudera,
E tal Raynha somente,
Tivera tal Camareyra.
Os coches vinhaõ das Damas,
E nellas mi primaveras,
E como a Raynha he Sol,
Se não loes, eraõ estrellas.
Estrellas na fermosura,
Mas muyto mais na nobresa,
E muy boa estrella tinha
Quem quer que chégava a vellas.
Houve grande reboiço
Junto de huma estribeyra,
Eraõ Paris, & mais Ventis,
Ambos jugando as gadelhas.
Paris dis, que se enganou,
Quando a ella a maçã dera,
Que lha deu por não ter visto
Inda as Damas Portuguesas.
Venus dis, que tem razão,
E que a maçã lhe tendera,
Se entre tanta fermosura
Pudera achar differença.

Dan-

Dando, & mais tirando vidas
 Vinhaõ as Madamas Francesas,
 Cada huma flor de Lis,
 Rosa, Angelica, Açucena.
 Entre ellas, & entre as nossas
 Era a fermosura a mesma,
 Sò o trage as distinguia,
 Para poder conhecellas.
 Junto o Senado da Camera
 A Cidade representa,
 E no Loreto leal
 Coraçãõ, & chave entrega.
 Christovaõ Soares fes,
 Com sua grande prudencia,
 A pratica a nossos Reys,
 Breve, elegante, discreta.
 Chegaraõ à Igreja Mayor
 Os mayores Soes da terra,
 Onde com *Te Deum laudamus*
 Todo o Cabbido os espera.
 Huma oytava maravilha
 Estava entaõ a Igreja,
 Toda armada de bordados,
 Ouro, brocados, & telas.
 Eraõ tantos os brocados,
 Tantas alcatifas bellas,
 Que parecia impossivel

Juntarle tanta riqueza.
Com ser o Templo taõ grande,
Nelle naõ sevia pedra,
Que de ouro, que de prata
Naõ estivesse cuberta.
Em quanto fazem oraçaõ
Eu me vou correndo à pressa
A ver os Arcos, & ruas,
Porque tambem os descreva.





ROMANCE III.

OH que grandes dous barrancos,
 Senhora, passado tenho,
 Mas nas ruas de Lisboa
 Inda à vergonha me vejo.
 Pois querer contar seus arcos,
 Empresas, figuras, versos,
 Hieroglificos, emblemas,
 Impossivel grande emprendo.
 Porque para qualquer Arco
 He pouço hum anno de tempo,
 E não ha papel que baste,
 A pintallos por extenso.
 De alcatifas, & de colchas,
 Cobertores, reposteyros,
 E de muy ricas cortinas,
 Tudo se via cuberto.
 Sette Maravilhas só
 Se haõ visto em todo o universo,
 Mas juntos hoje em Lisboa
 Se vem sette mil portentos,
 A Nação Italiana

Romance.

165

Mostrou o Arco primeyro,
Com outo Artes liberaes,
Liberal em todo extremo.

Romanos Emperadores
Seis o triunfo estaõ vendo,
E vendo taõ graõ triunfo
Acharaõ os seus mais piquenos.

Tinha discretos Emblemas
Todos feytos ao intento,
E de Portugal, & Roma
As Armas faziaõ o fecho.

Daquella Sancta, que tres
Palmas mereceu por premio,
Armaraõ muy ricamente
As portas os Volanteyros.

O segundo Arco fizeraõ
Pasteleyros, Vinhoteyros,
De cera, & mais de telilha,
Que era maravilha vello.

No principio do Chiado
O Arco estava terceyro,
Que fizeraõ os Alfayates,
Curioso, rico, & bello.

Todo cuberto de cera
Com mil labores diversos,
Com muy bem feytas figuras,
Com distychos muy bem feytos.

Rema-

Rematava-se esta obra
Com agloria ,que hoje temos,
Porque a flor de Lis de França
A gloria he deste Reyno.

Ao Espirito Sancto estava
Hum Arco,que por pequeno,
Menos fama não merece,
Nem louvor merece menos.

Este Arco só levantou
Quem da Cidade he sustento,
E quem da Cidade leva
Duma parte a outra o peso.

Na Rua nova de Almada,
Agora paro suspenso,
Porque tão graõ maravilha
Por miudo contar quero.

Hum Arco de ouro, & de azul
Tão alto estava, & soberbo,
Que ao Ceo parece subia,
A dar luz ao mesmo Febo.

Este os Homens de negocio
Fizeraõ com tal dispendio,
Que puderaõ com o gasto
Fazer hum Midas, & hum Cresso.

Outo VisoReys da India,
Pintados com tanto extremo,
Tinha, que a ser vivo Apelles,

Romance.

167

Naõ os pintara mais perfeytos:
Dom Vasco da Gama estava
Dando ao nosso Reyno reynos,
Taõ vivo, que parecia
Està aos nossos Reys dizendo:
O berço descobri do Sol, & Aurora,
E unidos vejo o Sol, & Aurora agora.
Vi Dom Francilco de Almeyda
De feu tragico successo
Esquecido, & venerando
Dizendo com grave aspecto:
Barbara terra foy minha homicida,
Ver a Affonso, & Maria me dà vida.
O destemido Albuquerque
A Goa està offerecendo,
E coroadado de victorias,
Dis com generoso peyto:
Sugeytey, & rendi a invicta Goa,
Que he throno desses pès, da India coroa.
O Exemplo da fortuna,
O graõ Duarte Pacheco,
Das suas grandes victorias
Dis, que està já satisfeyto:
De meus triunfos, palmas, & victorias
O premio tenho hoje nestas glorias.
Triunfante Dom Joaõ de Castro
Por tirar de Dio o cerco,

M

A

A quem palmas coroaraõ,
 Dis com verdade, & com zelo:
*Das prendas de que fiz taõ nobre empenho
 Nas glorias de hoje tenho o desempenho.*

O grande Nuno da Cunha,
 Que foy do valor modelo,
 A quem grande o mundo chama,
 Dis com coraçãõ sincero:
*Todo o mundo em geral grande me chama,
 Mas vence a fama de hoje a minha fama.*

De Andre Mendoça Furtado,
 De quem Romanos, & Gregos
 Puderaõ apprender valor
 Diz constante nestes versos:
*Por ser terror de Marte, enveja, espanto,
 Mereci ver tal bem. prodigio tanto.*

Martim Affonso de Souza
 Para os presentes exemplo,
 Para os futuros memoria,
 Dis a este triunfo attento:
*De meu Sol inda os rayos resplandecem
 Felices, pois tal dia ver merecem.*

Oyto Cidades insignes,
 Que saõ principais do Reyno,
 Com oyto notaveis Villas,
 Rematavaõ este portento.

E se os nomes das Cidades

Romance.

169

E das Villas o dezejo
Vos pede saber agora,
Lede-os nestes quartetos.

Lisboa

A vòs seu coração de ouro
Dà Lisboa, que he razão,
Que esteja o seu coração,
A donde està seu thesouro.

Evora

Sertorio me deu o ser,
Dom João Quarto me honrou,
Affonso me restaurou,
A quem mais venho a dever?

Elvas.

Chave, defenfa, & escudo
Sou do Reyno Lusitano,
Sou freyo do Castellano,
Elvas sou, & digo tudo.

Braga.

Braga sou, que a primazia
Com ração tenho de Hespanha,
Mas nunca gloria tamanha
Tive, como neste dia.

Coimbra.

Coimbra sou das Sciencias
Patria, deposito, & centro,
Concha sou, que guardo dentro

M ij

De

De Izabel as excellencias.

Porto.

Sou a Cidade do Porto,
E sou porto das Cidades,
E de ver tais Magestades
Vejo todo o mundo abforto.

Leyria

Sou Leyria,escudo,& malha
Vestirey quando importar,
Que para victorias dar
Sou vizinha da Batalha.

Bragança.

Eufou a nobre Bragança,
Que tenho tanto poder,
Que pude satisfazer
De Portugal a esperança.

Santarem.

Sou o nobre Santarem,
Cofre de reliquias Santas,
E por maravilhas tantas,
Sou Roma,& Jerusalem.

Cetubal.

Cetubal sempre leal
Vos rende com novas traças
Senhora infinitas graças,
Pois tem marinhas de sal.

Aveyro.

Romance.

171

Aveyro sou, que tributos
Me paga o mar dos melhores,
Flora me tributa flores,
Pomona me rende frutos.

Villaviçosa.

Minhas flores me roubou
A insigne, & grande Lisboa,
Mas ainda a fama pregoa,
Que Villaviçosa sou.

Vianna.

Fora mais minha alegria,
O' Raynha soberana,
Se, chamandome Vianna,
Me chamara Vi Maria.

Guimaraens.

Guimaraens sou, glorias minhas
No mundo a fama derrama,
Porque tambem tenho fama,
Como Elvas tem, pelas linhas.

Thomar.

Eu Thomar, só eu tomar
O mundo todo quizera,
Que a tal Raynha o rendera,
A tal Rey o houvera dar.

Villa Real.

Agora Villa Real,
Com razão me chamarão.

Pois

Pois vejo tal uniaõ,
 Pois vejo grandeza tal.
 Na Calcetaria hum Arco
 Fizeraõ os Moedeyros,
 Que na traça, & artificio,
 A palma està merecendo.
 Era de pedra fingido,
 Nelle pintado o dinheyro:
 Porèm dinheyro pintado
 Naõ he de nenhum proveyto.
 Era o remate deste Arco
 Do Reyno o Custodio bello,
 Com as Armas, que Deos deu
 Ao nosso Affonso primeyro.
 Mas hum pouco neste Arco
 Descançar agora quero,
 Que os mais nos outrõs Romances
 Hirey logo descrevendo.





R O M A N C E I V.

V Amos correndo, Senhora,
 Que inda faltaõ muytos Arcos,
 E tambem porque os Ourives
 Do Ouro me estaõ chamando.
 E se com ouro me chamaõ,
 Serà muy forte o reclamo,
 Porque a hum reclamo de ouro
 Todos apreçaõ o passo.
 Os Ourives neste triunfo
 Merecem a palma, & lauro,
 Porque de tudo o que vi
 Naõ vi brinco mais bisarro.
 A traça, artificio, a obra,
 O revestido, o ornato,
 Era feytico dos olhos,
 Dos sentidos era encanto.
 Em as Hesperidas hortas
 A nossos Monarchas altos
 Duas Nynfas offerenciaõ
 De ouro os pomos celebrados.
 Que estas maçans eraõ de ouro,

Dizem

Dizem Poetas muy sabios,
 E eu por huma dellas dera
 De camoezas hum sacco.
 Huma Aguia de fito a fito
 Do Sol vendo estava os rayos,
 Quando ella de pedraria
 Rayos estava lançando.
 Passar de ver esta joya
 Não me parece acertado,
 Mas de São Joseph o Officio
 Me convida co seu Arco.
 De sua bandeyra todos
 Os officios concertados
 Junto à Igreja da Oliveyra
 Tinhaõ o Arco fabricado.
 Como a caza he da Senhora,
 Tinhaõ seu Esposo Casto,
 E a Deos feyto Menino,
 De quem fora digno Ayo.
 Hum Satyro feyto fonte
 No meyo estava sentado,
 Que por agoas mil esguichos
 De agoa estava lançando.
 Ao grande Arco dos Flamengos
 Me vou agora chegando,
 Se he que minha humilde penna
 Pòde dar voo taõ alto.

No meyo da rua nova

Tinhaõ o Arco levantado,

E a fama por todo o mundo

Jã o andava publicando.

Da outra parte se viaõ

Juntos em Hymineo Sancto,

Os noslos grandes Monarchas

Dignos de taõ grande aplauso.

Da parte estava del Rey

O seu Progenitor claro,

El Rey Dom Joaõ o Primeyro

Que foy de Castella o rayo.

E da parte da Raynha

Ficava do outro lado

Henrique Quarto, que Oriento

Foy de Sol de esplendor tanto.

Estava a Paz, & a Concordia,

Ambas com os braços dados,

Pela paz que os Olandezes

Tem com o Reyno Lusitano,

As Quinas de Portugal

Eraõ o remate estremado,

E as bandeyras Olandezas,

Que lhe estavaõ tremolando.

E da Praça os Mercadores

De têlas, & de brocados,

De chamalotes de prata,

De

De lamas, & de damascos,
 De pannos de prata, & ouro,
 A Praça tinhaõ adornado,
 Toda com muyta riqueza,
 Desde o chaõ te os telhados.
 Mas neste grande triunto,
 Se mostraraõ taõ bizarros,
 Que a armaçaõ, que fizeraõ,
 Com o melhor Arco igualaõ.
 Dos nossos Reys Portuguezes
 Tinhaõ todos os Retratos,
 Do Reyno o Anjo Custodio,
 E o Padroeyro Sancto.
 A Cidade de Lisboa
 Tinhaõ com grande aparato,
 E Ulysses seu Fundador,
 Depois de tantos naufrágios.
 Muyto me tenho detido,
 Quando me estaõ esperando
 Os meus Ourives da prata,
 Que em tudo saõ acertados.
 Fizeraõ de fina prata
 Hum altissimo Retabolo,
 Em que El Rey Dom Manoel
 A seus Descendentes claros
 De sua Real cabeça
 A coroa estava dando,

Para que se perpetue
 Em Princepês tão preclaros.
 Em cima de tudo estava
 Aquelle Sancto Prelado
 Eloy, a quem os Ourives
 Tem por Patraão, por amparo.
 Tinha discretos Emblemas
 Ao triunfo apropriados,
 E em bayxo de tudo estava
 Hum curiozo theatro,
 Em que Portugal, & França
 Hum papel representavaõ,
 E em amizades conformes
 Hum a outro daõ os braços.
 Passando da Fancaria
 A' Portagem faz hum Arco,
 Que bandeyra, & São Miguel
 Tinha posto no mais alto.
 Como era de cera verde
 Debayxo volante branco
 Estava muyto aprazível,
 Muyto ayroso, & engraçado.
 Em cima estava triunfante
 Aquelle fermoso Artanjo,
 Que em dizer, quem como Deos?
 De Deos venceu os contrarios.
 Debayxo tinha dos pês

Aquelle

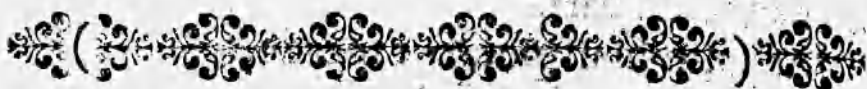
Aquelle Dragaõ irado,
 Que por soberbo, no Inferno
 Ficou feyto Anjo diabo.
 A Bandeyra de São Jorge
 Tinha o Arco fabricado
 No bayxo da Paderia,
 E nelle o Sancto acavallo.
 Matando estava com a lança
 Aquelle çanhudo drago,
 E a donzella de joelhos
 As graças lhe estava dando.
 Em cima tinhaõ a Fé,
 Porque sempre a fé nos Sanctos
 Foy a que obrou maravilhas,
 E milagres tem obrado.
 Em o alto desta Rua
 Vi dous Arcos ordenados,
 Hum ornaraõ os Corrieyros,
 C,apateyros outro ornaraõ.
 Da Conceyçãõ a Senhora,
 Concebida sem peccado,
 Do Arco dos Corrieyros,
 He Lua, Estrella, & Sol claro.
 São Chrispim dos C,apateyros
 Tinha o Arco authorizado,
 Sancto que tem por Irmaõ
 Ao Sancto Chrispiniano.

De subir à Padaria

Me sinto hum pouco cançado,
O mais no quinto Romance
Hirà porque acaba o quarto.



RO-



R O M A N C E V.

Cuydo que nos meus Romances
 Vou já de todo perdido,
 Mal posso ganhar o jogo,
 Pois que começo a dar cinco.
 Porèm dos Arcos a obra
 Se requinta neste quinto,
 Pois cada hum dos que faltaõ
 De mil victores he digno.
 De flores os Cerieyros
 Fizeraõ tal artificio,
 Que o mez de Agosto tornaraõ
 Primavera, & Abril florido.
 Flora tinha a Cornucopia
 Chea de Cravos, & Lirios,
 De Rosas, Jasmins, Mosquetas,
 Açucenas, & Junquilhaos.
 A noslos Reys a offerencia
 Com a bocca cheya de riso,
 Que cuydo estava dizendo
 O que tem na tarje escrito:
*Das Flores da primavera
 Cera fez a Abelha; agora*

Para

Romancé.

181

*Para vos tributar Flora
Flores faz da mesma cera.*

Pomona tinha hum cabàs
Cheyos de frutos muy ricos,
Que tambem lhes offerecia
Com estes quatro versinhos:

*Desde huma athè outra Zona
Pomona vos rende frutos,
Que he bem vos paguem tributos
Flora, Ceres, & Pomona.*

Ceres rematava o Arco,
E com hum gosto excessivo,
Aos Reys, dis offerecendo
Humas espigas de trigo:

*Se Flora, & Pomona amigas
Vos rendem frutos, & flores,
Ceres tributos melhores,
Vos rende em vender espigas.*

Huma Parreyra fizeraõ
Com tal traça, & artificio,
Que puderaõ suas uvas
Enganar aos passarinhos.

O artificio bastardos
Faz a seus cachos opimos,
Mas a vista vendo as uvas,
Os julgava por legitimos.
Quanto a Mula antiga canta,

Quanto

Quanto canta o verso antigo,
 Cesse, porque hoje em Lisboa
 Se levanta mor prodigio.
 Fizeraõ hum Arco os Francezes,
 Que de tal Arco me admiro,
 Pois passa a grimpã da Sè,
 No soberbo, & no altivo.
 De tal portada lómente
 Digno era tal edificio,
 E de hum Arco taõ notavel
 Só taõ grande 'Templo he digno.
 Huma oytava maravilha
 Da Sè era o frontispicio,
 Pois Arco taõ grandioso
 Já mais no mundo se hà visto.
 De huma parte estava posto,
 Em hum sumptuoso nicho,
 O Fundador deste Reyno,
 O primeyro Affonso invicto.
 Em outro da outra parte
 O Restaurador querido
 Dom Joaõ o Quarto, que fez
 Livre o Reyno de cativo.
 Em hum quadro retratados
 Debayxo de hum docel rico
 Nossos Monarchas estavaõ
 Algum tanto parecidos.

Porém no quadro, & mais nelles;
 Que vay, com verdade digo,
 Muyto do vivo ao pintado,
 Muyto de pintado ao vivo.

As quatro partes do mundo
 Lhe offrecem dons exquisitos,
 Que do mundo as quatro partes
 Chega seu grande dominio.

Fé, Esperança, & Charidade,
 Estavaõ postas no friso,
 Que estas virtudes são coroa
 De Reys taõ Christianissimos.

Debayxo do grande Arco,
 Em quatro partes advirto
 Quatro virtudes, que a hum Rey
 Daõ poder, & senhorio.

Tinhaõ discretos emblemas,
 E curiosos hieroglicos,
 Que, por não ser dilatado,
 Por extenso não refiro.

Em quanto andey vendo o Arco
 Curioso, & pensativo,
 Os Reys sahiraõ da Sé,
 E ao Palacio são já idos.

Porém inda vejo os coches,
 E eu à pressa os vou seguindo,
 E assi os Arcos, que me faltaõ

N

Hirey

Hirey vendo de caminho.
 Humas varandas de grades
 Na praça do Peloyrinho
 Os Pintores levantáraõ,
 Com figuras, & Meninos.
 E no fim dellas estava
 Hum Arco grande, & subido,
 Fabrica com que os Ingleses
 Naõ faltarão no festivo.
 Tinha de huma, & doutra parte
 Em muytos quadros distinctos,
 Alguns Reys de Inglaterra,
 Pelas armas conhecidos.
 Em quatro cantos mostrava
 De Inglaterra quatro rios,
 Que no caudaloso podem
 Competir com o mesmo Nilo.
 Estava o famoso Carlos
 Em laço amoroso unido
 Com a fermosa Catharina,
 Da fermosura prodigio.
 Inglaterra se ostentava
 Sentada com Senhoria
 Com tres Coroas, que domina,
 E com seus fortes navios.
 Era o remate do Arco
 São Jorge com grande brío,

Se filho de Inglaterra,
 De Portugal patrocínio.
 Não se dirá do Terreyro
 Não ser todo pão de trigo;
 Pois era sua armação
 Trigo anafil escolhido.
 A Alfandega se adornou,
 Estando em distante sitio,
 Porque como o Rey he Sol,
 Nada ao Sol he escondido.
 Entre ella, & entre o Terreyro
 Estavão os Contos luzidos,
 Contallos fãõ contos largos,
 E perder o algarismo.
 O Açougue se mostrou
 Tambem com muyto capricho;
 Sem ter nenhum contrapeso
 Curioso, afeado, & limpo.
 Mas para o ultimo Arco
 Ao Deos Apollo apellido,
 Porque de hum Arco Imperial
 Não se falla sem auxilio.
 Este tinha quatro faces,
 E dentro nellas escritos
 Muy levantados emblemas,
 Com seus letreyros latinos.
 E em verso Heroyco ao pè

Bem limado, & bem medido,
 Em oytavas declarava
 Dos Emblemas o sentido.
 De Alemanha Emperadores
 Oyto estavaõ pelos frisos,
 Que Progenitores foraõ
 Do Sol, que hoje luzir vimos.
 Tinha em cima quatro quadros,
 Dous eraõ triunfos altivos,
 Que Emperadores tiveraõ
 De rebeldes inimigos.
 Em hum da banda do mar
 O Emperador Federico,
 Dentron a Sancta Cidade
 Se coroava de ouro fino.
 Noutra da banda do Paço,
 Rodolfo com zelo pio,
 O seu cavallo, ou carroça
 Dava da Igreja ao Ministro,
 Que a hum Enfermo levava
 O Senhor do Ceo Empyreo,
 Com as Aguias do Imperio,
 Vendo o Sol de fito a fito.
 Este, Senhora, he o Triunfo,
 Este o Applauso festivo,
 Com que recebeo Lisboa
 A seus Monarcas invictos,

Romance.

187

Cuja vida o Ceo dilate
Por muy dilatados figlos,
E em seus prosperos successos
Semostre sempre benigno.
Para que Affonso triunfante
De Turcos, Mouros, gentios,
Restaure o Sancto Sepulchro
Do poder dos inimigos.
E deste Sancto Hymineo
O Ceo lhe de tantos filhos,
Que hum mundo seja muy pouco,
Para conquistar seus brios.



N iij

RELA-



R E L A C A M

DAS CANAS REAYS, COM QUE A NO-
breza Lusitana festejou as felicissimas vodas
dos Senhores Reys D. Affonso VI. & D.
Maria Francisca Isabel de Saboya.

Offerecida ao Senhor

D. RODRIGO DE MENEZES

Pelo mesmo Author.

D E D I C A T O R I A.



AQUELLE festivo dia, que Por-
tugal desca seu primeyro berço naõ
vio outro semelhante, quando a No-
breza desta Corte em humas Reays
Canas quiz mostrar o gosto, que te-
ve nas felecissimas vodas dos nossos grandes Mo-
narchas, me mandou V. S. escrevesse humas Deci-
mas; E supposto que taõ alta empresa naõ era
para a minha humilde penna; como os mandados
dos Senhores devem sempre ser obedecidos, escrevi
estas, que quando por minhas, naõ mereçaõ che-
gar

Dedicatoria.

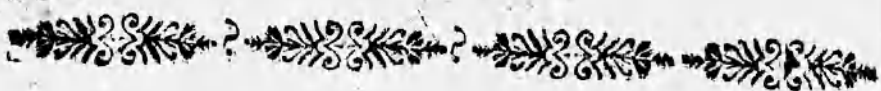
189

gar a esses pês, pelos sugeytos de que trataõ merecem a dita de chegar a essas mãos illustres. A pessoa de V. S. guarde Deos largos annos, como este mais humilde creado de V. S. dezeja.



N iij

RO-


 R O M A N C E .

Vossa Senhoria a mim
 Em decimas me condemna?
 Quando tiverão de que
 Pagar decima os Poetas?
 Mas a Vossa Senhoria
 Razaõ he que lhe obedeça,
 Affim que, as decimas pago,
 Mas em bem ruim moeda,
 Canas ferà hoje ouvirme,
 Quando estas Canas descreeva,
 Que são Canas ouvir versos
 De hum Poeta de mã vea,
 Sempre imaginey que o Sol
 Hum só era em sua esfera,
 Mas hoje acho nestas Canas
 Ter vinte & cinco parelhas.
 A primeyra he dos Padrinhos,
 Porèm minha penna erra,
 Em dar nome de Padrinhos,
 A tais padroens da Nobreza.
 Vinhaõ dando luz ao dia,
 Sendo sua gala negra,
 Que sempre o Sol dentre nuvens
 Sahe com mayor belleza.

A guarnição dos vestidos
 Toda fina prata era,
 Fino ouro quem as vestia,
 Dando gala à gala mesma.

I.

Vinha o Conde de Miranda
 Bizarro de tal maneyra,
 Que o Sol em sua carreyra
 Olha pasmado, & não anda.
 Que tome seu coche manda,
 E de seus amores morto,
 Vendo tanta luz absorto
 Disse, com saber profundo,
 Governe, & dê luz ao mundo
 O Governador do Porto.

2.

O Visconde neste dia
 Com tantas luzes brilhava,
 Que elle a si só se igualava,
 Exceder-se não podia:
 Fino diamante luzia,
 Brilhava claro luzeyro,
 Mas ser em tudo primeyro
 Não me admira nesta acção,
 Se he lima da perfeição,
 De Sol mayor Estribeyro.
 Vendo a primeyra quadrilha

Suspendo

Suspensô o quarto Planeta,
 Aqui da quadrilha chama,
 Porque sua luz lhe leva.
 Prata, enogueyrado a gala,
 Mas porem desta nogueyra
 São mais as nozes, que as vozes,
 Que diz da fama a trombeta.

3.

Debayxo do traje Mouro
 De Gouvea o graó Marquez
 Nos mostrou, que desta vez
 Tudo quanto luz he ouro:
 Nelle vi, como em thesouro,
 Unidos por excellencia,
 De hum Dom Diogo a prudencia,
 De hum Dom Felippe o valor,
 De hum Dom Manrique o amor,
 De hum Dom Joáo a sciencia.

4.

O illustre Conde da Feyra
 Da Nobreza era o brazaó,
 E pudera em conclusaó
 Fazer da nobreza feyra:
 Este dia de maneyra
 Brillhou com tanto arrebol,
 Que a todos mostrou ser Sol,
 Pois seu sangue tanto val,
 Que em Castella, & Portugal

He da Nobreza o Farol.

5.

Taó nobre como as Estrellas,
O Conde de Santa Cruz,
Era da Nobreza luz,
Era Sol com luzes bellas:
Mas entre Mouriscas télas
Tanto brilhou neste dia,
Que com sua cortezia,
Nestes applausos festivos,
A todos fez seus cativos,
Que a todos cortex rendia.

6.

O Conde de Abrantes muro
Forte he em toda occasiaó,
Das fontes de seu irmão
Limpo crystal, claro, & puro;
Taó valente, taó seguro
Jugava com os amigos,
Que temiaó os inimigos
Que a Cana em lança trocasse,
Porque se a lança empunhasse,
Certos tinhaó seus perigos.

7.

Clara luz de Obidos era
O dos Mascarenhas flor,
Dom Fernando, & seu fulgor

De

De Sol alumia a esfera:
 Vinha feyto Primavera,
 Sendo huma enveja das flores,
 E eraõ tais os seus primores,
 Que rendia com decoro
 Feyto Mouro, qual Medoro,
 Mil Angelicas de amores.

8.

Sendo exemplo da firmeza
 O de Villa Verde vinha,
 E viva em seu peyto tinha
 Huma defunta belleza:
 De amor encobre a fineza
 Em seu coração amante,
 E descobre em seu semblante
 A fineza, & lealdade,
 E assim o vio a Cidade
 Amante, leal, constante.
 Entra a segunda quadrilha,
 Segunda sem ter primeyra,
 Primeyra sem ter segunda
 Porque he hum Fenis na terra.
 Na terra? não digo bem,
 Porque he quadrilha de Estrellas,
 Como mostra a cor azul
 Em que o ouro reverbera.

Virtude,

9.

Virtude, merecimento
 A nobreza, a fidalguia;
 A prudencia, a valentia,
 A constancia, o sofrimento,
 Da lealdade o mor protento
 O protento do valor,
 Liberalidade, & amor,
 Tudo isto junto se achava
 E como em seu centro estava,
 Em hum Castello melhor.

10.

Realçava na nobreza
 Galan Dom Luis de Alancastro;
 Sendo na nobreza hum astro,
 Hum astro na gentileza,
 Liberal a natureza
 No illustre sangue, que herdou,
 De tais partes o adornou,
 Que nesta illustre quadrilha,
 Se claro diamante brilha,
 Fino ouro se mostrou.

11.

O Conde da Vidigueyra,
 Sempre illustre, & nobre Gama,
 Seus louvores diga a fama,
 Por todo o mundo ligeyra:

Assim brilhou de maneyra,
 Que feu illustre ascendente
 Vendo-o taõ resplandecente
 Cuydou à India naõ passara,
 Porque nelle certo achàra
 Mais claro Sol, que no Oriente.

12.

O mundo vejo suspenso,
 E com razaõ admirado
 Do sangue illustre, & alentado
 Do Conde de São Lourenço.
 Pagalhe a Nobreza censo,
 E tanto o Conde brilhava,
 Que eu de vello me admirava
 E de tal Pay dizer posso
 Co grande Poeta nosso
 Que tal filho se esperava.

13.

Christovaõ de Almada està
 Dando gala á mesma gala,
 A vello o mundo se abala,
 Porque às galas alma dá:
 Sempre juntos nelle hà
 Em seu nobre coração
 O valor, & a discricão,
 O primor, a valentia,
 O valor, a cortezia,

Sempre

Romance.

197.

Sempre nelle se achàraõ.

14.

Dom Simaõ, com rayos bellos,
Ao Sol causava desmayos,
E eu vendo esconder seus rayos,
Ao Sol disse Vasconcellos:
O dar de valor modelos,
E ter da milicia a arte,
Diz a fama em toda a parte,
E os deoses em suas Sallas
O vem por filho de Pallas,
O tem por filho de Marte.

De acabellado, & de prata
Entra a quadrilha terceyra,
E se era de acabellado,
Do cabelo do Sol era.

A prata lhe deu a Lua,
O luzimento as Estrellas,
O valor, & bizzarria
Foy influxo dos Planetas.

15.

Ao Marquez de Marialva
Naõ louvaõ decimas minhas,
Louvem-no de Elvas as linhas,
Montes claros lhe dem salva:
Ser Sol, Estrella, & mais Alva
No mundo a fama apregoa,

Sendo

Sendo a gloria de Lisboa,
 He dos Menezes a gloria,
 Segurança da vitoria,
 E restauraçõ da Coroa.

16.

Desafia ao mesmo dia
 Dom Lourenço de Alancastro,
 Tanto ao mais brilhante astro
 Como ao Sol desafia:
 O munoo fe suspendia,
 E mostrava admiraçõ
 De ver Mouro nesta acçãõ,
 Cauzando geral espanto,
 Neto de hum Avo taõ Santo
 Filho de hum Pay taõ Christãõ!

17.

Adonis na gentileza
 Vinha o Conde de Monsanto,
 Nelle se ve junto quanto
 Ha de valor, & nobreza:
 Thesouro he com tal riqueza
 Como mostraõ prendas tais,
 Mas estas, & outras mais
 Diz sempre a fama palreyra,
 Que lhe vem da Castanheyra,
 E que lhe vem de Cascais.

18.

Sómente o Conde Barão
 De tal lugar teve logro
 Entre taes genros, & fogro,
 Como na quadilha vão.
 Que muyto, se nelle estão
 Taes partes, taes perfeçoens,
 Que causaõ admiracoens,
 Ver nelle recopilados
 Os feytos taõ celebrados,
 De seus passados Baroens.

19.

Dom Miguel Luis, a luzir
 Com elle o Sol não se ponha,
 Que taõ illustre Noronha
 Vencido ao Sol fará ir,
 Nelle juntos vi unir,
 Sendo em tudo admiracão,
 A nobresa, & discricão;
 Tendo por modo subido
 O discreto adquirido,
 O illustre por geraçãõ.

20.

Dom Rodrigo de Menezes
 Em tudo prodigio raro
 Outro não vio mais perclaro
 O Sol em seus doze mezes:

IV. Part.

O

Vence

Vence a Trajano mil vezes
 Na justiça, na igualdade,
 No zelo, fe, na verdade,
 Firme, zeloso, constante
 Se ostentou claro, & brilhante;
 Luz dando a toda a Cidade.

Dando admiração ao mundo
 A quarta quadrilha chega,
 Deyxando seu branco em branco,
 Quem quer que vencella intenta:
 Ouro, & branco na quadrilha
 Tambem faziaõ parelha,
 Mas porei ao branco, & ouro
 Deu a quadrilha belleza

21.

Posto que em tudo he primeyro
 O illustre Conde de Aveyras,
 Veyo a ser nestas carreyras
 De Regedor quadrilheyro.
 Nellas foy claro luzeyro
 Sempre o Conde Regedor,
 Feyto Turco no valor,
 Não he muyto a todos rendesse;
 E graõ turco pareceffe,
 Sendo sempre graõ senhor.

22.

Da Silva illustre Joaõ

Romance.

201

Só seguir tal luz podera ,
Sendo alegre primavera ,
Sendo flor na perfeição :
Nelle vi com suspenção
Naõ ser como as outras flores ,
Por quanto as flores melhores
São flores de sylva madre ,
Mas flores de sylva padre
São só as mais superiores :

23.

Dom João de Alencastro tanto
Em luzes resplandecia,
Que aos sentidos suspendia ,
Aos olhos causava espanto;
Nelle se vê junto quanto
A fortuna póde dar,
Ser no sangue singular ,
Ser singular na nobreza ,
Singular na gentileza,
Ser Fenis , que não tem par.

24.

Nesta festiva campanha ,
Oh que grandes luzes vem !
Mas quem tantas luzes tem
He só Luis de Saldanha.
Nelle vi com grão façanha ,
Unidos no mesmo ser ,

O ij

A va-

A valentia, o saber ,
 E a fama em todas as partes
 Diz que quem quizer ver artes,
 Neste Saldanha as vâ ver.

25.

Quem quizer achar tal bem
 Como o Visconde de Affeca
 Hade correr sêca , & mēca ,
 E olivays de Santarem.
 Cuydo inda assim , que ninguem
 Lhe poderà dar igual :
 Tanto este Correa val ,
 Que della Apollo blasona ,
 E para os Sinos da Zona
 Cortou do Correa tal.

26.

Louvar eu a Joâo Correa
 Serà muy alto voar,
 Porque para o eu louvar
 Hey mister de Homero a vea.
 Velo era felice estrea ,
 Galan , ayroso , & polido ;
 Tanto que vendo-o Cupido
 Seu Arco , & frechas lhe rende ;
 Que elle nas Damas despēde ,
 Com que a todas tem ferido.
 Já chega a quinta quadrilha

Ser de Marte he cousa certa ;
 Porque hum só Planeta quinto
 Quinta quadrilha governa.

De acamuçado, & de prata
 Se orna quadrilha taõ bella ;
 Antes troca por camuça
 Ouro, & prata, que despresa.

27.

Da Torre o illustre Conde
 Louvores publique a fama ;
 Porem já elle os derrama
 Donde o Sol nasce, & se esconde:
 No mundo naõ ha parte, onde
 Deyxe de ser conhecido
 Por valente, & entendido,
 Por insigne Cavalleyro,
 Por liberal, por guerreyro,
 E por sangue esclarecido.

28.

Do mais lindo Prado a flor
 Se vê no Conde do Prado,
 E nelle està retratado
 Do insigne Pay o valor,
 Flor taõ alta, & superior,
 Que vence a mais alta hera,
 Só tal Prado dar pudera;
 Porque tanto ha de subir

IV, Part,

Q iij

Que

Que esta flor ha de luzir
Mais que toda a primavera;

29.

Segunda flor Dom Joaõ
Deste Prado na quadrilha
Era huma flor maravilha,
Hum cravo na perfeçãõ:
Assim que hum, & outro irmaõ
Taõ bizzarros se mostrãõ,
Taõ ayrosos se ostentãõ,
Que quem os vira dissera
Que só tal Prado pudera
Dar taes flores, que admirãõ,

30.

Vinha Dom Luis Manoel
Em tudo passando a raya,
Porque o Conde de Atalaya
He de flores hum vergel:
A fama em claro papel
Seus louvores só delcreva,
Minha penna não se attreva
Voar a esfera taõ alta,
Porque a eloquencia me falta;
Com que de tal Conde escreva,

31.

Dom Diogo de Almeyda agora
Entra taõ claro, & flamante,

Que

Que outro a elle semelhante
 Não vio o Sol, nem a Aurora.
 Nelle junto nesta hora
 Vi quanto se pôde ver ;
 Assim, que posso dizer,
 Que a nobreza, & fidalguia ;
 Discrizaõ, & valentia
 Sempre estaõ nelle em hum fer.

32.

Se de Almeyda paralelo
 Minha Musa quer buscar,
 Só outro Almeyda ha de achar ;
 Que he do valor hum modello.
 Dom Pedro hum fórte Castello
 He só a donde se encerra
 O valor todo na guerra,
 O primor todo na paz,
 E quem com taes luzes faz
 Hoje esclarecer a terra,
 Rayos de luzes lançando
 Se ostenta a quadrilha sexta,
 Cuja luz he taõ radiante,
 Que a vista de hum lince cega.
 De gemado, & mais de prata
 Toda a quadrilha se ostenta,
 Que he bem que vista gemado
 Quem he da nobreza gema.

O iiii

Sendo

33.

Sendo outro Marte alentado
 O Conde de Villa Flor,
 Vencia com seu valor
 Esse Deos Marte afamado,
 Sempre ferey limitado
 Louvando sugeyto tal,
 A fama, que tanto val,
 Dizer pôde seus louvores,
 Com trombetas, & tambores,
 No Campo do Ameyxial

34.

Seu filho seguindo-o vem,
 E ser grande diz seu nome,
 E tambem tem sobre nome,
 De quem he da gloria o bem,
 Logo se em si juntos tem
 Para illustrar seu valor
 O sobre nome mayor,
 Nome de hum Santo tão grande,
 Por mais que o Sol corra, & ande
 Não verá couza melhor.

35.

O Conde de Mesquitella
 Rayo de luz resplandece,
 Seu sangue illustre enriquece
 Cuma virtuosa tella,

Romance,

207

Affim mostrou luz tão bella ;
Que suspensos os fentidos ,
Em applausos repetidos ,
Diz seus louvores a fama ,
E coroa de verde rama
Seus meritos tão subidos.

36.

Dom Antonio Castel-branco
Branco he de todas as vistas ;
E em amorosas conquistas ,
Sempre tem o campo franco ;
Das graças tem feyto estanco ;
Das gentilezas thesouro ,
Brillhou como hum pino d'ouro ,
Tão nobre como as Estrellas ,
Outro de partes mais bellas
Naõ vio o Planeta louro.

37.

Agora suspenso paro
Admirando na grandesa
Da illustre , & grande nobreza
De Dom Diogo de Faro.
A este prodigio raro
De taes partes o dotou
A natureza , & o ornou
Tanto , que he admiraçãõ ;
Pois quanto ha de perfeçãõ

Em

Em Dom Diogo cifrou,

38.

O Academico ambicioso
 Desde hum até outro pollo;
 Das Musas he novo Apollo;
 Sempre illustre, & generoso:

Quem he este taõ famoso
 Das sciencias graõ abrigo,
 Das letras o mor amigo,
 Ser a fama testemunha

Antonio Alvres da Cunha;
 O graõ fugeyto, que digo.

De Camoens, Virgilio, Homero,
 Serà limitada a penna
 Se da septima quadrilha

Quizer contar a excellencia.

De prata, & mais de encarnado

Brilhava de tal maneyra,

Que nunca encarnado, & prata;

Mostraraõ mayor riqueza.

39.

A flor da Cavallaria,

E da diicriçaõ a flor;

O centro do mór valor;

O centro da fidalguia;

O affombro da valentia;

O fugeyto mais cabal,

Romance.

Fênis, que não tem igual,
Bem sey que todos dirão ;
Que este excellente varaõ
He o Conde de Sabugal.

40.

Louvar de Villar mayor
Não posso o raro fugeyto ,
Porque lhe sou muy suspeyto
Por sympatia de amor:
A Sylva taõ superior
Do illustre Pay as taçanhas
Louvem , pois que são tamanhas ;
Taõ claras , taõ manifestas,
Que nas mais publicas festas
Sempre admiraõ por estranhas.

41.

Francisco Correa entrou
Da sylva taõ singular,
Que a todos deu que admirar
Na grandeza , que ostentou:
Taõ bizarro se mostrou,
Que quando velo admirava
O velo gosto causava,
Taõ illustre , & taõ perfeyto,
Que muyto , se fugeyto
Correa , & Sylva juntava.

Luis

42.

Luis Francisco de Saldanha
 Era da galla a victoria,
 Era dos olhos a gloria,
 Com bizzarria tamanha
 Que o amor buscava manha
 Para não ficar rendido,
 Mas porèm ficou vencido,
 E Venus nesta occasião
 Lhe entregou seu coração
 Por seu Adonis querido,

43.

Diogo Lopes de Souza
 Publica a fama veloz
 E o mundo todo a huma voz
 Que não ha mais nóbre cousa;
 Louvallo certo não ousa
 Minha Musa, & fico mudo,
 Porèm, vendo seu elcudo,
 Seu louvor venho a alcançar,
 Porque em Souza lhe chamar
 Certo venho a dizer tudo,

44.

O Monteyro Mór caçando,
 Vem a todos os sentidos;
 Porque em velo suspendidos
 Todos se estão admirando;
 Tal galla vinha mostrando;

Tal

Romance.

211

Tal brio , tal galhardia ,
Que certo que neste dia
Por varios , & illustres modos,
Deyxou rendidos a todos,
Fes de todos montaria
Sendo oytava maravilha
Oytava quadrilha entra ,
E de Argos todos os olhos
Saõ muy poucos para vella.
Que vista verde me admira ,
Que esperanza representa
Que quadrilha , que tem tudo,
Naõ sey que outra coufa espera.
Que tambem com ouro brilhe ,
Naõ he muyto me suspenda
Ver que possa brilhar ouro,
Donde tanto Sol se encerra.

45.

Mostrando sua luz clara
De Saõ Joaõ vinha o Conde ,
O Sol de vello se esconde ,
Por lhe ver luz mais preclara
Naõ andou com elle avarre
Natureza , & com razãõ ,
Assim com liberal maõ ,
De taes partes o dotou ,
Que he certo as lampas levou ,

O Con

O Conde de São João.

46.

Prepara a fama o belisco
 Augusto , illustre , preclaro
 A hum fugeyto taõ raro,
 Que he Tavora , & he Francisco:
 Em louvallo tenho risco ,
 De cahir qual Faetonte :
 A fama fõmente conte
 Seus encomios , & louvores ,
 E seus altos resplandores ,
 Por todo o mundo remonte.

47.

As Musas vejo contentes
 Muyto alegres , muyto ledas ,
 Porque o Conde de Sarzedas
 Louvar querem reverentes ;
 Mas estaõ indifferentes
 Se o louvem de graõ luzeyro ,
 Se de insigne Cavalleyro ,
 E em seus louvores confusas
 Publicaõ as nove Musas,
 Que o Conde em tudo he primeyro.

48.

Dom Miguel de alta Sylveyra
 Flor illustre em perfeçãõ
 Como irmão de seu irmão ,

Romance.

213

Sol se mostrou na carreyra.
Assim brilhou de maneyra,
Que a fama logo applaudio,
Porque claro Sol luzio,
Porque diamante brilhou,
Porque Marte se mostrou,
E porque Adonis se vio.

49.

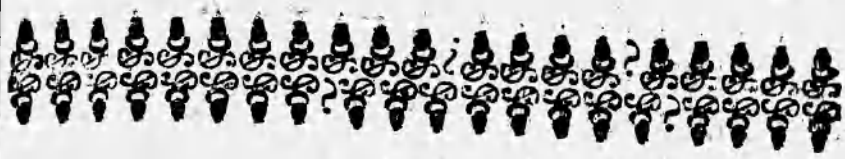
Cezar ou nada dizia
Cezar que queria ser,
Mas nada o veyo a fazer
Pedro Cezar neste dia:
Porque sua valentia
Em tudo tão acertada,
Sua valerosa espada
O fez Cezar com razão,
E em sua comparação
Cezar ficou sendo nada.

50.

Anda a fama pelos ares
Dom João de Castro applaudindo,
O seu nome repetindo,
Com victores a milhares:
Coroas lhe tece a pares,
Da illustre, da verde rama;
E assim no mundo o acclama
Por illustre descendente

De

De outro Dom João excellente,
 Que foy decimo da fama.
 Chegaõ ao Real Terreyro,
 Donde da mais alta esfera
 As mais altas Magestades
 Daõ luz a tantos Planetas.
 Tambem sua Alteza a todos
 Com sua vista os alenta,
 Que ElRey, Raynha, & Infante
 He Sol, he Lua, he Estrella.
 Os Sois das illustres Damas
 Iguamente os allumea,
 Que he alegria dos olhos
 Tanta bella Primavera.
 Ayrosos jogaraõ Canas,
 Corretaõ com tal prestesa,
 Que no mesmo tempo os viaõ
 Estar em partes diversas.
 Exhalacoens os cavallos
 Pareciaõ na carreya,
 Correr, voltar, & parar
 Huma mesma coufa era.
 Acabouse logo a tarde,
 Mas de taõ illustre festa
 Em as idades futuras
 Haverà memoria eterna.



PEDINDO A FRANCISCO DE MENZAS

Seu amigo, que o soccorra.

Pelo mesmo Author.

R O M A N C E

S Enhor Francisco de Menzas,
 Hum Romance hoje vos faço,
 Em que fer Poeta mostro,
 Em que fer pobre declaro.
 Porque pobreza, & Poesia
 Nasceraõ de hum mesmo parto,
 E destas Poeta, & pobre
 Nasci em dia aziago.
 E como saõ taõ amigas,
 E parentes taõ chegados,
 Entre pobre, & mais Poeta
 Diferença nenhuma acho.
 Como pobreza, & Poesia
 Cantem no mesmo compasso,
 E a loucura, todos tres

IV. Part.

P

Fa-

Fazem hum terno estremado;
 E taõ unidas comigo
 Todas tres estaõ n'hum laço ;
 Que se naõ canto com ellas,
 Que com ellas choro he claro.
 Poeta o vicio me fez ,
 Fez-me louco o tempo vario ,
 A fortuna me fez pobre ,
 Sendo todos meus contrarios.
 Mas porẽm naõ sou Poeta ,
 Que este nome taõ preclaro
 Naõ o posso merecer ,
 Por quatro trovas , que faço.
 Porque fer Poeta hum homem
 He hum dom muy sublimado ;
 Huma graça gratis data ,
 E hum espiritu muy alto.
 Mas que sou louco varrido ,
 Isso naõ posso negallo ,
 Que as cauzas pelos effeytos
 Se conhecem de ordinario.
 Porque grande louco he,
 E de juizo bẽm falto,
 Quem faz trovas , & faz versos
 Estando em taõ triste estado.
 Porẽm : *Quod natura dat* ,
 Nos diz o Latino Adagio

Romance

217

Que: *Nemo negare potest,*
Assim que estou desculpado.
He certo que melhor fora
O ser hum louco insensato,
Do que ter algum juizo
Para sentir o que passo.

D E C I M A.

Porque só perde o juizo
Quem sempre juizo tem,
Quem a enlouquecer não vem
Esse he louco, & não tem sizo:
O louco só tem juizo
Porque o mal, que tem, não sente
Que neste tempo presente
Sentir com entendimento
Augmenta mais o tormento,
Faz a penna mais vehemente.

Que sou pobre he taõ patente,
Que não hey mister provallo,
E mais quando este Romance
Em ser pobre vay fundado.

Tudo isto laõ rodeyos,
Que eu, Senhor, ando buscando,
Por dilatar o pedirvos
De corrido, & envergonhado.

P ij

Por-

Porque não sey com que cara
 Pedir possa hum homem honrado;
 Quando sey que he o pedir
 Taõ duro, custoso, & caro.
 Que entre morrer, & pedir
 Acho fora mais barato
 Ao homem honrado morrer.
 Que pedir necessitado.
 Porque he o mal da pobreza
 Taõ forte, & desesperado,
 Taõ cruel, taõ rigoroso,
 Taõ triste, abatido, & bayxo;
 Que a não nos fazer a morte
 Tais medos, receyos tantos,
 Oh quantos a tomariaõ
 Da vil miseria obrigados!
 Que não he taõ feya a morte
 Como a pintaõ de ordinario;
 Que vay do pintado ao que he
 O que do vivo ao pintado.
 Que essa anatomia de ossos,
 De sangue, & de carne faltos;
 Esse cadaver horrivel,
 Esse esqueleto mirrado,
 Essa medonha caveyra,
 Que mette horror, causa asco;
 Não he retrato da morte,

Se não de hum morto retrato,
 Que a morte sómente he feya
 Quando succede em peccado,
 Mas he muy bella, & fermosa
 A morte do Justo, & Santo,
 He a morte hum leve sono,
 Hum aprazivel lethargo,
 Doce suspensão das pennas,
 Suave fim dos trabalhos.
 He a morte hum livro certo,
 Em que se lem defenganos,
 He hum Amigo fiel,
 Que a ninguem tras enganado.
 He a morte hum Surgião
 Taõ destro, perito, & sabio,
 Que só com sua lembrança
 Corta os erpes do peccado.
 Porque quem della se lembra,
 E do juizo he lembrado,
 Do Paraizo, do Inferno,
 Que não peccará he claro.
 Que ha mortes muy defestradas
 Por ruinas, por naufragios,
 Por grandes apoplexias,
 E por accidentes varios.
 E por isso importa andar
 Na consciencia ajustado,

E ter a conta bem feyta,
 Para a dar boa no cabo.
 Porque a morte não avisa
 Quando ha de vir pelo prazo,
 Nem diz o como, nem quando
 Para nos ter com cuydado.
 Ella he quem no combate
 Sempre com tão livre passo
 Entra nas choças humildes,
 Como nos altos palacios.
 Dalli leva Coroa, & Sceptro,
 Daqui monteyra, & cajado,
 Que de sua aguda fouce
 Nem foge o alto, nem o bayxo.
 Porque para ella não ha
 Lugar algum reservado,
 Porque em todo o mundo tem
 Jurildição, poder, mando.

Quintilha.

Que ni al Rey mas subido
 Porque su tributo cobre,
 Ni al peon abatido
 Lo dexo por escondido,
 Ni le perdono por pobre.

Felice, quem como o Cysne

Dá vida chegar ao cabo,
 Porque o branco Cysne acaba
 Da vida o curso cantando.

E mais felice mil vezes
 A quem ella achou deytado
 Na sua cama, contrito,
 E chorando os seus peccados.

Mas a morte sempre tarda
 Ao triste, que a está chamando,
 Sendo às suas queyxas furda,
 Sem acodir a seus brados.

Porque nunca para hum triste,
 Com ter azas, vem voando,
 Para huns apreça o relógio,
 Para outros o tem parado.

Porque foge a quem a busca,
 Dá a quem lhe foge assalto,
 Deyxa a quem de nada serve,
 Leva a quem he necessario.

Leva hum rico, deyxá hum pobre,
 Deyxa hum nescio, leva hum sabio,
 Do mundo o ornato tira,
 Deyxa do mundo o embaraço.

Corta huma encarnada rosa,
 Arranca hum purpureo cravo,
 Naõ corta a negra azinheyra,
 Deyxa o rispido carrasco.

P iiij

Roza

Roza bella he qualquer dama,
 Cravo hum mancebo bizarro,
 Azinheyra a triste velha,
 Carrasco inutil o avaro.
 E pois tudo o que he a morte
 Tenho dito dilatado,
 O que seja agora a vida
 Mais brevemente relato.
 A vida he perpetua guerra,
 Hum continuo sobrefalto,
 Huma inquieta fadiga,
 He hum mar sempre alterado.
 Tambem a vida he hum livro,
 Mas muy mentiroso, & falso,
 Hum amigo lifongeyro,
 Que a todos traz enganados,
 Tambem he hum Surgiaõ,
 Mas bem pouco experimentado,
 Que anda curando por fora,
 Por dentro os erpes deyxando.
 Mas não sey que tem a vida,
 Que todos a dezejamos,
 Para prova disto quero
 Huma fabula contarvos.
 Cum feyke de lenha vinha
 Hum velho muyto cançado,
 Que com trabalho, & canceyra,

Romance:

223

Cortado tinha no mato ;
Elle fraco , o pezo grande
Deu logo em terra co cargo,
Chamando a morte viesse
Dar fim a seus annos largos,
A morte veyo correndo
Ao velho , & perguntando
Que mandas, aqui me tens
Muyto prompta ao teu mandado.
O velho vendo-a lhe disse
Medroso , & sobrefaltado ,
Quero que me ajudeis
A pòr às costas o cargo.
Pois se todos querem vida
Desde o mais alto ao mais bayxo ;
Desde o mais rico ao mais pobre,
Desde o valente ao mais fraco.
Deos vola dè muy feliz
Por annos muy dilatados ,
Com tantos bens, como sempre
Vos deseja este creado :
Para que sejais dos pobres
Remedio, soccorro, amparo ;
Para que sejais dos tristes
Conforto, alivio, descanso.
Pois venho agora Senhor
Meus males communicarvos :

Por

Porque dizem que são menos
 Os males communicados:
Posto que será melhor
 Ao silencio deyxallos ,
 Que mais que a lingua dizendo ;
 Diz o silencio callando.
Mas foraõ de qualidade
 Os que passey , & inda passo,
 Que atè no mesmo silencio
 Não cabem trabalhos tantos.
Porisso creyo me vem
 Este mòte apropriado ,
 Que não vi outro melhor,
 Nem de conceyto mais alto,
*Solo el silencio testigo
 Puede ser de mi tormento,
 Y aun no cabe lo que siento
 En todo lo que no digo.*
Hum só dia de tormento
 Annos parecem muy largos,
 Quantos me pareceriaõ
 Menos dous dias dez annos.
Que tantos , Senhor, estive
 Antes de morto enterrado,
 Se bem morto para os gostos,
Vivo para estar penando,

Romance.

225

Porque de ninguem digo
Se não só dos meus peccados,
Porque estes só toraõ causa
De todos os meus trabalhos.
Mas eu para que me queyxo,
Se he meu queyxume escuzado,
Se he pena de haver nascido
O viver sempre penando.
Não he minha esta sentença
Mas de hum Author estremado,
Que chama ao nascer delito
Na Decima que traslado.

Decima.

Apurar Cielos pertendo,
Y a que me tratais ansi,
Que delito commetti
Contra vozotros nasciendo:
Mas si naci, ya entiendo
Que delito he commettido,
Bastante cauza ha tenido
Vuestra justicia, y rigor,
Pues el delito mayor
Del hombre, es haver nacido.

Quando os filhos lhes nasciaõ
Choravaõ os antigos sabios.

Por-

Porque hum homem quando nasce,
 Nace fugeyto a trabalhos,
 Porém quando lhes morriaõ ;
 Ficavaõ muy consolados ,
 Porque he dos males a morte
 Termo , fim , morte delcanço.
 Como o Sol havia ser
 Em nascendo hum desgraçado ,
 No dia que tem principio,
 Tendo nesse mesmo occaço.
 Que berço melhor se póde
 Dár a hum filho desgraçado ;
 Do que por brincos , & faxas
 Da mortalha hum pobre panno.
 Primeyro do que eu o disse
 Já Lope de Vega Carpio
 Na sua Arcadia famosa ,
 Nas coplas , que já relato,
 Nasci pastor , aun que pobre,
 Oh si plugiera a los hados,
 Que de mortaja sirvieran
 Aquellos primeros paños!
 Que el que nasce para ser
 En extremo desdichado,
 Que mas nacer , que morir ?
 Que mejor cuna , que un marmol!
Padecer hum homem affrontas

Romance:

227

Ruinas , perdas , naufragios
Por acaso , ou por defastre
No mundo he muy ordinario,
Mas não ha mayor desgraça,
Nem mais lastimoso cazo,
Do que haver homem , que nasce
Por herança desgraçado.
Ter morgado de miserias
He muyto triste morgado;
Mas inda mal, inda negro
Que he morgado, que tem tantos.
Como estou de posse delle
De dor , & de pena estallo ,
E o coração se me faz,
Dentro no peyto pedaços.
Assim peço a Deos me dê
Paciencia em mal tamanho ,
Como a que quiz dar a Job ,
De quem possa ser retrato



A O M I L A G R E
DE S. FRANCISCO XAVIER

Convertendo em agua doce o mar, em
que metteo hum pé.

Do mesmo Author.

R O M A N C E.

Hoje a minha Caballina
Serà Santo Xavier
Esse mar, que vòz taõ doce
Fizestes com vosso pé.
De meus versos a medida
Cuydo, que certa ha de ser;
Porque errar naõ posso, tendo
Vosso pé por pitipè.
Quizera, que este Romance
Naõ vos parecesse bem,
Que serà doce, se vòz
Lhe dais co a ponta do pé.
Vosso pé mettestes na agua,

Romance.

229

E ficou huma agua mel ,
Eu entãõ naõ tendo fede ,
Bebera o mar por hum pè.

Agua ardente de cabeça
Quem quizer pode beber ,
Que eu antes , que a melhor Candia
Beberey dessa agua pè.

Muy salgado estava o mar ,
Porèm virou dessa vez
Sem lal , mas com muyta graça
Só com beyjar vosso pè.

Seus braços logo juntou ,
Que he certo que braços tem ,
E se fervio entãõ delles ,
Para abraçar vosso pè.

Ainda sendo esse mar magnum ,
Nelle me quero metter ,
Que quando corra perigo ,
Sempre em vós hey de achar pè.

Day-me o pè , que eu vos prometto
De villaõ naõ parecer ,
Pois naõ tomarey a maõ ,
Se vós me deres o pè.

Inda assim , Santo gloriolo ,
Do pè para a maõ irey ,
Porque sempre sobe muyto ,
Quem se chega a vosso pè.

Se o mundo me der a mão ,
 Certo he no jogo perder ,
 E certa tenho a ganancia ,
 Quando por vós seja pè.
 Porque se ao mundo seguir ,
 Darey comigo ao través ,
 Que o mundo mostra bom rosto ;
 Mas da couce co seu pè.
 Ao pè cepelo quizera ,
 Só com voslo pè correr ,
 Que ninguem me alcançará
 Inda que me fique ao pè.
 Dayme , Santo , a vossa graça ,
 Que se a chego a merecer
 Certo será , que correndo
 Me hey de ir ao Ceo em hum pè
 E nelle com voslo auxilio
 Com pè direyto entrarey ,
 E irey muyto descaçado
 Com voslo pè ante pè.
 E com tal pè de cantiga
 Espero cantar tambem ,
 Que ao Ceo se me ajudares
 Farey de janella pè.
 De voslo pè dayme os pontos ,
 Que he certo , se os tiver ,
 Hey de calçar muyto justo

Romance.

231

Pella forma desse pè.
Desse pè de cravos quero ;
Santo , hum craveyro fazer ;
Que sempre por São Francisco
Se poem de Cravos os pès
Acabo , porque não quero
Centopea parecer ,
Que se profigo, não fica
Aqui de pessoa pè.





A H U M A B R I G A

De hum Cego , & hum Corcovado.

Do mesmo Author.

R O M A N C E

DE hum Cego, & de hum corcovado
 Hoje o desafio escrevo,
 N'um vou á cega lagarta,
 Noutro vou com grande pezo.
 N'uma palestra se acháraõ,
 Os dous a hum mesmo tempo,
 Hum carregado de espaldas,
 Outro de colera cego.
 Vinha o Corcovado armado
 De bacias de barbeyro,
 Huma trazia nas costas,
 Outra trazia nos peytos.
 Com vir nas conchas mettido
 Parece vinha com medo,
 Pois nas conchas, com A longo

Hum

Hum Cagado estava feyto,
 No Cego vejo a razaõ,
 No Corcovado a não vejo,
 Porque he homem, que nunca
 Teve avesso nem direyto.
 Esgrêmio o Cego hum pão,
 E andou com elle tão destro,
 Que em dous angulos obtusos
 As pancadas deu correndo.
 Descarregou de pancadas
 No Corcovado hum chuveyro,
 Porque os chuveyros nos montes
 Daõ as pancadas mais cedo.
 Dar o Cego a bateria
 No Corcovado era certo,
 Porque duas eminencias,
 Tinha por onde batello.
 Sem haver pè de pessoa,
 Que a briga estivesse vendo,
 Foy o Cego dar c'um pão
 Em dous vultos, não pequenos.
 Tropeçou o Cego nelles,
 Que he o tropeçar de Cegos,
 E deu de cego pancadas,
 Em dous muy grandes tropeços.
 Pór no Corcovado o pão
 Não foy neste Cego erro,

Que em cazas, que tem corcovas
 Pôr lhe pontoens he acerto,
 Dando na casa dos bicos
 Eraõ os golpes taõ horrendos,
 Que lâ no cunhal das bollas
 Soando estavaõ feus ecos.
 Sempre hum Cego ha mister guia,
 Mas eu neste Cego vejo,
 Que naõ ha mister guiado,
 Pois tanger sabe hum Camelo.
 Com tangerem os Cegos bem,
 Este tangeo taõ aveflo,
 Que nas costas de hum laude
 Deu bordoadas aos centos.
 N'um mesmo tempo brigou,
 E acclamou o vencimento,
 Pois sempre na briga esteve
 Os atabales tangendo.
 O Cego teve a victoria,
 Mas o Corcovado he certo
 Que dos despojos levou
Os dous alforjes bem cheyos.

C A R T A.

Dardo as boas festas a hum Amigo, em
que lhe dà conta da sua pobreza.

Do mesmo Author.

R O M A N C E.

DO Espirito Santo agora,
Meu Senhor, vos quero dar
Boas festas, porque em mim
Tudo he já espiritual,
Hum espirito estou feyto,
Porque carne em mim não hà,
Nem no corpo, nem na meza,
Por magro, & não ter real.
Tão espiritual estou,
Que na verdade afirmar
Posso, que cousas do mundo
Não vejo dos olhos já.
Mas he minha natureza
Tão rebelde inda, & tão mã,
Que

Que não as podendo ver
 As ando sempre à palpar.
 Minha camiza, & ciroulas
 Muyto tem de espirituais,
 Pois sendo de hum panno grosso,
 Se me tornaraõ em cambray.

Naõ foy tornarem-se nelle
 Por meu bem, mas por meu mal,
 Porque a delgaçaraõ tanto,
 Que me vieraõ a quebrar;

Taes brechas lhe abriu o tempo,
 E lhe fez buracos taes,
 Que hum só real de cominhos
 Nelles não posso embrulhar.

Mas inda assim neste estado

Para isca podem prestar,
 Ou para pannos, & fios
 Das feridas do Hospital,

No espirito o gibaõ

Quiz a camiza imitar,

Pois se ella cambray se fez;

Elle se faz tafetà.

São mais os remendos nelle

Do que he o principal,

E de que foy ao principio

Naõ se pode dividir.

Por espirito a bacta

E por me não encalmar;

Que

Que em filele se tornou,
 Por çafada se verá,
 Se ella não foy de cem fios,
 Sem fios já hoje está,
 Porque os fios deu à tea,
 Se antes os deu ao tear,
 Com dar os fios à tea,
 Veyo inda tea a ficar,
 Mas huma tea de aranha,
 Que hum assopro a levará,
 Ainda assim pode servir
 Para rede de pardais,
 Ou para tea de aranhas,
 Para mosquitos caçar,
 Camiza, gibaõ, roupeta,
 Cadaqual teve seu panço
 De mangas; a gora nones
 Nem pares tem cada qual.
 Inda tem mangas perdidas,
 Mas não tem mangas de achar,
 De arcabuzeria mangas
 São com que o tempo me dà,
 Mangas d'agua me parecem,
 Que se levantaõ do mar,
 Pois só de as ver humo onda
 Se me vem, outra se vay.
 Dellas fiz mangas ao demo.

Q iiii

Por

Que não as podendo ver
 As ando sempre à palpar.
 Minha camiza, & ciroulas
 Muyto tem de espirituais,
 Pois sendo de hum panno grosso,
 Se me tornaraõ em cambray.
 Não foy tornarem-se nelle
 Por meu bem, mas por meu mal,
 Porque a delgaçaraõ tanto,
 Que me vieraõ a quebrar;
 Taes brechas lhe abriu o tempo,
 E lhe fez buracos taes,
 Que hum só real de cominhos
 Nelles não posso embrulhar.
 Mas inda assim neste estado
 Para isca podem prestar,
 Ou para pannos, & fios
 Das feridas do Hospital.
 No espirito o gibaõ
 Quiz a camiza imitar,
 Pois se ella cambray se fez,
 Elle se faz tafetà.
 São mais os remendos nelle
 Do que he o principal,
 E de que foy ao principio
 Não se pode dividir.
 Por espirito a baeta
 E por me não encalmar,
 Que

Que em filele se tornou,
 Por çafada se verá,
 Se ella não foy de cem fios,
 Sem fios já hoje está,
 Porque os fios deu à tea,
 Se antes os deu ao tear.
 Com dar os fios à tea,
 Veyo inda tea a ficar,
 Mas huma tea de aranha,
 Que hum assopro a levará.
 Ainda assim pode servir
 Para rede de pardais,
 Ou para tea de aranhas
 Para mosquitos caçar:
 Camiza, gibaõ, roupeta
 Cadaqual teve seu par
 De mangas; a gora nones
 Nem pares tem cada qual.
 Inda tem mangas perdidas,
 Mas não tem mangas de achar,
 De arcabuzeria mangas
 São com que o tempo me dà.
 Mangas d'agua me parecem,
 Que se levantaõ do mar
 Pois só de as ver huma onda
 Se me vem, outra se vay.
 Dellas fiz mangas ao demo

Q. iiii

Por

Porque manga, que não traz
Dentro emsi alguma coufa,
O dèmo a pode levar.
Que depois de festa boas
São mangas, ouço contar;
Mas eu antes, depois, nellas
Sempre em mim as acho mãs.
Vós Senhor mas fazeys boas,
Pois pelas festas me dais
Com que coma, & com que possa
Muy largas mangas cortar,
No espirito as meyas postas
Andaõ muyto pontuais,
Porque tantos pontos nellas
Como malhas se haõ de achar.
Não saõ os seus pontos de honra,
Nem pontos de cobiçar,
Que pontos em rosto, & meyas
Deyxaõ muy ruins finais.
Nem tam pouco saõ de gloria,
Pois me causaõ pena tal,
De fumo digo que saõ,
Porque me fazem chorar.
De fumo saõ, porque o fumo
Vay-se para não tornar,
E ellas por pontos se vaõ,
Para não tornarem mais.

Romance.

39

Os çapatos parecerem

De espiritos se acharà ;

Pois com o rosto no chaõ

Andaõ sem se levantar.

Mas saõ taõ defasolados

Que tombos me fazem dar,

Mas eu pelos tombos tombas

Lhes mando deytar affas.

Só de espirito o chapeo

A ninguem parecerà,

Pelo ver andar taõ gordo,

E taõ enfebado andar.

Mas estar elle taõ gordo,

E taõ enfebado estar ;

De que meu suor custou

He muyto claro final.

Estes espiritos todos

Vem a ser meu cabedal,

Mas espiritos malignos,

Que o tempo malvado faz,

Do Espirito Santo vòs

Muy boas festas tenhais,

Com muytas felicidades,

Com vida,saude , & paz.

A F.



A. F. CARRANCA,

Que sahio a açoutar, & foy marcado por
ladraõ.

Do mesmo Author.

ROMANCE.

SAhio dando ao mundo as costas
Do Limoeyro o Carrança,
Porque sem fer São Joã
Mudando estava huma casa,
Tambem da Alfandega dizem
Que certos couros furtãra,
E que por elles o couro
Lhe çuraõ, & mais a badana,
De que elle furtou os couros
He cousa evidente, & clara,
Porque nas costas a folla
Ainda a gora se lhe acha,
Tambem de assucar furtou
A hum Confeyteyro humas caras,
Porém

Porèm caras lhe sahiraõ,
 E fendo docès amargas,
 Por ellas, & por furtar
 Hum fardo de finas cassas,
 Cassa lhe deu hum alcaide,
 E lhe facodiraõ a farda.
 Tambem dizem que furtara
 A hum Escrivaõ a prata,
 Mas quem furta a esta gente
 Dizem, que mil perdoens ganha
 De dentro de hum almazem
 Levou de arros huma sacca,
 E entaõ ficou papa arros,
 Pois carregou corpo, & alma,
 Furtou a hum Boticario
 Sem saber o que furtava
 Huma purga; porèm logo
 Deste furto fez descarga.
 A hum mercador fez merce
 De tomarlhe humas patacas,
 Porque naõ eraõ de pezo,
 E tinhaõ já feyto a barba,
 Que ha de patacas barbeyros,
 E taõ destros em cerceallas,
 Que lhe fazeni a la moda,
 As barbas às thizouradas,
 Quando furtava as galinhas,

Tinha

Tinha tal industria , & traça ;
 Que deyxava a pena ao dono ,
 Sem as levar depenadas.

De noute taõ cortesaõ

Era, que a quem encontrava
 Naõ só tirava o chapeo ,
 Mas tambem tirava a capa.

Já ro furto do tabaco

Parece , que naõ se falla ,
 Que furto de fumo , & pò ,
 Naõ he furto de importancia.

Sendo que tal pò , & fumo

Estaõ em altura tanta
 Que he o tal pò ouro em pò ,
 E o tal fumo fina prata.

Como em sua casa propria

Pelas alheyas entrava ,
 Que para elle naõ havia
 Nenhuma porta fechada.

Que para suas gazuas,

Para suas chaves falsas ,
 Naõ valiaõ cadeados ,
 Trancas , ferolhos , aldravas.

Porèm sua casa era

Com tantas peças furtadas,
 Caza do ladraõ gayaõ
 Sendo huma feyra da ladra.

Estas

Estas proezas diante
 Hum pregoeyro cantava,
 E detras delle o Carrasco
 Lhe tocava a faravanda.
 Da cintura para cima
 Muy pobre de roupa estava,
 Sendo , que todos affirmaõ,
 Que hum novo gibaõ levava.
 Era de taõ fina cor ,
 Que parecia escarlata ,
 Que hum brocado parecia
 Nos altos , que levantava.
 Com tanta força o Carrasco
 As costuras lhe assentava,
 Que ruas de quebra costas
 Saõ todas as porque passa.
 Sahio só do Limoeyro,
 Mas no cabo da jornada
 Sé achou com mais de duzentos,
 Que as espaldas lhe guardavaõ.
 Mas pouco lhe aproveytou
 Aos duzentos o guardallas,
 Pois o fazem homem de letras,
 Sendo elle só homem d'armas.
 Hum brazeyro foy tinteyro,
 Penna hum ferro feyto em braza,
 E segunda vez com elle

Das costas lhe fazem carta;
 De antes era conhecido,
 Pela pinta se julgava,
 Porèm a gora oserà
 Pela marca, & contramarca;
 Por seus serviços lhe deraõ
 Em as galès huma praça,
 Mas vay forçado a servilla,
 E a ser Cidadão de Braga.
 Tornou para o limoeyro,
 E hum gibaõ sobre outro encaxa;
 Hum de cordevaõ curtido,
 Outro de olanda frizada.
 Veyo a bayxo, donde o rancho
 Todo junto o esperava;
 E nas unhas o tomaraõ,
 Que as unhas nelles saõ palmas.
 E o cópo na maõ correndo
 De hum, & d'outro camarada,
 Lhe brindaraõ todos juntos
 A la salud de las marcas.
 A todos fez a razaõ,
 E com fer a razaõ tanta
 Todos ficaraõ sem ella,
 Tendo razaõ às canadas.

A .F. DANDOLHE HUM BOLO
 Podre, o qual comido lhe causou huma
 defenteria.

Do mesmo Author.

R O M A N C E.

A Hum certo homem se deu
 Hum bolo podre estremado,
 Estremado pois no extremo
 Ao homem poz, & no cabo.
 Com ser o bolo muy rico,
 Muyto doce, & regalado,
 Naõ foy regalo das tripas,
 Nem foy do ventre regalo.
 Porque a ellas, & a elle
 Os deyxou em tal estado,
 A ellas hum trapo feytas,
 A elle pedindo trapos.
 Este só bolo causou
 Juntos nelle dous contrarios,
 Porque n,um tempo se vio

Muy

Muy apertado , & muy largo
 Parece que o bolo tinha

Canafistula, ou ruybarbo,

E que era de Alexandria

Hum fino assucar rosado.

Porque com elle ficou

O Senhor taõ bem purgado,

Que senaõ bolo de freyra,

Bolo foy de boticario.

Sem jugar a arrenegada

Estava mais que arrenegado,

E como repoz o bolo,

Ficou com muy pouco ganho.

Porẽm de ganho ficara

Se o bolo comera em Mayo,

Porque em Mayo seus effeytos

Saude saõ para hum anno.

De cousas muyto secretas

O bolo foy secretario,

E assim logo às necessarias

A preça dava despacho.

Mas se secretario foy

Tenho certo averiguado

Que da Camara naõ seria

Porque naõ o foy do Paço

Sendo que entaõ passo dava

A negocios atrazados,

Romance.

247

E dos rios de Cuama
Hia a fazenda alojando.
Poeta o fez muy corrente,
Mas porèm só neste cazo
Verso folto, & seguidilhas
Faria, papeis borrando.
Nesta occasião se tratou,
Como muy nobre fidalgo;
Porque camareyros tinha,
E todos muy necessarios.
Ter passaros à janella,
Vemos que alguns costumáraõ;
Mas hum papagayo verde
Elle tinha, & hum calhandro.
Para visto entaõ estava;
Porèm não para chéyrado,
Sendo que de Calecut,
Algalia estava estillando.
Com ser o sugeyto pobre
Nesta occasião foy notado
Que tem muytos servidores,
Sem ter nenhum só criado.
Deyxou-o entaõ este bolo
Para outros arautelado;
Porque com o olho aberto
O fez andar vigiando.
Bem creyo que outro não coma;

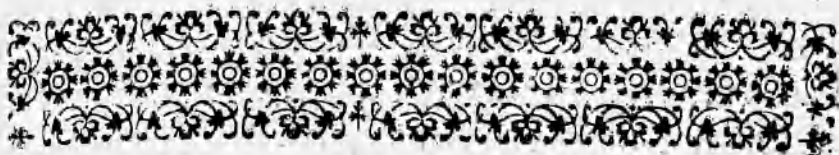
W. Part.

R

Por

Porque como diz o adagio,
De agua fria toma medo
Gato, que foy escaldado,





MANDANDOLHE PEDIR,
Que glosasse este Mote.

Destes-me Carvos azuys.

Do mesmo Author.

R O M A N C E.

Tudo, quanto for possivel,
 Senhor André Elcofer,
 Hey de fazer por serviros,
 Por darvos gosto farey.
 Mas porèm hum impossivel
 He coula, que ninguem fez;
 Assim mal posso fazer,
 O que nunca fez ninguem.
 Fas-se o que he dificultoso,
 Naõ o que impossivel he,
 Que naõ he coula impossivel,
 O que se póde fazer.
 Mandays-me glosar hum Mote,
 Que dous impossiveis tem,

IV. Part.

R ij

Que

Que he haver cravos azuys,
 E azuys confoantes ter.
 Por ver se achallos podia,
 Da memoria no armazem,
 Dey hum balanço, mas nelle
 Confoantes não achey,
 Vòz tirasteme os tafuys,
 E fizestes muyto bem,
 Porque gente que se perde,
 Pouco vay em se perder.
 Já vi Cravos d'Arrochella;
 E Almirantes vi tambem;
 Vi encarnados, & brancos,
 E vi mesclados haver.
 Vi de Tunes, & amarellòs,
 Mas porèm não os cheyrey,
 Que não são para cheyrados,
 E só servem para ver.
 Tambem Cravos de balona
 Vi pelos campos nascer,
 E ha muytos sem serem cravos,
 Com balonas ala trè.
 Tambem vi cravos no rosto,
 E de callòs vi nos pès,
 E cravos de ferradura,
 Que muyta gente ha misterio,
 Que ha gente, que come paõ,

Devendo palha comer,
 E porisso no Terreyro
 Taó caro o trigo se vê.
 Vi pequenas clavellinas,
 Que antes huelen, que se ven,
 Que não só as violetas
 Tal propriedade tem.
 Solas de cravos passadas
 Mariolas vi trazer,
 Porque para o pé candeu,
 Dizem que de dura he.
 E porque isto para hum Cego
 Parece já muyto ver,
 Os cravos quero deyxar,
 E a glosar o Mote irey.





FABULA DE ALPHEO, E ARETHUSA

*Composta pelo Licenciado Manoel Pinheyro
Arnaut, Advogado da Caza da Suplicação.*

Offerecida ao Excellentissimo Senhor

HENRIQUE DE SOUZA TAVARES

Conde de Miranda, Governador da Relação, & Caza do Porto, & das Armas da mesma Cidade, & seu defrito, & depois Marquez de Arronches.

DEDICATORIA.

EXcelso Conde, a quem a Augusta fama
A terra demarcado, & o Ceo medindo
Inculca generoso, & fabio acclama
Galla da Corte, & Cortezaõ do Pindo:
Vós a quem para o throno Apollo chama,
Quãdo ao metro, & aos rayos conferindo,
O louro vos confagra, entrega o sceptro,
Que em rayos o alsóbrais, véceis no metro.
Mas

Mais alto Apollo em vós , Mecenas grave
Humilde invóco, elejo reverente,
Para alento feliz do canto suave ,
Defença illustre do maligno dente:
Là virá tempo, em que , apurádo a clave,
De vós cante , se a Muza me não mente,
De forte , que por vós , não pelo canto ,
Dè ciumes a Homero, a Horacio espanto.

Ouvi de Alpheo, & de Arethuza hum pouco
[Pois que vós me mandais] cantar careta,
Claro porèm com tudo em nada rouco ,
Apezar de algum critico Poeta :
Se eu posso dizer [Termo] bebe [louco]
Porque direy [Demente] Liba] Meta ?
Defendeyme Senhor , prestayme alento,
Que os diques solto à vea , a vòx ao vento.

I.

Jaz hū bosque em Arcadia, ou não sey donde,
Que eu não posso de tudo estar lembrado,
Taõ confuzo na sombra , em q se escõde,
Que nunca foy dos rayos penetrado:
Pela boca da noute he que responde,
Quando a menhá vay darlhe algũ recado,
Sendo com taõ boçal phisionomia
Espantalho do Sol, coco do dia,

R. iij

Era

2.

Era de Julho a mais fogosa tarde ;
 Em que a todo o villam sua o topete,
 Grita a cigarra , que nos ramos arde,
 Na cova o grillo a estrugir se mette,
 Quando a bella Arethusa, que Deos guarde,
 Tenha maõ o leytor , naõ se inquiete,
 Que eu a retrato ja, pois naõ se escuza,
 Aparentem la o retrato de Arethusa.

3.

Mes se com meu engenho tanto avanço,
 Que hoje venha a acertar por maravilha,
 Ha de ser a pintura de relanço,
 Ha de ser o retrato por tablilha ;
 Que juro na verdade, que me canço
 Cõ ver sepre hũs cõceytos de quadrilha,
 Cuydãdo he facção grande, empreza rara,
 Investir huma Dama cara a cara.

4.

Sobre pòr ella ao Sol varios apòdos,
 Que naõ deyxã tambem de ser traveça,
 Teve bulhas com elle , & dizem todos,
 Que veyo o Sol a darlhe na cabeça:
 Tambem a rapariga , por seus modos,
 [Para que de valente se engrandeça]
 Batalhou com a neve sobre hum monte,
 E os quarteis assentãraõ fronte a fronte.
 A belle

5.

A belleza, com quem só teve entrada,
E as mais todas despede para velhas;
Tanto que a vio a moça, de admirada;
Arqueou á belleza as sobrancehas;
Buscoulhe hum exemplar para imitada,
E nada achou abayxo cà das telhas,
Para o Ceo advertio, & sem refolhos,
Foy dar com as estrellas logo de olhos.

6.

Louvou a huma Assucena antes que abrisse,
Huma menhãa da fresca Primavera,
Rio-se a fonte, que estava perto, & disse,
Taõ boa como os seus narizes era:
Duas rozas, porque ella se não risse;
Quizeraõ dar seu pique, mas severa
Mandou a huma, & outra se callasse;
Porque estava o remoque muyto à face.

7.

Porlhe faltar o alento, de que viva,
Por lhe faltar a galla, que lhe toca,
Pediolhe esmolla hum cravo, & cópassiva,
Por lha dar, a tirou da propria boca:
Sem poder de seus brios, por altiva,
Tanto na bella graça se equivoca,
Vendo a huns jasmins em tudo perigrinos,
Os tomou logo ao collo por meninos.

Esteve

256 *Fabula de Alpheo, & Arthusa*

8.

Esteve Cresso hum dia em sua caza,
E ambos sobre meza armaraõ jogo:
Mas a moça, com quem ninguem faz vaza;
Em duas mãos lhe ganhou a prata logo:
E com isto o retrato fique à raza,
Que deve ou roga, ou paga; eu porèm rogo
Ao leytor, que me elp re no contrato,
Que às pagas lhe irey dando este retrato.

9.

Porèm donde ficamos ha hum anno?
Mas ah sim, já me lembra, inda que tarde,
Cuydo dizia eu là senaõ me engano,
Quãdo a bella Arethusa, que Deos guarde.
Ora firzamos o retalho ao panno;
Para fazer de si pompozo alarde,
Sahio bella a caçar, bella repito,
E toy ao ditto bosque, affima dito.

10.

De rozas o chapeo todo enfeytado,
O jubaõ outro tanto justamente,
A faya com leis dedos de tomado,
Do hombro a aljava, com desdê pendiente,
A setta bem medida, o arco armado,
A vista perspicàs, & o pè corrente,
A matar, & a render animaes broncos,
Penetra os ramos, examina os troncos.

Eis

11.

Eis que a breve distancia, a espaço breve,
Cruzando-se diante da menina
A fugir a perdiz já mais se atreve,
E já mais a correr o coelho atina;
Antes pelo cruzado, ou grave, ou leve
Hum tece as danças, outro o canto afina,
E se ella a corda ao arco lhe provoca,
Já pelo atraveçado a todos toca.

12.

Quantos das settas são acometidos,
Quantos são de seus olhos fulminados;
Não só ficação do ferro mal feridos,
Porém ficação dos rayos bem assados;
Com q̃ a hū tēpo, em extremos repetidos,
Quem desta sorte os olha atraveçados,
Julga, sem serem termos indiscretos,
Que as settas não são settas, mas espetos.

13.

Nenhum vivente o ar, & o campo ostenta,
Contra quem os seus tiros não affeste,
Pois não só delles come, & se alimenta,
Porém também de muytos calça, & veste:
Pelo Inverno aos arminhos, q̃ atormēta,
As martas, & os castores a que investe,
Tratando deshumana de esfolallos,
De hūs vestidos cōpoé, de outros regallos,

Da

14.

Da mais caterva, da grandeza toda,
 Veados, javalis, urfos, abadas,
 Os barbaros despojos acomoda,
 Em final das victorias afamadas;
 Manchadas pelles pela caza em roda,
 As testas brutas no portal cravadas,
 Faz daquellas ornato, & brazaõ destas,
 Pelles panos de Raz, armas as testas.

15.

Naõ só para animais se arma atrevida,
 Mas atè para homens rigorosa,
 Sendo a bella moçacha a toda a vida
 Pistolla de jasmim, punhal de roza;
 E passando ainda os termos de homicida,
 Fogo introduz nos rios poderosa,
 De que mostraõ, ardendo em viva fragoa,
 Escumas de fervor ao lume da agua.

16.

Passa junto do bosque hum rio manso;
 Que das sombras parece que tem medo,
 E à falta de salgado, leva hum ranço
 De area, assim da altura deste dedo;
 Podre affirmãõ, que vay todo o remanso,
 Tambê do mal da gotta he q̄ vay quedo,
 E mais de hum par de duzias de Poetas,
 Dizem que já o pobre anda em muletas

N

17.

Na aljava a aguda setta reportada,
Do arco a liza corda remetida,
Da suavidade do crystal brindada,
Dos sopros do Favonio persuadida,
Em a area arrojou toda a caçada,
E assentou-se na margem devertida,
Sendo em bella razaõ, sabio pretexto,
Muyto mais clara a margem do q̃ o texto

18.

Tirou de hũ lenço atado à cinta, hum doce
Com q̃ afugenta a fome, & a sede espãta
Eu bem queria de acidram, que fosse,
Mas pede o consoante diagarganta,
Desculpou-se com dizer, trazia tosse,
Que hũ grãde estillicido hoje aquebrãta
E naõ me ha de sabir o dito louco,
Que huma fonte ha de abrir da qui apouco.

19.

ã o Sol arlequim por toda a linha,
Que inda he mais que maroma, de stramete,
Sem tropeçar n'hum ponto andado tinha,
Indo banhar-se às aguas do Occidente,
Quãdo a moça, q̃ o proprio lhe convinha,
Hum banho se quiz dar nesta corrente,
Dizendo, se naõ fora indaa seu brio,
Para taõ grande Sol taõ curto o rio,

260 *Fabula de Alpheo, & Arethusa*

20.

As fitinhas dezata dos sapatos,
E dà com elles fora, mas por certo
Que deviaõ custarlhe bem baratos,
De rotos não podiaõ ter concerto:
O jubaõ dezobriga dos recatos,
Li vra a faya, & camiza igual do aperto,
Dà cà moço o pincel para o que falta,
Depressa, que já a moça na agua falta.

21.

Oh que excellencias daqui vejo agora!
Qué não disser q̄ a moça he muyto bella,
Dirà que não he alva a mesma Aurora,
Porà hum testemunho n'huma estrella;
Folha à folha as mosquetas, não se ignora,
Que estaõ todas n'hum corpo cõ adonzella
Quando igualméte, em candidos espaços,
Cõ duas roscas de leyte andava abraços.

22.

Contra o puro crystal do mesmo rio,
Por se fazer guardar altos respeytos,
Com duas pêlas de neve a dezafia,
Tambem toma este cazo muyto a peytos,
Medirle já com ella por hum fio
Não pode cadaqual de meus conceytos
Pois o mais delicado se o procura,
Quando muyto lhe chega até a cintura.

Naõ

Fabula de Alpheo , & Arethusa 261

23.

Naõ pinto o que debayxo se convida,
Por quanto para abono julgo, & creyo,
Em couza, em que naõ pode haver fahida,
Deyxala, como està, he melhor meyo :
Fiz-me corado ? Naõ; mas que entendida
Se està rindo ella agora deste enleyo ,
Pois tambẽ co alabastro, a quẽ governa,
Vejo estar esta moça muy de perna.

24.

Com isto a pintura lhe remato ,
Sabendo em tantas graças que lhe aponto,
Que me naõ dà por seu capricho ingrato,
Para mais fallar, pẽ, & faço ponto:
Tenho pago ao leytor todo o retrato,
Peçolhe a quitaçãõ, bem que em desconto,
Se elle a vira, ficãra por ventura
Mais pago do exemplar, que da, pintura;

25.

Saltou no rio a moça deligente ,
E amante o rio a mete no seu seyo,
E crescendo outro tanto de contente,
Pelo mundo quer ir dar hum passeyo :
Porẽm taõ grande febre o rio sente,
Que de impolas jã mostra o corpo cheyo,
E te ao medico as aguas lhe mostrara,
Dissera , que da vea te sangrara.

Qdem

Quem vio a toda a prova de evidencia, ;
 Por fugir do deſmayo ao Sol furtarſe
 A aſſucena, que guarda continencia,
 Na ambula de cryſtal depositarſe,
 Pode jurar com muyto ſãa conciencia
 Sem que eſcrupulo faça ao confeſſarſe
 Que vio a moça entre os cryſtais ſerenos,
 Aſſi como eu a vi, nem mais, nem menos.

Oh que necia foy ſempre a fermoſura,
 Quando ló nos perigos ſe deleyta!
 Pois não vê que he ruina o que procura,
 E que contra ſi propria os males peyta.
 Se nos melindres de alfenim ſe apurá,
 Se de pedra de ſal na graça he feyta,
 Soborna o damno, & lizongea a magoa,
 Qué foy da agua o ſal, o alfenim da agua.

Daqui a hũ quarto de hora me perguntẽm,
 [E ſe lerẽm depreça ha de ſer antes]
 Quando eſte ponto à quelle cazo ajuntẽm,
 E a veraõ derretida em dous iſtantes:
 Já do Galhano he bern ſe deſconjuntẽm
 Os globos, os compaſſos, & os quadrãtes
 Que eu prognostico ao certo, neſtas dãças,
 Nuvens, alteraçõens, aguas, mudanças.

29.

Como o rio não teve em si cautella,
Vio-se em vivas chamas abrazado,
Vendo de porta a dentro a moça bella,
Andava em pensamentos areado:
E levado das prendas da donzella,
E do seu mesmo ardor em fim levado,
Quiz mostrar no que adora, & no que sente,
Que para amar também hum rio he gente.

30.

Sahio Alpheo de si com seus sentidos,
Sem que para fallar faltasse nada,
Cabeleyra de limos bem compridos,
E da area melhor polvorizada:
Os bigodes de juncos retrocidos,
E a barba de espadana prolongada,
E em toda a organizada simetria
Hum velhaco e camado parecia.

31.

Para fazer o assalto enamorado
Foy logo muyto manço, o dito moço,
E quando se mettia reparado
Escoava-se logo muyto enfoço:
Tornava a apparecer determinado,
Outra vez se escondia tẽ o pescoço,
E porque mais luzir seu amor possa,
Hia buscar por bayxo da agua a moça.

IV. Part.

S

32.

De entre hús verdes falgueyros emboscado
Hum melro corioso os espreytava;
Com dieimulaçoens muyto callado,
Para ver o successo em que parava:
E quando vio o moço abalançado,
E que por muyto pouco lhe pegava,
Deu logo o dito melro hum afovio,
Voltou ella, & Alpheo perdeu o feytio.

33.

N'um assopro tirou os pès a seco,
Poz a menina em terra os pès n'um brinco,
E zombando da farça, & do embeleco
Deu huma sapateta, & hum grande trinco;
Alpheo, que era magano, & nada peço,
E sabia muy bem quantos laõ cinco,
Para dar a carreyra se concerta,
Quanto as pernas estende os pès aperta.

34.

Menos a lebre iguala o tiro, ao rayo,
Menos ao vento o curso, o gálgo imita;
Do que Arethusa corre de soslayo,
Do que Alpheo a carreyra sollicita:
Pezarmeha se lhe der algum desmayo,
Por ser a rapariga bem bonita,
Mas vou atraz com doce, & pucarinho;
E ouvindo o que elles dizem de caminho.

Espera

35.

Espera [Alpheo lhe grita] cõrresponde
A quem só por te amar se dà tal preça ;
Não quero, sou donzella, [lhe responde,]
E espero em Deos q̃ hey de morrer em peça ;
Donde mora isto de donzella, a donde ?
Quem te meteu t̃ l couza na cabeça ?
Velhices deyxã, ao tempo te acomoda,
Anda à larga, que isto he andar a moda.

36.

Acenava com a mão, que não queria,
Que não sabe gastar mais comprimentos,
E ambos se encareciaõ à porta,
Elle hum pè de agua, ella hũ pè de vento ;
Tornava elle a bradar, & lhe dizia,
Menina celebremos casamento,
A boda se prepare, & o mais se apreste,
Corrido o banco esta ja, tu o correste,

37.

Filho sou desse Deos, por quem me animo,
Que ao tridente diáfano aparelha,
Humas vezes de scetro, outras de arrimo,
Por seu alto reynado, & idade velha ;
Assa, & come es peccados de seu mimo ;
E entãõ faz delle garfo, entãõ faz grelha,
Só tem de mariolla, para as fargas,
Os braços grandes, quanto as costas largas.

IV. Part.

Sij

Ninha

Minha may não tem menos qualidade;
 Que he fulana da rocha, que alli mora,
 Calva tambem, por ser de muyta idade,
 Triste de mim se me ella ouvira agora:
 De cazas muyto illustres na Cidade
 Se jacta de haver sido a fundadora,
 Cõ logros taõ cabaes, que he bem se apõte,
 Que antes sejas tu nora, do que eu fonte.

Naõ sou taõ feyo, nem taõ mal composto,
 Ainda que feyto assim com tantas preças,
 Naõ errey os encayxos deste rosto,
 Nem vesti esta pelle dãs aveças,
 Ajustados os membros no seu posto,
 Em seu lugar unidas estas peças,
 Hum homem de repente, assim formado,
 He melhor, que o menino mais pençado.

Se o Paço este meu vulto, & o meu talento
 Como corpo de livro me revira,
 Sem que em nada tivesse empedimento,
 Licença de correr me permitira;
 Porme censuras fóra nescio intento,
 Acharme erratas, fóra vam mentira,
 Tudo em mim notaria, que aprovasse;
 Porém nada haveria que tayxasse.

41.

Mas ay que esperas só, que te apresente
Alguma rica prenda o meu cuydado,
Oh mão fim tenha quem amor consente,
Que seja mais vendido, que vendado;
Porém se ha coula em mim, que dignamêto
Alcance algum lugar no teu agrado,
Farey de tudo o que eu tiver estudo,
Com que a pedir de boca tenhas tudo.

42.

Darte hey, já q̄ não queres de outro modo,
E entendes que no dar amor se apoya,
O lavel recheado de ovas todo,
O roballo, que leva ao fundo a boya,
A cumba, que ao revez papa o engodo,
O barbo, que co a rede uza tramoya,
A eyró, que o papel das ondas pauta,
E a lamprea, que traças tem de flauta.

43.

Mais te darey, se tanta se mereço,
A tainha barata pelo custo,
A truta, que he de graça a todo o preço,
O peyxe Rey, que o nome lhe vem justo,
O cagado, com quem tudo te offreço,
Pois se vãs esfalfada neste fusto,
Quando em fogirme o teu rigor se apura,
Consinto já nos malles, pela cura.

Siiij

Dar-

44.

Darte-hey mais, porq̃ o meu amor se crea ;
 O mugem , que no vaõ da lapa habita,
 A fataça , que as ondas senhorea ,
 A boga , que a veyã da agua folicita ,
 Das redẽs sacodidas em a area ,
 Hum soluça , outro salta , outro palpita ,
 Estes , & muytos n ais , se tu quizeres,
 Com querer sejaõ teus tens o que queres.

45.

Naõ te darey menina muytas sedas ,
 Porque dar naõ costume, o que naõ tenho,
 Como algum, que naõ logra tres moedas,
 E faz receyta de tres mil de empenho:
 Porém quando hum favor tu me concedas,
 Te prometo inda assim por desempenho ,
 Para quatro porpoens, hum par de enaguas,
 Cortes de lama , chamalotes de aguas.

46.

Tambem tenho na India alguns parentes,
 De quem espero herdar fazenda grossa,
 Menos minha sera que dos teus dentes,
 Chamarlhe-has sempre tua, & nunca nossa.
 Que dizes moça? aceyta meus presentes?
 Fallas tu pedra? assim fallava a moça,
 Folgo por vida minha, que assim seja,
 Ja que vay contra o mesmo, que dezeja.

Mande

47.

Mande elle perguntar ao rio Nillo,
Que por parente he força lho não negue,
Se segue a quem lhe foge o Cocodrillo,
Se foge o Cocodrillo a quem o segue?
E verá na mulher o mesmo estillo,
Quando menos seguida mais entregue,
Que por bom modo, já no mundo de hoje,
Foge della o que a segue quando foge.

48.

Com tudo isso homem feyto este barbado,
Há quem diz que não era muyto tolo,
Pois para se fazer de pé forçado
Jogo tinha bastante para o bollo:
Hum dos tres matadores agarrado
Na mão levava para não repollo,
Nem manilha, ou espadilha era por fama,
E era outro não sey como se chama.

49.

Vio hum real furrugento na carreya
A Nimpha, & por mostrar o de que gosta,
O levou com destreza da primeyra,
E se arremeça a elle pela posta:
Por hum real se dobra entereleyra,
E a desculpa que dá he bem composta,
Não ser muyto, em que pouco seja o cobrô,
Que a pessoa real o joelho dobre.

S iij

De

50.

De correr Arethusa se cançava,
 E o cançar de correr em Arethusa
 Já nesse tempo então se costumava,
 Como agora também neste se uza;
 E precentindo os riscos em que estava,
 A lingua balbuciente, a vòs confuza
 Por Diana assim chama, em tanto aperto,
 Dem lugar, que vou ouvilla de mais perto.

51.

Diana peregrina, alta deidade,
 Que Mayos vives sem temer Agoostos,
 E tens para admirar em toda a idade,
 De bella os cargos, & de casta os póstos,
 Se de amiga te abonas com verdade,
 Inda que sejas femea de tres rostos,
 As amigas leais, porque o mereças,
 Em as preças se vem, bem ves as preças.

52.

Naõ debes de ignorar o quanto zêlo
 A hõra (em q os dezejos bem me comê)
 E ainda assim naõ bastando a encarecelo,
 Quem me vir dirà corro com este homem;
 Desta suspeyta a teu favor apelo,
 Descalça naõ consintas que me tomem,
 E quando seja tal minha mofina,
 Raqui a nove mezes vem Lucina.

Bem

Fabula de Alpheo , & Arethusa. 271

53.

Bem te lembra Acteon quando atrevido
Por te dar noutro banho humia assaltada
O armaste pontualmente de marido,
Como se tu aprenderas a cazada;
Se o decoro ientiste ver perdido,
E Alpheo me vay correndo a piogada,
pois quer lhe pague, sem q beba, ou coma,
Ou me dà teu poder, ou meu mal toma.

54.

Acode, que me assombra este insolente,
Naõ caya em mãos de hũ barbaro taõ rude,
Que no talhe parece papagente,
E a vòs menos de rio, que de assude,
Senaõ queres a cazo, ou estàs doente
Manda a Orpheo dedilhar no seu laude;
Pois dizem, que em sonoros desafios,
Faz os montes correr, parar os rios.

55.

Oh quem para fogir deste birbante,
Vendo assim que já vay de foz em fora,
Neste campo encontrara o rucinante,
Que he força que no verde ande elle agora,
Boa facção de hum cavalleyro andante,
Naõ diràs Dom Quixote a donde mora,
Que àguiza de esforçado na estacada
Mantenha o duello desta sombra honrada.

272 *Fabula de Alpheo, & Arethusa.*

56.

Livrame deste nescio parvo, & tonto,
Que ao antigo namora, ao vil pertende,
Pois não lhe ouvi atêgora nenhum ponto
De construe Candor, deliquio explende.
Ay quantos barbarismos, que lhe conto,
E que pouco de amor as leys entende?
Venha hum critico embora, & tome a posse,
E não este letrado de agua doce.

57.

Pór escolla de contas só podia,
Pois da regra de três he tanto amigo,
E para me tratar de companhia
Dos quebrados o mal não tem comigo,
Deminuir em si mostra à porfia,
Por querer repartir seus bens comigo,
Mas temo, que ao somar tudo o q̄ monta,
Só do multiplicar faça elle conta.

58.

Mas se tu me defendes nada temo,
Por mais q̄ corra, & muyto mais q̄ possa,
Este *bas*: oh mão grado tenha o demo,
Boa a hia fazendo agora a moça!
Tropeçou no varal da quelle remo,
É como de roliça passe a groça,
Indo a dizer por junto este *basbaque*,
O *bas* hia dizendo, & dando o baque.

Quazi

Fabula de Alpheo, & Arethusa. 273

59.

Quazi quazi na moça que pegava,
Alpheo pèga naõ pèga na donzella,
Por huma unha negra a biliçava,
E por hum cabelinho a escarapella,
Gritou Camoens, là donde quer que estava
Vendo ir de verga dalto o moço à vella,
Amayna amayna, diz, que o vento crece
Da quella nuvem negra, que apparece.

60.

Ella que chega, quando no ar discorre,
Ligeyra nuvem de hum semblante feyo,
Sobre ella cavalleyra à preça corre
Diana, sem trazer espora, ou freyo:
A Arethusa de Alpheo logo socorre,
Pois a Alpheo, & Arethusa de premeyo,
Qual cõ montante o Senhor mestre afasta,
A nuvem lhe metteo, & disse basta.

61.

Ficou Alpheo pafinado hum grande espaço,
Formando mil descursos de aturdido
Sem ver mais nada, he dar mais hu passo,
Assombrado da nuvem, do ar tolhido,
Vio-se todo abrazado este madraço,
Vendo em nuvens o Sol tãdo embebido,
Quando o Sol entre nuves, cõ mais reyna,
Tosta o couro, alla a carne, o sangue que ma
Fizou

62.

Parou a moça logo da outra parte,
 Tanto que não sentio atrás passadas,
 Dillata a vista, a admiracão reparte
 Por aquellas tramoyas penduradas:
 O remedio experimenta, ignora a arte,
 Parecendolhe fabulas sonhadas,
 E para o grande aberto a que se anima,
 Como vinda do Ceo a Diana estima.

63.

Firmarle bem nas pernas, de fraqueza,
 Arethusa, com tudo mal se atreve,
 Banhada em suor frio esta belleza
 Mais ao mortal, do que ao vivente deve:
 Diana entã deyxando-a à natureza,
 Sendo roza gentil, candida neve,
 Com permetida ley, pensaõ forçoza
 Neve se dereteo, destillou roza.

64.

Menos em si de cadavez estava,
 Fóra de si de cada vez se via,
 Por si propria a si mesma perguntava,
 a si mesma ella propria respondia,
 Aquillo que entendia isso ignorava,
 E duvidava aquillo que sabia,
 E em quanto se explicava de chimera,
 Ella ella propria a mesma que não era

Pelos

65.

Pelos pès começou este protento,
De lhe faltar hum pè fez grande espanto;
Pezame o ter taõ bayxo pensamento,
Que por couza taõ pouca faça tanto:
Naõ deu menos finais de sentimento
De que o pè lhe naõ deyxem neste encãto,
Porèm naõ tem razaõ no que procura,
Porque nunca fez pè agua taõ pura.

66

Sentio-se pelas pernas taõ molhada,
Que imaginou de si, que se esquecerá,
E que alguma fraqueza costumada,
Por culpa de seu medo commetterá;
Acodio com as mãos logo apreçada
Para saber ao certo o que fizera,
E olhando para as mãos vio sem espichos,
Em lugar de dez dedos, dez esguichos.

67.

Foy pòr as mãos nos olhos de sentida,
E eys faltaõ de agua os olhos de repente,
Dos olhos logo às fontes conduzida,
Torna as fontes perennes juntamente,
Discorre pelas veas repetida,
E dezatar em agua as veas sente,
Sendo pelo que péga, & lavra em breve;
Contagio de crystal, Cancer de neve.

276 *Fabula de Alpheo, & Arethusa.*

68.

Entaõ bello composto transformado
Bulhava tudo, & nada estava quedo,
De aguas vivas em fim tudo minado,
Se passava a palavra a tanto medo,
Até o real, que havia levantado,
E hum anel, que levava no seu dedo,
Em tanta confuzão, & em tanta magoa,
Anel de agua ficou, se vio real de agua

69.

Vendo Diana entaõ que para fonte
Ser mostrava Arethusa boa peça,
Para que entre as mais celebres se conte,
Disse pondolhe a mão pela cabeça:
Desde hoje a esta moça o valle, & o móte
Para os servir por fonte a reconheça,
De que mando passarlhe huma patente
Dada em Arcadia, a tantos do corrente

70.

Abrio a terra hum olho taõ profundo,
Hum buraco ha de ser, que tanto monta,
Que parece de parte a parte ao mundo
Passava, qual se fora o mundo conta;
Os termos da verdade não confundo,
Quando para occultarle a toda a afronta
Entrou por elle abayxo, sem desvio,
Arethusa escorrendolhe a agua em fio.

Con

71,

Convertida ficou por novo alento ,
E em seu recolhimento em fim mettida,
Naõ cuydou nunca o tal recolhimento
De vir a ter taõ bella recolhida ;
A nuvem levantou n'um pensamento
Diana pelos ares despedida ,
E Alpheo se vio no extremo do q̃ perde ,
Com gostos de quem prova fruta verde.

72.

Qual nos campos o astuto caõ de caça ,
Furtada a lebre , o corpo naõ focega ,
Parte fazendo de justiça praça ,
Com vara alçada erguendo o rabo chega ,
Astellem unhas tira na devaça ,
O tojo a encobre , o rosmaninhoa nega ;
Juraõ todos por ella , mas só elle
Anda jurando à lebre pella pelle.

73.

Assim o triste Alpheo dezatinado
Bate de rayva o pè , muda de cores ,
Trazendo a todo o corpo ameaçado,
Inquire os troncos , & examina as flores,
Naõ acha informaçoens de seu agrado ,
Repete a deligencia em seus favores,
Hum perre andava feyto , mas sem erro ,
Inda a moça lhe dà mais grande perro

278 *Fabula de Alpheo , & Arethusa.*

74.

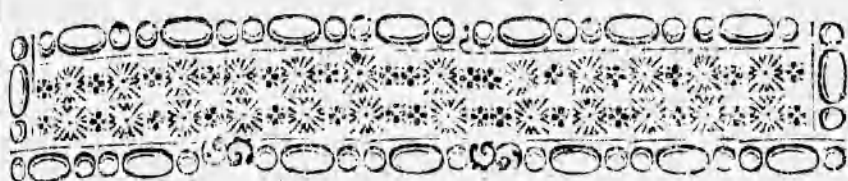
Deytose em terra, applicou o ouvido ;
E ouvindo mormurar là dentro logo ,
Disse bem faudozo , & bem sentido
Por aqui vay a agua de meu fogo ;
E para melhorar o seu partido ,
Mudou de trage , & variou de jogo ,
Despio-se de homem, por buscar seu cétro,
Em rio se tornou, meteu-se dentro.

75.

O que dentro passaraõ não relato ,
Ao q os olhos não vem nunca me obrigo,
Verdade em meus papeis he o que trato,
Costume , que observey , primor que figo;
De Cicilia , onde tenho algum contrato ,
Por carta espero, & huns moyos de trigo,
Conforme por aqui Ouvidio mente
Là devem de ir sahir correntemente.

76.

E já com isto de Alpheo , & Arethusa
A verdadeyra fabula fenece ,
Suado de gritar me aperta a Muza,
Hum toucador de linho na cabeça :
A roupa , & os coelhos de confuza
Deyxou na praya a moça, & a toda apreça
Vou lá , & para a ceya , que me poupa ,
Levo os coelhos, & recolho a roupa.



POESIAS VARIAS

DE

ANTONIO BARBOZA BACELLAR.

Em consideração de hum Rio.

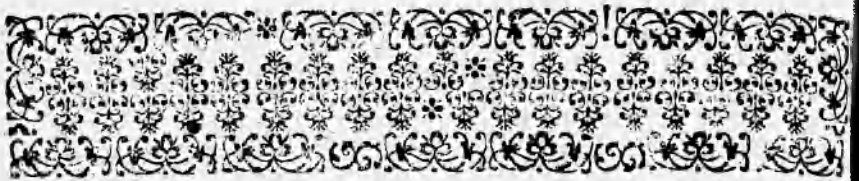
SONETO.

V Es este, ó Fabio, que el cristal ufano
 Rico de perlas, rio bien nascido,
 Despierta blando con sutil ruido,
 Dulce sirena del sentido humano?
 Pues arrojado al mar, al Oceano
 Camina a sepultarse, en justo olvido;
 De lo dulce, que eterno à presumido,
 Verà que ha sido presuncion en vano.
 Retrato, ó Fabio, de la pompa humana!
 Por lo dulce no goza de una vida,
 Quando lo amargo siente de una muerte.
 Ay de aquel, que se fia en pompa vana!
 Pues es, Fabio, la pompa de la vida,
 Rio que corre, al golfo de la muerte!

IV. Part.

T

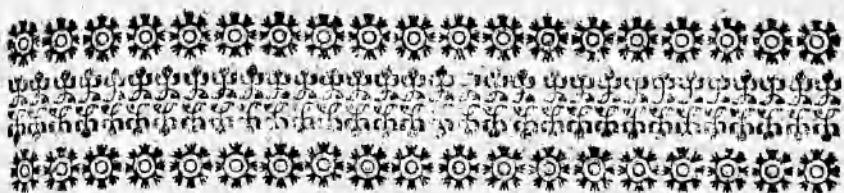
Pide



*Pide un amante le diga.
 Quien sabe amar , y entender ,
 Si se puede agradecer
 Una mentira, que obliga.*

S O N E T O .

DEves a la mentira, que te obliga ,
 Fabio, el remedio de tu pena fiera
 Pues ya que Clori hermosa no te quiera,
 Favor es merecer, que ella lo diga.
 Que importa, que la fuerte te persiga ,
 Si hidalga Clori su noticia altera ?
 Si siempre el alma en lo que escucha espera,
 Que importa, que el affecto no le siga ?
 Mientras cortès engaña a tu cuydado
 Deves à quel engaño primoroso
 Lo que va de un estado , al otro estado.
 Agradecerlo a Clori, es ya forçoso ;
 Pues haziendote el cielo desdichado,
 Halló traça de hazerte venturoso.



A HUM SARGENTO PORTUGUEZ,

*Que no Estado do Brazil deteve huma
barca de Olandezes com a
sua alabarda.*

S O N E T O.

Intrepido aos horrores de Vulcano,
A's injurias das ondas não medroso,
Ondas, & ballas córta generoso,
Assombro de Mavorte, hum Lusitano.
Obediente, ao esforço soberano,
A barca suspendeo o curso undoso;
Esgrime o Lufo o ferro, & vibra ayroso
Em cada golpe hum rayo, mais q̃ humano.
Não ha metal, que impida o duro córte;
Cança-se em tanta morte o mesmo fado;
E geme ao pezo grande Flegetonte.
Não satisfeyto em fim se entrega à morte;
E seguindo os contrarios denodado,
Os vay parar na barca de Acheronte.

T ij

154

AHU-



A HUMA AUZENCIA.

S O N E T O.

DE que fado cruel, dura porfia ,
 Matarme trata às mãos da saudade,
 Quem tanta contra mim vestio crueldade,
 Que por chegarme à morte te desvia!
 Atropelar huma alma he tirania,
 Desprezar huma fé temeridade ;
 Sayba teu peyto hum dia, o q he piedade,
 Saberà o que he bem, meu peyto hum dia
 Oh não fujas bem meu a quem te adora !
 Que em fogir vencedora no perigo
 Vas desmentindo a ley de vencedora ;
 Mas quanto mais te apartas, mais te figo;
 Que se levas minha alma, roubadora ,
 A donde quer que fores vou contigo.



A' MORTE, & SEPULTURA.

de huma Dama.

SONETO.

Venceu a morte, ó Fabio, a fermosura ;
 Amarillis a bella he cinza fria ;
 Procura Amor mostrar, que o não sabia ,
 E esconde o caso nesta pedra dura.
 Ocultar neste marmore procura
 Esta da morte, ou gloria, ou tirannia ;
 Se quier a fermosura idolatria,
 Não se sayba o que esconde a sepultura,
 Se não for este tumulo às idades
 Mysterio occulto, & venerado medo ,
 Acabou-se o respeyto às divindades ;
 Mas que importa que o calle este penedo,
 Se hade ser sempre altar de faudades ,
 E haõ de estragar os votos o segredo.



S O N E T O.

A Moroso deſdem num bello aggrado,
 No mais duro ferir hum doce geyto,
 Tirannia ſuave em brando alpeyto,
 Olhos de fogo em coraçãõ nevado,
 No veſtir hum aſſeyo deſcuydado,
 Ingratidaõ amavel no reſpeyto,
 Obrio, a graça, o riſo em hum ſogeyto,
 Variamente co grave miſturado.
 Animado primor da fermofura,
 Luzido diſcurſar de engenho agudo,
 Cuſtoſa luz, incendio pertendido,
 Alma no talhe, garbo na poſtura,
 Capricho no cuydado, ar no deſcuydo,
 Armas ſãõ com q̃ Amor metem rendido.



*A hum Amigo pedindo-lhe, que se não
deyxasse vencer de hum
affectu amoroso.*

S O N E T O.

R Eziste hū pouco, ó Fabio, a teu tormêto,
Que Amor he laberintho sem sahida,
E se a vontade se entregar vencida,
Victoria fim, não seja rendimento.
Custe huma rezistencia o vencimento,
Que huma belleza he menos, q̃ huma vida;
E se o doce da causa te convida,
O veneno, que he doce, he mais violento.
Não ande taõ ufana a fermosura,
Ache Amor opposiçaõ no brio,
Que não se arrisca menos, que o socego;
Faça o valor exame da cordura,
Que a monarquia livre do alvedrio
He grande praça, para dar-se a hum cego.



A HUMROXINOL.

SONETO.

Que dulcemente cantas, Filomena!
 Que tiernamente, Filomena, lloro!
 Tu inalogrado el candido thezoro,
 Yo mudable la fé de una sirena.
Que bien tu canto entre las hojas suena!
 Que mal mi llanto suena en lo que adoro!
 Perdido cantas. virginal decoro,
 Hallada lloro mal nascida pena.
Ambos a dos lloramos à porfia.
 Y aunque a los dos afflige un sentimiento,
 Tu a livias su rigor con tu harmonia;
Ay de a quel, que no alivia su tormento!
 Que es tal la suerte de la pena mia,
 Que quanto mas la lloro, mas la siento!

A D. RODRIGO DE MENEZES.

*Descreyendo sua Dama chamada
Fenis.*

S O N E T O,

EN vano, ó Cisne, eternisar procura,
De Phenis la beldad tu plectro, en vano;
Pues quando mas la ilustra soberano,
Deimiente a su hermosura en su ventura.
A un mas deve a tu vós, que a su hermosura
Amor imperios, que domina ufano;
Pues a un mas, que en sus ojos, en tu mano
Nuevas jurisdicciones se alegura.
Cesse tu pluma, pues, que en gracia suma
Mas que alabaças, le dispença enojos,
A un que a su nombre celebrar presume,
Que como rindes almas por despojos,
Tantas victorias se usurpò tu pluma,
Que nada le quedó para sus ojos.



AMANTE DEZESPERADO.

S O N E T O.

LA flor mas bella, que pomposa en vano
 Gosa del Alva el candido rocio ,
 El verdor pierde en el Invierno frio,
 De que la viste Flora en el verano.
 El que bisarro con raudal ufano
 De la selva es galan, plateado rio ,
 Las corrientes tributa al seco Estio ,
 Que el Invierno le dio con larga mano.
 Quando a la flor le falta el luzimiento
 Cobra el rio mayores los despojos ,
 Si muerte el uno, vida el otro alcança ;
 Solo esto falta en mi, pues triste sientto
 Nunca Estio a los rios de mis ojos,
 Siempre Invierno a la flor de mi esperãça.

A' MORTE DE LOPE
da Vega Carpio.

SONETO.

Mientras Sirena en pielagos de llanto;
A la muerte se oppuso tu armonia ,
Pues las vidas, que indomita rendia,
Vivificava armonico tu canto.
Alta ruina al reyno del espanto,
Temió la muerte, y con razon temia;
Y quando mas vengarle presumia,
En tu armonia refelo su encanto.
Oy que a tu vida se atrevio la muerte ,
Sin duda, que tu Musa suspendida ,
Suspendido tenia el dulce accento.
Pues si cantando te affaltara fuerte,
En vez de dar la muerte a tanta vida ,
Vida diera a la muerte tu concento.

A HUM



A HUMMINISTRO

Quey xand'o-se de amar hum impossivel, pedindo-lhe o Author, que votasse por elle em certa pertençaõ.

S O N E T O.

DIzes, que a quel tu objecto idolatrado
 Es, Fabio, un imposible de hermosura;
 Pues desdesñando la oblacion mas pura,
 Ni admite el Sacrificio, ni el cuydado:
 Se permite igualdades lo sagrado,
 Otro imposible es, Fabio, mi ventura;
 Pues quanto mas el ancia lo procura,
 Ya mas vi confeguido lo intentado.
 El que pudiere mejorar mi dicha,
 Podra esperar de Phenix el trofeo,
 Pues ambas son al logro inacessibles.
 Contrasta pues, ò Fabio, a mi desdicha,
 Se buscas esperança a tu deseo,
 Enseña-te a vencer los impossibles.

DE CONSOANTES FORC,ADOS.

S O N E T O.

D Iz, Jgnês, quem vos vê, q em vòs naõ hà
 Coufa, que seja mà por mais, que vê,
 Mas se eu vos pedir conta de huma fê,
 Pòde ser que acie em vòs jà coufa mà;
 Ay doce amada minha, inda que jà
 Minha naõ pòde ser, quem de outrem he;
 Se haverà por ventura hum dia, em que
 Hum bem que là se foy, le torne cà.
 Mas jà serà de balde, quando for;
 Que jà naõ pòde haver bem para mim,
 Pois tarda o bem, & a vida se me vay.
 Oh acabe de huma vès co a vida a dor,
 Que a vida nunca pòde achar hum fim,
 E amorte pòde ser que alcance hum ay!

A D. ANTONIO ALVERES
D A C U N H A

Em resposta de hum Soneto, que lhe mandou da banda dalem.

S O N E T O.

E Ste vosso Soneto me tem tal,
Esta vossa lembrança tal me tem,
Que porque foy motivo deste bem,
Obrigado me tem da auzencia o mal.
Co tormento, co a dor fiquey mortal,
Quando me vi dàquem, & a vós dalem
Mas na distancia já não vay, nem vem,
Se huma lembrança vossa tanto val.
Que vay amigo, em que padeça a dor
O peyto, a quem distante pena dais,
Se distante ao juizo dais prazer.
Soceda embora à dor outra mayor,
Que se assim ao juizo regalais,
Menos vay no sentir, que no entender.

A HUMA DAMA,

*Que chbrando limpou as lagrimas com os
cabellos, que estava penteando; à vista
de seu amante.*

S O N E T O.

Peynava Flora hermosa en sus cabellos,
Flechando ayrosa con el peyne amores,
O' de su prado las doradas flores,
O' de su cielo los fulgores bellos.
Dezeofa el alma de a brazarle en ellos,
Tocó, qual mariposa, sus fulgores;
Quando los ojos granifando albores
Aljofaravan lo dorado dellos.
Ay, dixie entonces, essas perlas, Flora,
Nó desperdiceis, nó, que es desvario
Ser Sol en rayos, ser en llanto Aurora;
Ella como inclinada al ruego mio
En lienços de oro enxuga lo que llora:
Ay quien beviera al oro a quel rocío!

A MA-



A MANOEL DE SOUZA PACHECO.

Em resposta de hum Soneto , que lhe mandou queyxoando-se de que o não via.

S O N E T O .

P Or vezes assentâmos entre nós ,
 Que eu era o vosso bê, vós o bem meu
 Assim passa meu Fanha, & não sey eu
 Amigo a quem eu ame mais que a vós
 Dizeis, que vos não vejo , he caso atrás ,
 Que vós vós deyxéis ver por jubileu,
 E culpeis quem vos ama tão sandeu,
 Que atè lhe agrada em vós a vossa vós
 Vossa he sómente a culpa, mas a dor
 Não me deve huma queyxa, porque entã
 Se não vísse hum dezayre em vosso amor
 Vois fois Senhor de mim, da razão não ;
 E assim se a vossa queyxa avante for ,
 Heydeme pór da parte da razão.

A' MOR

A MORTE DE MATHIAS
DE ALBUQUERQUE.

SONETO.

DEzenganos publica mudamente
Esta pedra, em mysterios entendida ;
Chegate, ó Caminhante, & para a vida
Levaràs a licaõ mais eloquente.
Aqui veràs postrada humildemente
Tèsta de tanto lauro ennobrecida ;
Aqui veràs a cinzas reduzida
Maõ, que enfiava ao Sol a luz ardente.
Lè bem esse letreyro, se não fias
Da minha informaçãõ ; este he o encanto
De Marte, continua, este he Mathias;
Não digas mais, que já não podes tanto;
Antes venera mudo as cinzas frias ,
Que he melhor epitafio o teu espanto!



A H U M A M A N T E,

*Que à vista de sua Dama a dormeço: mandou
este Soneto à Academia o Author
com nome supposto.*

S O N E T O.

Disse Antonio Barbosa na liçaõ ,
Assim o disse elle,ou mal ouvi,
Que Subio Nerva ao globo carmesi
Tanto que fez a celebre adopçaõ.
Ouvi,que dava Plinio por razaõ ,
Senhores meus,que fora justo assi ;
Porque depois da acçaõ , que obrou alli,
Alguma não fizesse humana acçaõ.
Logo se Fabio vio de Clori a flor,
Justamente se deyma a dormecer,
Depois daquella vista superior ;
Pelo modo,que póde quiz morrer ;
Que como tudo o mais era menor ,
Depois,que a Clori vio,naõ quiz mais ver

S O N E T O.

S I Filis a tus dichas no procura ,
 No, dar el premio , ó Fabio, a tu finesa,
 Pudo ser de su acuerdo sutileza ,
 Porque tu no mereces la ventura.
 Mas si a Fili obligo violencia dura ,
 Es discredito grande a su belleza ,
 Que se sepa en el mundo la certeza,
 De que no puede todo su hermosura.
 No querer es a grabio de tu affecto,
 Defecto es tuyo solamente, ò Fabio,
 Mas nõ poder ya toca a su respeto :
 Y tu debes sentir, si adoras Fabio ,
 A su defecto mas, que a tu defecto,
 Mas su reputacion, que no tu agrabio.



MANDOU D. FRANCISCO MANOEL

*Este Soneto truncado à Academia, dizendo fora
a bordo de hum soñoliento, & pedia aos En-
genhos, que lhe dessem forma a hu-
mas lagrimas*

DE que servis mis lagrimas
salid corriendo
Pero nó, que os diran
sus riesgos temerosas.
Mas bien si os
callando, y padeciendo
Tan poco escapareis
menos dichosas.
Perigrinad luego
a los o jos
Tras de aquel visteis
Sed si merito no
Porque derrama
y lloradas

FORMA QUE DEU O AUTHOR A ESTE
SONETO.

DE que seruis mis lagrimas medrosas?
 Si a livios sois de amor, salid corriêdo,
 Pero nó, que os diran, que al fin saliendo
 Acudis a sus riesgos temerosas.
 Mas bien, si os manda Amor, que vós piedosas
 Hableis por el, callando, y padeciendo,
 Tan poco escapareis obedeciendo,
 Y mandadas fereis menos dichosas,
 Perigrinad, pues, lagrimas, y luego
 Fiando-le a los ojos vuestra llama,
 Tras de a quel bien partid, q̄ nunca visteis;
 Sed, si merito nó, lenguas de fuego,
 Porq̄ os deva mi amor, ya q̄ os derrama,
 Que mudas, y lloradas le exprimisteis.



SONETO.

V iste, Fabio, la estampa, que a trevida
 Arrancar intento mano arrojada ,
 Que si està solamente debuxada ,
 Cede al primer amago defasida?
 Pero si vive a la pared unida ,
 A primores maestros entallada ,
 La pared hade verse destroncada,
 La estampa no hade verse defunida.
 Pues assi Amor, artifice ingenioso
 Pinto, Fabio, en tu alma una hermosura ,
 Que arrancar quiere el hado rigoroso.
 Siempre, Fabio, serà la expulsion dura :
 Mas es, Fabio, el estrago mas costoso ,
 Si tambien se reziste la pintura.

A' SENHORA D. LUIZA
MARIA DE MENEZES.

Sabindo adornada de penas de Pavaã.

DE penas adornada a fermosura
Hôrãdo as magoas, & afagãdo as dores
Amados quiz fazer os distavores,
Quiz fazer invejada a desventura.
Pã por favor a pena se procura,
Pois mereceu de Lisi os favores;
Ninguem teme das penas os rigores,
Depois, que ve das penas a ventura.
Silvio, que a vio, lhe disse comedido,
[Silvio, que respeyto a Lisi adorã,
Silvio, que a Lisi huma alma sacrifica.)
Ao costume fizestes o vestido;
Que depois que vos vio, esse he Senhora
O traje, que na Corte se pratica.

A' FERMO S U R A A

Da mesma Senhora.

S O N E T O.

QUanto inventou de graça a bizzarria,
 De asseo, de arteficio, ou de destresa
 Quiz debuxar em Lisi a natureza,
 Para que fosse exemplo á galhardia,
 Vio-a depois, & vendo que excedia
 Lisi de seu estudo a futilleza,
 Rompeo aquella idea da belleza,
 De que antes seus acertos aprendia.
 Em Lisi agora estuda as varias cores,
 O concertado asseo, a graça pura,
 Para as outras bellezas inferiores;
 Qual será pois de Lisi a compostura,
 Quaes serão de seu rosto os resplandores,
 Se inda he menos fermosa a fermosura

TERCETOS.

Epistola a hum Amigo.

B Em fey, Faria amigo, que culpado
 Me tereis là na idéa gravemente,
 Pelo crime de auzente descuydado ;
 Confesso, que o delicto he apparente.
 Mas entre os peytos nobres a amizade
 He caracter, que dura eternamente.
 Testemunha me seja a fraudade,
 Que abrindo pórtas franca ao pensamento,
 Vive pórtas a dentro da vontade.
 Disculparme, com vosco he vaõ intento,
 Que o deyxar de escrevervos não foy culpa
 Antes poderá ser merecimento.
 Fineza foy de amor, & quem a culpa
 Sabe pouco da quella tirannia
 Que ao peyto mais izento não desculpa :
 Porque como a escriptura he humia via,
 Que sustitue só o trato auzente,
 Por querer desmentirme a suspendia.
 Que como ainda meu peyto vida sente,

Naõ

Não acabo de crer em tanta vida,
 Que amor em vossa auzencia ma concente.
 Busqueyvos faudofo na partida,
 Mas a forte, que a auzencia não perdoa,
 Me perdo-ou entãõ a despedida ;
 Que posto, que he de amor uzança boa,
 Como bem diz o Cisne Lusitano,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.
 A vida em fim, que passo he fõ de engano ,
 Que tanto, que a cabar de descobrirse ,
 Hade acabar às mãos do dezengano.
 Ir, y quedar , y con quedar partirse
 Disse o Fenis de Espanha, q̃ era a auzécia ,
 perguntemno a quem chega a despedirse.
 Mas franqueando hum pouco a paciencia
 Quizera darvos conta da jornada ,
 Que sempre deu por fruto huma p̃dencia.
 Partimos eu, & outro camarada
 Em hora mingoada dessa terra.
 Mas, q̃ hora para mim não foy mingoada!
 Quem quer hir contra o fado, oh quanto erra!
 Porque em fim a fortuna he huma suja,
 Que anda s̃pre cõ engenho em duraguerra,
 Em fim cheguey cançado a ver o muro
 Desta Máy de velhacos, terra a donde
 As nuvens vem mijar como em monturo:
 Onde qualquer villam se julga Conde,

Onde a pezar da ley vive a mentir,
Terra em fim dõde sempre o Sol se escõde.
Mas donde fuy meterme? Quem me inspira?
Materia he do Cothurno, & não de fogo,
Não vos pertence a vós, ó minha lyra.
Atras bolvamos pluma mia un poco,
Que me teram por loco facilmente
Se em tal estado tais verdades toco.
Assim desconçolado, triste, & auzente
Passo esta auzencia, se he q̃ a auzécia passa,
Que como he pena, dura eternamente.
Talves ao rio vou, talves à caça,
Mas falta pesca ao rio, & caça ao monte
Porque não falta entãõ minha desgraça.
Talves por divertirme desço à ponte,
Porque presumo entãõ que já caminho
Para esse felecissimo horizonte.
Ay de quem chega a estado tão mesquinho,
Que o remedjo do mal, o bem das dores,
He entreter o mal, & o bem vezinho!
A fonte, que là dizem dos amores,
He huma pouca de agoa fedorenta:
Vede, que fresca fonte rega as flores?
Em fim tudo a memoria me a tormenta,
Bem pago agora triste o tempo ledõ,
Porèm quem vio bonança sem tormenta.
Talves me julgo monte imovel, & quedo

No penedo, que chamaõ da faudade,
 E junto de hum penedo outro penedo.
 De tudo a causa he vossa amizade,
 Que para estar alegre estando auzente
 Naõ quer dar privilegios a vontade.
 Aos amigos direis o quanto sente
 Meu peyto desta auzencia a tirannia,
 Mas a vós o dizey mais largamente.
 A Veneranda illustre Academia,
 Discipulo venero, auzente invejo,
 Horas, que em tanto bem por vós me via.
 Sabe Deos o fervor com que dezejo
 Numero nella ser, bem que escuzado,
 Vós lhe dizey por mim este dezejo.
 E àquelle vosso estillo delicado,
 Com que abrandar sabeis as penhas, pello
 Que encareça ao Gallegos meu cuydado.
 Serà de meu cuydado grande o preço,
 Se tiver meu cuydado tal ventura,
 Que diga o estillo vosso, o que eu padeço.
 E crevey-me na vossa, se inda dura
 Na antiga presumpção certo gentio,
 Que sèpre he Gil Fernãdes que mormura.
 Faltame agora o conçoante em io,
 Inda, que achallo posso em Castelhanao
 Intendame chi peró, che me entendio.
 Do nosso doce Sylva soberano

Tercetos.

307

Alegres horas, que gozey taõ ledo,
Oh como me a tormetaõ por meu damno.
Tive por novas cã, que Figueyredo
Tinha injusta prizaõ por justo excessõ;
Que sempre a ruim nova chega cedo.
Vós lhe dizey, Faria, que eu lhe pesso,
Que toque a doce lyra em seus disvellos,
E que assim naõ seraõ elle o prezo.
Pois, que direy do amigo Vasconcellos,
Mas tera seu papel noutra jornada;
E pois he Vasconcellos vá concellos.
Em fim de tudo amigo, & camarada
Grandes lembranças meu amor padece,
De vós somente me naõ lembra nada,
Que mal póde lébrar quem nunca esquece.

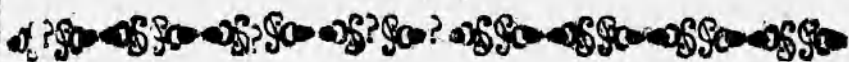




PROPOSTA.

Perdio-se en su cudado,
 Lauro, tras un deseo remontado,
 Mas quien ay, que resista
 Al imperio suave de una vista!
 Perdio-se al fin, y a manos de desdenes
 Ni estraña males, ni suspira bienes,
 Mas quien podrá negar dulces despojos
 Al allago imperioso de unos ojos!
 Perdio-se, mas contento
 Aun desmentir queria el sentimiento,
 Presumiendo en su affecto
 Vengarse de su amor en su secreto.
 Dos vezes ya vestio la Primavera
 De librea florida la ribera,
 Y el en su amor constante
 Callava sabio, y padecia amante.
 Dos vezes el Invierno en sus rigores
 Dexo en escarcha lo que Mayo en flores,
 Y el en su pena grave,
 Ni olvidar puede, ni dizirla sabe.

Pergunta a ora Lauro el infelice,
 Que hara para dizer lo que no dile;
 Pues en su fuego ardiente
 Siente, y no sabe declarar que siente.



A DIOGO GOMES DE FIGUEYREDO

No seu livro da Espada

Sylva.

D Etende hum pouco o estillo soberano,
 Mavorte Lusitano,
 Rayo de Apollo armado,
 Paray hum pouco o plectro sublimado;
 Que da pena invejosa
 A espada vos contemplo,
 E com razaõ queyxosa,
 Que se hoje a pena vos fabrica hũ templo;
 Tambem a espada vossa
 Já da primeyra idade
 Se abrio caminho pela eternidade.
 Este justo motivo
 Tregoa seja do canto sempre altivo,
 E sayba-se entretanto

E he huma, & outra acção taõ celebrada ;
 Se dicta a pena, o que aprendeo da espada,
 Ou se obra a espada, o q̃ aprendeo da pena.
 Não sey em tal victoria
 De qual mais seja a gloria,
 Mas a pezar da inveja
 Igual a gloria seja ;
 Que ou profigais o est illo delicado ;
 Ou o metal lavrado
 Esgrimais destre, & forte,
 Tudo he ganhar imperios para a morte,
 E ou co a espada, ou co canto
 Tudo he render jurisdicoens ao espanto,
 Que armada, ou defarmada
 A mão, que rege a pena, rege a espada.
 Quem vendo estes preceytos,
 Que sabia a pena dita,
 Ou em todo, ou em parte
 Cuydar, que pode caducar a arte
 Olhe a vosso valor, que os acredita,
 Olhe à vosso valor, que a espada empunha,
 E com provas de sangue os testemuha ;
 Que desta nova sciencia os aforismos
 Com bizzarria nova
 Fazendo com a espada os filogismos,
 Tendes na espada a prova ;
 Quem vendo o valor vosso

N'algum feyto famoso
 Levar grave, & valente
 Do mais alto inemigo
 Victoria no perigo,
 Gloria na empreza dura,
 Differ, que foy successo da ventura,
 Vossa pena o desmente,
 Pois quando o valor vosso denodado
 Admire co as finezas de alentado,
 Assombro co as proezas de guerreyro,
 A pena vossa as ensinou primeyro.
 O penhasco mais bronco,
 O mais robusto tronco,
 Ligeyro em movimento
 Obediencia foy ja do doce acento ;
 Mas com gostosa injuria
 Dar preceytos a furia,
 Dar dictames a ira,
 Somente o pode vossa doce lyra,
 E contra os indomaveis Holandezes
 O pode vossa espada algumas vezes.
 Viva pois vosso nome,
 E dos applausos justos,
 Com q̃ o mundo por Marte vos acclama ;
 Fazey azas a fama,
 E chegue vosso nome glorioso
 A donde o Sol naõ chega de medroso ;

X

Suba

Suba voffo valor fempre alentado
 A donde o Sol não ouza de turbado,
 E de hum, & outro graviffimo instrumêto
 Estrellas aumentay ao firmamento.
 Mas não paray o vo-o,
 Que fe a mim não me engana meu dezejo
 Novas insignias nos Planetas vejo,
 E fe não mente a vifta prolongada
 No Sol a Pena vejo, em Marte a Espada.





P O E S I A S.

DE DIOGO DE MONROY,
& Vasconcellos.

*A Herostrato queymando o Templo de Diana
por eternizar a sua fama*

S O N E T O.

Que intétas Herostrato? Quem te guia
A taõ barbaro error, & cego intento?
Porventura he mayor, que o entendimêto
A ambição de huma cega fantazia?
Tu pertendes queymar a Monarquia,
Que o Sol respeyta á divindade atento?
Queres, que estimulado o firmamento
Castigue tua propria aleyvozia?
Se o fogo ao Templo poens, porque atrevido
No mundo eternizarte has intentado,
Vê quanto por cruel tens delinquido?
Mas oh fera ambição de eterno estado!
Que a troco de ficares conhecido,
Queyras ser por tiranno eternizado.

X ij

A HU.



A HUMAROSA

Acabando a inda em botaõ.

SONETO.

Luzida flor, que em rayos superiores
 Nesse verde emispherio de boninas
 Velóz exalação te perdestinas,
 Sendo Sol entre os astros dessas flores.
 Não temas declarar os resplandores,
 A que tanto a belleza, & pompa inclinas;
 Que nesse alento, em que a vaidade ensinas,
 Os luzeyros se agradaõ dos horrores:
 Se igual fora à belleza a fôrte dura
 Talvés, que os Orientes de luzida
 Nos Ceos anticipasse a luz mais pura.
 Por breve, pois, se estime a tua vida;
 E seja sempre dom da fermosura
 Chorar a morte, ao tempo de nascida.

E S T I M A C A M

De penas proprias.

S O N E T O.

M Ais de vera a meu mal, se a amor de vera
 Novas penas de amor, com que penara;
 Pois nos males meu mal se aliviara,
 Se mais nos que padeço padecera.
 Não perdera vamglorias se tivera
 Tormentos, com que assim me gloriara;
 Pois se amor vay crescendo, he cousa clara,
 Que quanto mais sentisse, mais quizera.
 Cresce amor, cresce o mal, & crescem tanto
 Os imperios da causa, que respeyto,
 Que quãto mais padeço, mais me encanto.
 Porém nada me deyxã satisfeyto,
 Pois vejo, que nos mares de meu pranto,
 Os Etnas se moderaõ de meu peyto,



A H U M A D A M A

Contando as estrellas.

S O N E T O.

N Aõ contes desse ethereo firmamento,
 Filis fermosa, os astros brilhadores,
 Porque eclipsas as luzes superiores,
 Que em teus olhos numèro cento a cento.
 Multiplica o ditozo luzimento,
 Que em teu rosto repartem vivas cores,
 E veràs diminutos resplandores,
 Os que intenta somar teu pensamento.
 Mas se contas do Ceo as luzes bellas,
 Porque eu veja as estrellas inconstantes,
 Com que sempre os disvellos me disvellas:
 Conta embora esses astros rutilantes,
 Que na conta acharàs dessas estrellas
 Fixos meos males, & meus bens errantes !



SONETO.

LA nave de mi dicha en golfo amante
 Sufre la quilla de mi mal ingente,
 Y al passo, que navega felizmente,
 Temporales padece naufragante.
 El puerto incierto, pielago inconstante,
 Caribdes la hermosura es refulgente,
 Tempestades amor, que al pecho ardiente
 El norte inspira de farol errante.
 Avizado escarmiento a mis engaños,
 Perdida a guja, si contrarios vientos
 El norte avizan a los sueltos paños.
 Notables son de amor los pensamientos,
 Pues sobrando escarmientos a los daños,
 No ay para mis daños elcarmientos!



A U N A D A M A,

*Que en una tempestad de truenos se
rebia.*

S O N E T O.

P Alido el Sol, el ayre embravecido
 Con ageno terror, con brado ageno
 Rompe el velamen de nublado seno,
 El relampago atrós, rayo encendido.
 Tiembla la tierra, y huye espavorido
 El tierno ruyseñor del prado ameno,
 Y a los brados horribles de aquel trueno
 Hasta el Cielo se mira obscurecido.
 Solo Fili, que en bellos desenojos
 Hermosuras fabrica en sus ensayos,
 No teme de los truenos los enojos.
 Antes dize, que alienta a sus desmayos,
 Que como està segura de sus ojos,
 Riye del trueno, burla de los rayos.

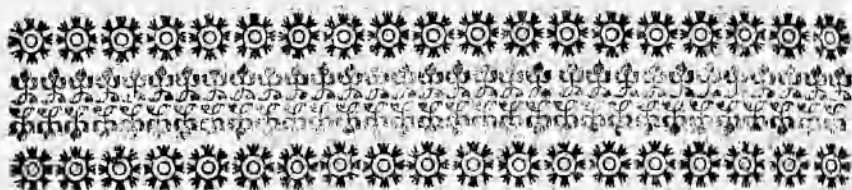
A U N A

A U N A D A M A,

Perguntando, qué cosa era Amor.

S O N E T O.

ES Amor, Clori mia, un accidente,
 Que lleno de locuras se apercibe;
 Es una llama, que en la nieve vive;
 Un dolor apassible, un fuego ardiente.
 Es un funebre eclipse, un Sol luziente;
 Un niño, que gigante se describe;
 Una flexa, que quando se recibe
 Por lo mismo, que hierre, se conciente.
 Es al fin el Amor, Clori querida,
 Una falsa iluzion, que mal se advierte;
 Y un engaño, a que el pecho se convida:
 Es de fuertes Amor, y es de tal suerte,
 Que a quien mata por gusto dà la vida,
 Porque al fin el Amor es vida, y muerte.



A' R O S A .

S O N E T O .

SI entre esquadrones verdes imperiosa
 Madruga tu beldad, Rosa flamante ,
 Como tu armado sceptro, en lo arrogante,
 De un Sol se teme ephimera forçosa?
 Que ley del tiempo avra , que a tu olorosa
 Efecion no respete? O qual instante
 Sin, que venere tu virtud fragante?
 Ha de atreverse a tu altives hermosa!
 Si pues tantos Colossos , que ceniza
 Son ya, por lo que fueron, la memoria
 De la fama en las plumas eterniza.
 Luze, ó flor, que del tiempo la vitoria
 No puede, a unque a tu ser atemorisa,
 De lo que fuiste sepultar la gloria.

SONETO.

S I estas lagrimas son, flor lastimosa,
 Sentir verte del cierço amenaçada,
 Tu misma te anticipas desdichada,
 Pues lloras triste el tiempo de dichosa!
 Y indigna de tu suerte venturosa
 Muestras, que ha sido en ti mal empleada,
 Pues del fausto, que logras, olvidada
 Uas a honrar tu desdicha obsequiosa.
 Si tanto lloras antes, que anochescas,
 Viendo de tu fortuna el triste espanto,
 Que guardas para quando le padescas?
 Dexa pues, ó Rosa, aljofar tanto,
 Que no sufren los tristes, que apetescas,
 Que usurpe el bien a la desdicha el llanto,



ROSA JUNTO DE OTRA,

Que se iba marchitando.

SONETO.

G Allarda flor, que en trono de verdores
 Reyna de los jardines grave, y ufana,
 Ceñida de oro, y revestida en grana,
 Multiplicas de Flora los primores.
 Si del Alva te aplauden los candores,
 Porque añades mas gracia a la mañana,
 Mira, quando te miras mas loçana,
 Que es la tarde el occazo de las flores.
 Esta, que mustia ves, marchita espira,
 Oy verde florecio, y agoſta agora:
 En sus hojas te escribe dezengaños!
 Tu presuncion advierte ser mentira,
 Y que en el breve instante de una Aurora
 Se abrevian de hermosura largos años.

A' HUM

A. HUM CAVALLO

D. Conde de Sabugal.

SONETO.

E Sse Narciso de los brutos vano,
 Que en corva ostétacion su orgullo aviza,
 Por no baxarse a tierra el ayre piza,
 Por ser mas que del Sol desprecia el llano
 Si ufano encoge el pie, si alça la mano
 En su hermola arrogancia se divisa,
 Que o se enamora en suspension precisa,
 O se corteja en ademan loçano.
 No pues de Phebo el tiro luminoso,
 No de Alexandro el Zephiro animado,
 Rapido le compita, e generoso. **O**
 Pues preferiendo a todo lo admirado
 Desayrados los puso con lo ayroso,
 Corrido los dexo, con lo parado.



SONETO.

Auzente, desterrado, y peregrino
 Huyendo una desdicha, otra seguiendo,
 Tanto a lo que me mata voy corriendo,
 Que parece eleccion lo que es destino.
 Oh fuerza de nó visto dezatino,
 Que en tan loco imposible el alma prendo,
 Que con ser perdicion lo que pertendo,
 Adoro el mismo incendio por Divino.
 Mas que mucho es morir, si en este encanto
 Vivo al dolor, a los alivios muerto,
 Hago de tanto mal merito tanto:
 Pero, que ha de valerme el mismo acierto,
 Si escapando a las ondas de mi llanto,
 Manega ya de mi esperanza el puerto.



A HUMANA ESPERANCA, A.

SONETO.

DE undosa plata en bivoras se quiebra
 De cristal una sierpe fugitiva,
 Y a un que furia de Enero se deriva,
 De Abril caricia su esplendor celebra.
 Liquido cilne, ó musica culebra
 Canta, y se tuerce por arena elquiva,
 Hasta, que harta ya su ambicion nativa
 Muere abrasado, y funebre requiebra.
 Fuente dichosa, que corriendo impura,
 Muere llegando al centro, donde alcanza
 El fin, a que sedienta se apresura!
 Mas ay de mim, que muero a una mudança,
 No solo sin llegar a una ventura,
 Pero sin possèer una esperança.



SONETO AL LICIO, UH

Que traxa-va com demazia.

SONETO.

NO des, ó Licio, a tu rason la muerte,
 Ni a tu daudal, con esplendor profano;
 Que es locura hazer gala de ser vano,
 Y por fingirte rico emprobrecerte.
 Que ha sido seña de la culpa advierte
 Essa, que es pompa de tu error loçano;
 Y es mas, que por vivir como gusano,
 Quieras de tu delito envanecerte.
 Dexa pues las insignias de tu daño,
 No mas te defalumbre un luzimiento,
 Que es siega hidropezia de tu engaño:
 Pues dize mal con tu liviano intento
 Gala, que fue cilicio al defengaño,
 Pompa, que fue mortaja al escarmiento.

PEDINDO A HUMA DAMA

*O seu retrato, lhe mandou huma lamina
de bronze sem pintura.*

S O N E T O.

E Ilis, en este bronze, que advertido
Miro, sin verte, en el mas bien te veo ;
Pues, que copia mejor de ti deleo ,
Que ver el proprio bronze endurecido !
Si es ilusion el arte del sentido,
Mejor assi tu perfeccion posleo ,
Pues a mi fe, y no a las sombras creo
De una luz falça , y de un color fingido.
Mas que la vista la atencion te admira,
Y escapàs sola de tu luz immensa
Copia , que a ser incomprehensible aspira.
Pues en las màs, a que hale el arte ofensa,
Pienfa el cuydado, solo en lo que mira,
Y aqui mira el cuydado , quanto pienfa



A HUMA AUZENCIA.

S O N E T O.

COm vosco là, Senhor, estou presente,
 Cà vos acho comigo 'no meu peyto,
 Que não póde hũ amor quãdo he perfeyto,
 (Ainda nas auzencias) estar auzente.
 Amar, & estar diviso juntamentè
 Fora haver contrarios n' hum fogeyto ;
 Quem de duas huma alma tinha feyto
 Mal podia apartarse eternamente.
 Esteja embora o corpo dividido,
 D' alma vestido vil, tofco apofento,
 Que a distancia não faz o amor partido:
 Em quanto o amor nas almas vive unido
 Não se póde chamar apartamento,
 Mudar casa lerà , trocar vestido.



SONETO.

O' Como he sensitivo hũ peyto honrado!
 Hum nobre coração como he brioso!
 Descontente estará, serà queyxofo,
 Mas não serà vencido, nem mudado.
 No fogo da payxaõ mais apurado
 Mais firme ficará, mais precioso,
 Sahirà de si mesmo victorioso,
 Que he quem vence a si mais esforçado.
 Animoso, constante, invicto, & forte,
 Magnanimo, leal, firme, & seguro
 Farà ao bem, ea o mal serena fronte;
 Delprezarà a vida, & ainda a morte,
 Igual no bem presente, & mal futuro,
 O mesmo em fim no valle, que no monte.



SONETO.

Tantas as ditas saõ, que alhano, & tenho
 Por vòs, que nellas acha subtileza
 Com hum credito mais vossa grandeza,
 Com hum estorvo mais meu dezempenho.
 Favores vossos saõ, mas quando venho
 A notar dos favores a destreza,
 O logro chego a ver pela fineza,
 A ver chego o perigo pelo empenho.
 Entre a gloria do bem, & entre o torçoso
 Risco a o ser ingrato ao bem devido,
 Vacila o pensamento temeroso.
 Mas sejame por paga concedido
 Se em vòs o ser comigo generoso,
 Em mi o ser com vosco agradecido.



SONETO.

P Ostrenfe ya los idolos profanos,
 Del alma un tiempo venerados vultos;
 Y los que fueron de la vida insultos,
 Sean del alma estímulos Christianos
 No quede piedra, en los Olympos vanos
 De mi error sobre piedra a los indultos
 De la rason, y en lagrimas, no ocultos
 E thnas, se aneguen de mi incendio ufanos;
 Ministren los cadaveres mas feos
 De mis culpas, y estragos presumidos
 Vista al error, y espanto a los deseos;
 Podra ser, que mis yerros entendidos
 Sirvan a las virtudes de tropheos,
 Quando no, de triumpho a los sentidos.



A D. LUIZ COUTINHO

*Pedindo-lhe livre certo Soldado auxiliar
de hir à guerra.*

R O M A N C E.

S Enhor Dom Luiz Coutinho,
 Que fois, como todos vemos,
 A moda dos alentados,
 A candala dos discretos.
 O Padroeyro das Musas,
 O Mecenas dos Orpheos,
 O Xarife de Mavorte,
 O Conde Duque de Venus.
 Eu, que com vossos auxilios
 Taõ levantado me vejo,
 Que estou já muyto arriscado
 A ser Lusbel dos modestos.
 Com vossa licença agora
 Hey de apoyar hum sogeyto,
 Que sendo auxiliar dos vossos
 Se val de auxilios alheyos.

E como os mais efficazes
 Haveis de dar a Alemtejo ,
 Hum, que não he sufficiente,
 Que falta póde fazervos ?
 Senhor, Francisco Correa,
 Que desta carta he correto,
 As correas lhe sahiraõ
 Dos couros hà pouco tempo.

E só terà serventia,
 Quando Marte brando , & meygo
 Calce os borzeguins de Adonis,
 Ou uze os guantes de Ero.

Este, bem que nos pelames
 De Chipre cortido o temos,
 Para o serviço da guerra
 He fillele , & não bezerro.

Fazey pois, que esta correa,
 Que agora o he de S. Bento ,
 Mais, que a de S. Agostinho
 Se valha dos privilegios.

Em fim por fallarmos claro ,
 Meu Senhor, este mancebo
 Não póde ser bom Soldado ,
 Sem ser Soldado primeyro,

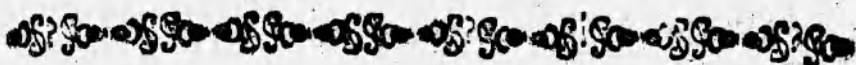
Porque ficou taõ mohido
 De huma pendencia de Venus,
 Que inda lhe sua o topete

Y iiii

Se

Se cuyda neste sucesso.
 E anda taõ enfastiado
 De semelhantes folguedos,
 Que ainda a salsa com que come
 Lhe causa aborrecimento.
 Se pois Senhor Dom Luiz
 Já como Soldado velho
 Sabeis por acuchillado
 Quanto estes golpes tem feyto.
 Por tudo vos peço agora,
 Que olhando bem o que allego,
 Ou lhe perdoeis por pobre,
 Ou o deyxéis por enfermo.
 E eu prometo, que entre tanto
 Que vós lá pelo Alemtejo
 Fazeis aos Leoens de Hespanha
 Tornarse mansos cordeyros.
 E em quanto da Estremadura
 Convertéis com o fangue Jbero,
 Em rubins as esmeraldas,
 E o Guadiana em mar vermelho.
 Prometo, que este a filhado
 Faça por cá taõ bons feytos,
 Que embreve vos multiplique
 Muyta gente para o terço.
 E a Deos, que em tanto vos guarde,
 Para que sendo, ou não sendo,

Semente del Rey Fernando
Façaes hum grande despejo.



A DIOGO GOMES DE FIGUEYREDO

Mestre de Campo na Beyra.

Figueyredo insigne, a quem
A patria toda divulga
Por Marte das nossas armas,
Por Phebo das nossas Muzas:
Por cuja famosa espada
Os campos da Estremadura
Verteraõ de humanos troncos
Fontes de cristal purpureas.
Por cuja discreta pena
Da fama a sonora tuba
Deyxa os palmos atroados,
Deyxa a propria inveja muda.
Por cujo pomo, & sentença
Venus se poem hoje à curta,
Pallas se veste a la moda,
Juno se calça à monsiura.
De cujo nome, & proezas
Toda essa esphera rotunda

Breve theatro se admira,
 Pouca lamina se julga.
 Mestre em fim bizarro, a dondo
 A razãõ, mais que a ventura,
 Rende aos atinos o agrado,
 Põstra ao merito a fortuna.
 Em fim deyxando as faceyras
 Amigo, & Senhor, em cuja
 Ausencia o gosto he mentira;
 Porque os alivios saõ burla.
 Na falta de novas vossas
 Estava em magoas tão justas
 Morrendo o desejo à mingua,
 E a faudade á dependura.
 Quando aportou nestes mares
 Do Graõ Themudo a Chalupa,
 Trazendo por mercancia
 As vossas novas, & as suas.
 Do Graõ Themudo, repito,
 De quem cuydou gente muyta,
 Que fora tomar suores
 Là de Plutaõ nas estufas.
 Se bem eu sempre entendia,
 Que seria só por furia
 De ir ver os Elyseos campos,
 Pizar de Acheronte a fusta.
 Porque como he tão mão gosto

Dar cos ossos n'uma tumba,
 E entre os homens de juízo
 Tal costume se não uza.
 Claro está ; que podendo
 Crear neste mundo enxundias,
 Andar, & ir morrer à Beyra
 Não tinha graça nenhuma.
 E assim por reluscitado,
 Antes que a morte o conclua,
 Se lhe lamentaõ as trevas,
 Lhe cantamos Alleluias.
 Mas sahindo do Epifodio,
 Que he breve o Poema, & nunca
 Deve levar o accessorio,
 Quando ao principal se inculca.
 Digo ao correr desta folha,
 Que vos tenho achado culpas,
 E não podeis passar livre
 Sem fazer resposta a muytas.
 Capitulasteis comigo,
 Que chegando a essas incultas
 Montanhas, em cuja neve
 O Sol se atosca, ou se atufa,
 Edificando Parnatos,
 Por cada Estafeta sua
 Viriaõ duzias de versos,
Sem serem versos de duzias.

Embebestevos no applauso,
 E esquecido nas venturas,
 Breve mudança de hum clima,
 De hum grande affecto vos muda.
 Já não lembra isto da Corte,
 E o tempo se vos occupa
 De sonhar grandes empresas,
 Discifrar varias industrias.
 Campando muyto ao Soldado
 Nessas Marcias barafundas,
 Todo Espinola tazeis,
 Que arda a guerra, ferva a bulha:
 Despertando aos exercicios
 Dessas Militares chusmas
 Fazeis, que a campanha trema;
 Que o ar se atroe, & confunda.
 E o Bucephalo occupando,
 Fazeis que pareçãõ pulhas,
 Tantos de animados ventos
 Pataratas campanudas.
 Mas nada disto eu condemno,
 Que de occupaçoens taõ justas
 He a ociosidade inveja,
 & fora o applauso calumnia!
 Só me queyxo de que sejaõ
 As horas, que o sono usurpa;
 Para a amizade mingoada,

Para a perguiça purpureas!
 Porèm deyxando as querellas,
 Que são da vontade injaria
 Saibamos viver de vèras,
 Fallando pouco de burlas.
 Não vos dou novas da Corte,
 Nem do bayrro conto as bulhas,
 Que hũas não seriaõ lerdas,
 Nem outras foraõ muy duchas.
 Da minha parte ao Themudo
 Direys là, servito punha,
 Ao Commissario, que a Hespanha
 De vidas pôde dar bullas.
 E a Deos, que já basta o chasco,
 E parece teyma, ou furia,
 Querer que à força por minha
 Vos enfadeis da escriptura.





A GONCALO VASQUE DA CUNHA.

*Relatando a jornada, que fez o Author
de Lisboa para Setuval*

R O M A N C E.

M Estre illustre, & generoso,
De quem podem ja sem queyxas
Ser Officiaes os Mortaras,
E aprendizes os Turenas.
De quem por lente de prima
Da Militar Academia
Se Pallas fora a fortuna
Fora de Marte a Cadeyra.
De cujo valor naõ temos
Diamante na nossa terra,
Que tanto em grandeza, & fundo
Cada Contraste encareça.
De cujas prendas menores
A fama mais pregoeyra,
Ou Musa indigna se mostra,
Ou parece humilde Adella.

Para

Para cujos timbres julgo,
 Que he das Apollineas selvas
 Vil pompa a mayor folhagem,
 Pouca pluma a melhor pena.
 Para cujo entendimento
 Não ha juizo, que tenha
 (Sem ser dia do juizo]
 Tempo, que bastante seja.
 Para cujo arnez bizarro
 Não ha Musa taõ de pèdra,
 Que só por tomarlhe o aço
 Ser pèdra iman não queyra.
 Com cuja espada as mais folhas
 Não tem terço, & se experimenta,
 Que ainda, que as bainhas córtem,
 Cortadas o medo as deyxava.
 Cujã galla, & cuja pompa,
 E em fim cuja gentilleza
 Tem já feyto Douro o Mynho,
 E ryo de prata a terra.
 Deyxeyvos, deyxando a Corte,
 E logo a minha experiencia
 Mostrou, que quem vos deyxava
 Homem da Corte não era.
 Deste golfo de edefícios,
 Donde acha a mayor prudencia
 Remoras a cada passo,

Ea cada canto firenas.
 Dessas enceedas, onde
 Tôpa quem melhor navega
 Mil riscos, em que naufrague,
 Mil bayxos, em que se perca.
 Lã do terreyro do Paço,
 Donde o Tejo, que o passeia,
 Estã tirando a terreyro
 As Driades, & as Nereydas
 Para a Corte de Neptuno,
 A quem do Tejo a grandeza
 Ergue em maquinas de pinho
 Mil Cidades de madeyra,
 Parti, porẽm mal comigo,
 Pois quando do mar nas penhas
 O coração se partia,
 A alma me ficava em terra.
 Não esperey tempo feyto
 Porque vi, que desta feyta
 Não ser cabeça de vento
 Me daria na cabeça.
 Jã nos mares ensinava
 Caminho o mayor Planeta,
 Que apreça os seus pricipicios,
 Quem mais no luzir se apreça.
 Hia-se tapando o dia
 Co manto escuro das trevas

Sem que o Ceo para rasgallas
Mostrasse, que tinha estrellas.

Quando em fim deytando fóra
Vi, que a forte me metera,
Deytando fóra o barquinho,
Muyto por dentro esta auzencia.

Deu bayxa do mar a prata,
Pois tornando-se bayxella
De estanho, deste era força
Naõ fer corrente a moeda.

Criaava o pobre lenho,
Com que eu vi nas minhas preças,
Que o meterme em caravanas
Me tinha posto em muletas.

O Tejo em fim murmurava
De que contra as sombras mesmas
Nos castiças de Neptuno
Naõ dessem luz tantas vellas.

Como porèm dos meus olhos
A marè sempre està chea,
Pois para os prender por loucos
Perennes correntes leva.

Fomos levados das aguas
Ate donde huma tristeza
Mostrou, que eraõ agoas mortas
As mais vivas de huma penna.

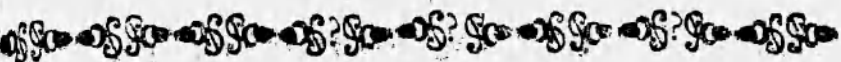
De remos muyto forçados

Pegaraõ quantos naquella
Pobre barquinha a S. Pedro
Se davaõ co a minha preça.
Mas não bastou, porque a noyte
Muy prezada de mostrenga
Hum ar de si nos não dava,
Para a julgar menos fea.
A viração, que outras vezes
Estã co sangue na guelra,
Tambem se mostou seydiça,
Pois nada tinha de fresca.
Sómente de quando em quando
Tinha o ar suas sospeytas,
Que d'alma hum triste suspiro
Soluço das ondas era.
Tudo em fim se conjurava
Contra este pobre Poeta,
Que por ser poeta pobre
Nem inda por sombras medra.
Passando em fim mil fracasos
Cheguey de Almada à Ribeyra,
Que affã andou dezalmada
Em me dar huma mã besta.
Pufme nella, & em dous brincos
Que me fes, mostrou de preça,
Quam mal ferey para Frade,
Pois que não paro na cella,

Na terra me poz cha mmenté;
 Porque não cuydassé a terra,
 Que quem tão cham se mostrava
 Soberbo se punha nella.
 Entaõ areey de todo,
 E foy pasmo em tanta area,
 Que estando tudo areado
 Fosse entaõ contra a limpeza.
 Fuyme à mulla , & bern que logo
 Em pedaços quiz fazella,
 Tratando-a como ginete
 Lhe fiz partir as cadeyras.
 Era a mulla do diabo,
 Pois com bem galante quèda,
 Confessou hum homem à poco,
 Que em mão estado o pozera.
 Fervia em caxoens o couce,
 Porque quiz mostrar soberba,
 Que em mi não só os daria,
 Mas a inda n'huma estrella.
 Nella em fim tornando a porme,
 Me tive em conta suprema,
 Pois que sem fer Alexandre
 Amançava bestas feras.
 Para enforçar neste tempo
 Estavaõ da noyte as trevas,
 Pois a Alva lhe hiaõ vestindo,

De huma luz muy macilenta,
 Quando naufragando os Pollos
 N' huma medonha tormenta,
 Nadaraõ de chuva em mares,
 Cahiraõ de vento em ferras.
 Com certa capa de pano,
 Que eu não sey se de aguas era,
 Bem que vi, que as nuvens tinhaõ
 Hum bom capõte das mesmas.
 Me puz muyto enxuto a capa,
 Porém com porme em defença
 Vi, que não vay muyto enxuto,
 Quem taes panõs de agua leva.
 Em fim dos brios da mulla
 Me valli nesta refrega,
 Por ver que a sua malicia
 Se acabou nesta tormenta.
 Pusme em fim dentro em Setuval,
 A donde a minha tristeza,
 Bem que parte como espada,
 Ficou como espada velha.
 Aqui deffas novas fico
 Esperando as borboletas,
 Se merece boas nõvas,
 Quem manda taõ mãs novellas.
 Ea Deos, que a marchar me tocaõ,
 Com que he força, em que não queyra,

Que amaça se largue à brida,
Pois deve andar à gineta.



AO DOUTOR JOAM DE MEDEYROS
Correa.

Dezembargador do Porto.

R O M A N C E .

A Migo, o vosso Romance
Bem nos mostra, que bebestes
Sem seres dos romancistas
No remanço de Hypocrene.
Tam breve o julgo nas graças,
Bem que grande no excellente,
Que se chegara de Roma
O não julgara mais breve.
Minhas invejas lhe tive,
Porém inda assim me crede,
Que a ser festa este romance
Não fora cá mais solemne.
Mais os pasmos o louvaraõ,
Que a vós, mas que muyto he nelle,
Se a mesma inveja o applaude,
Que o pasmo o encarecesse.

Z iij

A' meza estava, & fiquey
 Em jejum, se póde crerse,
 Que as dilicias de hum sentido
 Aos gostos de huma alma excedem,
 Mas não fiquey muyto em foffo,
 Pois atè quando entre dentes
 O tómo, não posso achar
 Couza de mayor saynete.
 Sinto só que hum Letradasso,
 Que de Apollo, & Marte escreve,
 Fazendo hum louvor mentira,
 Faça huma amizade aleyve.
 Quem vende o pouco, que louva,
 Quer louvar mais do que deve,
 Ou o que encarece accuza,
 Ou agrava, o que conhece.
 Não vedes (deyxo a Faetonte)
 Que em fim só para perderse
 Vio a borboleta as luzes,
 E azas a formiga teve!
 Pois eu que sou formiguinha
 Do Parnaso, eu que fuy sempre
 O rebotalho das Muzas,
 E o retraco de Hypocrene:
 Que pertendeis, que presuma,
 Se he forca quando não chegue
 A despenhar-me formiga,

E borboleta me queyme !
 Não vedes, que quando muyto
 Hum rasgo sou desse Apelles,
 Huma sombra desse Achilles,
 E hum negro desse Menezes?
 Pois se o vedes, como agora
 Procuraes, que ufanamente
 Nasça do bem de louvarme,
 O mal de desvanecerme?
 Pouco de equivocos uzo
 Que a fereza, que acho nelles,
 Quando não de gatimanhão
 De trocicollo parece.
 Ideia, & fereza nos verios
 He corpo, & alma, a quem deve
 Julgar por todo das Muzas,
 Quem suas partes apprehende.
 Tudo o mais são fiampuas
 Com que queyxar se pertendem
 As Beatas do Parnaço,
 Que são praga dos freguezes.
 Ham de vir os conçoantes
 Nascendo ; porque se interé,
 Que he violento aborto,
 Quem não nasce felizmente.
 O numero, a consonancia,
 Hade ser branda corrente,

Cujos suave ruidos
 Huns suspenda, outros recree,
 Ham de ter assento os versos,
 E nisto em fim se conhece,
 Que quem tem couza taõ grave
 Não deve ser couza leve.
 Isto dos Poemas digo,
 Que nos versos de joguete
 Não o contradiz a fórma,
 Por ver que a materia o pede,
 Antes fora couza impropria,
 Que qualquer de nós fizesse
 Vestir as armas de Alcides
 A quem sô Pigmeo nacesse,
 Erro fora dos Timantes,
 Se sem termos differentes,
 Por azas do Pintafigo
 Dera as plumagens do Fenis,
 Medir sempre cos assumptos
 He caminho de ser Mestre,
 Pois he só quem os igualla,
 Quem as medidas nos enche,
 Sirva-se o triste do triste,
 Do alegre se uze no alegre,
 Que as copias mais semelhantes,
 Mais naturaes nos parecem,
 Não sou eu quem estas regras

Romance.

351

Dou soberbo, pois vi sempre,
Que o ser aprendiz de todos
Me fes errar menos vezes,
Textos são desta doutrina,
E artes destas regras breves,
Os Homeros, & os Virgílios,
Camoens, & Tassos, que o seguem.
Quem intentar do Parnazo
Sobir ao cume eminente
Por esta estrada caminhe,
Por estes rumos navegue.
E de Alentejo entre tanto
Vou ver a campanha ardente,
Donde as metáphoras duxas
De Belona figo alegre.
Vou aprender de hum Soldado,
Que tam perfeyto escrevestes,
Que he já seu tambor a fama,
E Marte seu casolete.
Companhia não procuro,
Porque nos tempos presentes,
Companhia só na bolça
Acha até quem menos serve.
Assim porém vou passando
Assás pago, assás contente
De ver, que isto se asegura
A quem nem servir merece.

Por isso não pico a Muza,
 Porque doe muyto a quem perde
 Jogando com a Muza os piques
 Ver picar como quem fere.
 Por isso dos vossos versos
 Applaudo a fraze excellente,
 Donde a valentia he rayo,
 Donde a candidez he neve,
 Parecem-me tão bizarros,
 Que no garbo me parece,
 Que se poz nelles a Muza
 De vinte, & quatro alfinetes,
 Mas isto de Coplas basta,
 Pois se o nectar a borreçe
 Se he muyto continuado,
 Que faraõ frutas agrestes.





A' VALENTIA DE HUNS OLHOS.

ROMANCE.

S Aõ Tisbe taõ valentonas
 Dos teus olhos as meninas,
 Que metendo a saque as almas,
 Poem a fogo, & sangue as vidas,
 Fuy Soldado Velho hum tempo,
 Mas hoje por vida minha,
 Que me tem feyto bizonho
 Esta tua artelharia.

Naõ ha contra a menor carga,
 Que deesses diamantes tiraõ,
 Nem aproche, que lhe chegue,
 Nem manta, que lhe rezista.

Por mais, que o peyto se cubra
 Do respeyto nas cortinas,
 Naõ ha defença, que baste,
 Nem parapeyto, que sirva.

Sem duvida, que no ataque
 De amorosas ouzadias
Das vistas saõ basiliscos,

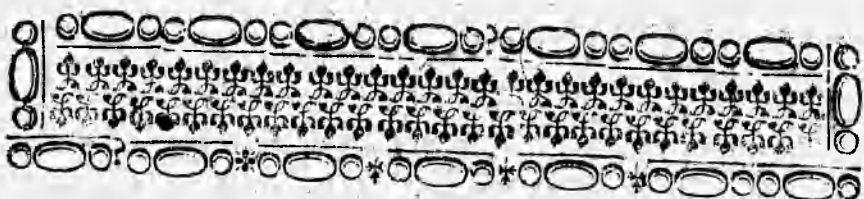
E das almas colebrinas.
 Huma escaça vista de olhos
 Me deraõ tal bateria,
 Que os meus castellos de vento
 Puzeraõ logo em ruina.
 Investindo as liberdades
 Naõ menos, que à escala vista,
 Fazendome todo em braza,
 Todo me tem feyto e em cinza,
 Por mais, que estaõ de mão pósta
 Na rezistencia as porfias,
 Tudo vay n'hum a poeyra,
 Logo que lhe poem a mira.
 Já de todo as confianças
 Se vaõ pondo costa arriba,
 Pois que nos campos d'alma
 Saõ centinellas perdidas.
 Deos nos livre desta furia
 Com que vem, pois se imagina,
 Que sendo do mundo a graça
 Lhe provem de Deos a ira.
 Em fim Troya está por terra,
 E se fumega, he que a inda
 De verse a teos pès postrada
 Se enfoberbece altiva.
 Se só triunfa quem vence,
 A rezistencia foy dita,

Romance.

355

Porque de mim não triunfares
Se acazo eu não rezistira.
Mas se hum suspiro he chamada,
Bom quartel, Tisbe Divina,
Que quem à merce se rende
Suppoem, que ham de darlhe a vida.





A D. ANTONIO
LUIS DE MENEZES

*Conde de Cantanhede (depois Marquez de
Marialva) no felice successo , que teve no
rompimento das linhas de Elvas.*

I.

SE, invicto Conde, a Musa, a vós, o acento,
Debil vós, Musa indigna, o aceto he breve
Para louvar acção, cujo ardimento
Já nos Annaes da Europa a fama escreve;
Vos me inspiray aquelle heroyco alento,
Que em vós o mûdo admira, a patria deve,
Farey , que acezas deste ardor na chama,
Soe a voz, cante a Musa, grite a fama.

Oh

2.

Oh se pudera a cithera sonora
 Ter voz, & suspender a melodia ;
 Quem duvida, que a Musa eterna fora
 Pelo aplauso immortal, que vos daria;
 Dos Reynos onde nasce a branca Aurora,
 Atè là donde o Sol sepulta o dia,
 Foreis, deyxado a patria esclarecida,
 Vos venerado, & ella engrandecida.

3.

Mas em quanto triumphando Victoriolo
 Do inimigo mais bravo, & mais astuto
 Gozais nos vivas, que escutaes glorioso,
 Das fadigas de Marte, o melhor fruto;
 Ouvi este se humilde armonioso
 Som, que se o ouvireis vós não sera muyto
 Que de Homero o julgueis alto tranſumpto,
 Se não por meu, por serdes vos o assumpto.

4.

Era a Estação caduca, a Idade triste,
 Em que o anno decrepito espirava,
 E o Sol, que ao mundo eternamente assiste,
 No mais frio dos Tropicos entrava;
 A Esmeralda do campo era Amatiste,
 Turvo o Rio corria, o mar bramava,
 E entre os ramos com vario movimento
 Gemia o ar, & se queyxava o vento.

Quan-

5.

Quando da nossa Praça mais luzida,
 Que estava do Espanhol assediada,
 Era a falta de gente tão sabida,
 Como a sobra do mal experimentada,
 Não ha miseria já na humana vida
 De que não seja a instantes assaltada,
 Sendo a força mayor, que então a expuna
 A fome, o mal, as armas, & a fortuna.

6.

Com força grande, & militar sciencia
 Tinha o famoso exercito inimigo,
 Bem, que provado brava resistencia,
 Crecido em seus apertos o perigo;
 E a pezar da estação, cuja inclemencia
 Crecia da Campanha o defabrigo,
 Exposto ao tépo, & cõtra a sorte armado,
 Mais de noventa foes tinhaõ passado.

7.

Nas forças confiado, & nos aprestos,
 Com que de empreza tal o eleva a gloria,
 Por toda Europa em varios Manifestos,
 Já cantava os triumphos da Victoria;
 A Praça já fizera seus protestos,
 E ao Reyno outros não dignos de memoria,
 Havendo o campo a Corte conduzido,
 Tudo já na openião tinha vencido.

De-

8.

De isto informado o Héroe generoso,
De Cantanhede o Conde, que de parte
Pondo o gosto da Corte dilicioso,
Para as fadigas se dispoem de Marte;
Naõ sofre,naõ, que o Reyno mais glorioso
De quem inda veneraõ o estandarte
Tãtos Reynos,nações, climas,& Imperios
Da espada se fogeite aos vituperios.

9.

Jã lida aquelle peyto de invencivel,
Nas prevenções, que fas para esta empreza;
E aquella fe no zelo inascecivel
Arde, entre chamas de valor acezas;
Das forças juntou logo o que he possivel;
E engroçando a milicia Portugueza
Co as levas, que lhe vaõ do Reyno todo;
De locorrer a Praça estuda o modo.

10.

Por naõ pòr a fortuna em contingência,
Que tudo arrisca huã hora, & perde hũ dia;
Agente fez sahir com deligencia,
Bem quando o alento o numero excedia;
As accões, que se estudaõ na experiencia
De tal sòrte o valor institua,
Que armado o peyto desta confiança
Mostrou mayno acerto, que a esperança!

II.

Sobre hum rayo quadrupede parece,
 Quando se ostenta em breve movimento,
 Que o ferós animal se ensoberbece
 Co pezo insigne, que lhe intunde alento ;
 Tanto ao pizar, os campos estremece,
 Tanto ao correr, corrido deyxá o vento ;
 Que o julga a vista , com velós desmayo,
 Emplumado cometa, ayroso rayo.

12.

Vendo pois o Exercito formado ,
 E estando para a marcha prevenido,
 Oh, que observancias mostra de Soldado!
 Oh, que eloquencias verte de entendido!
 De sorte anima a todos de alentado,
 Tanto persuade a todos advertido,
 Que co as razões, em que a efficacia sobra,
 Tanto o juizo, como as armas obra.

13.

A confiança, que ha de quem governa,
 De sorte anima a Lusitana gente,
 Que por ser digna de memoria eterna ;
 Anhela os riscos com furor ardente,
 Hum bravo orgulho, hũa alegria externa
 Faz a Victoria a todos taõ presente ,
 Que era as de que o destino prometia,
 A menor circumstancia profecia.

Deu

14.

Deu final o Clarim com força estranha,
Cujos belico impulso, & vivo alento,
Fazendo estremecer toda a campanha;
Foy salva ao Sol, & adulação ao vento;
Movemse as tropas com galharda sanha,
E os esquadrões iguaes no movimento,
Ao som tremolaõ, de armas, & tambores,
Dos estandartes as diversas cores.

15.

O Sol, que ou já das Nuvens offendido,
Ou já da nossa injuria envergonhado,
Negava ao mundo em sombras escondido
A luz, q̄ alegra o campo, & anima o Prado,
Entaõ de tantos rayos guarnecido
Desvaneceu das nevoas o toucado,
Que coroando a todos de esplendores,
Outros sois pelas armas fez mayores.

16.

Porèm antes, que a fulgida carroça
Em montes de cristal se somergice, [ca
E antes, q̄ ao pobre alvergue, ou breve cho-
Lavrador, ou Pastor se reduzice,
Mandando à gente [que toda se alvorça)
O Conde fazer alto, & que se vice
O sitio mais capaz de alojamento,
Deu ao trabalho alivio, ao campo assento.

17.

Deus cursos tinha o Coche luminoso
 Repetido na Ecliptica luzente,
 E triumphando do horror caliginoso,
 Terceyra vez brilhava no Oriente;
 Quando o Varaõ supremo cuydadozo
 Da grande empreza, a que se vê presente,
 Medindo a fórma em que hade executalla,
 Os Cabos principaes consulta, & falla.

18.

Resolvendo em fim todos este dia,
 Quando o grande Varaõ determinava
 Já do quartel o Exercito sahia,
 Galharda a fórma, a valentia brava;
 O coração no peyto não cabia
 Acada qual, que a todos lhe saltava
 Pelas mãos, pelos olhos, de tal fórte,
 Que já o menor temor era o da morte.

19.

Donde dos Generaes mais defendidas
 Linhas, trincheyras, fossos, & estacadas
 Se vêm, & com cuydado guarnecidas
 De tantas gentes, bravamente armadas,
 Manda sejaõ primeyro acometidas,
 Bem, que mais para vistas, que escaladas,
 Que o peyto a grandes coufas destinado,
 Vay ao risco mayor mais alentado.

Avia

20.

Havia de hũa Nuvem o toldo espesso ,
A pezar do desvelo Castelhanao ,
Com vèõ escuro , & tenebrozo excessõ ;
Cuberto o risco , & recatado o damno ;
E bem , que tinhaõ no discurso impressõ
Qual era o fim do intento Lusitano,
Tinha em tardar , & crer, que era preciso
Mais nevoas, que nos olhos, no juizo.

21.

Discorria o valido , entãõ facundo,
(Que taõ bem erra às vezes o inimigo)
Que era exercito breve todo hum mûdo
Para vencer das linhas o perigo;
O fado contra nós via iracundo ,
O poder, & opiniaõ tinha comfigo ,
Do terreno a ventagem o ajudava,
E mais que tudo , o que de nós cuydava.

22.

Mas a pezar do agouro, que este dia
Aos Meneses tẽgora ameaçava,
Por naõ perder o Conde a bizzarria ,
Que em todos arde, & ferve, o desprezava;
Se isto de si nos mores trances fia ,
Quando a supresticiaõ lho condenava,
E isto em dia de agouro mostra o fado ,
Que serà no seu dia afortunado ?

Aa iij

A Mu-

23.

O Mal: de algum dia a minha lyra
 Mereceu de teu Plectro o doce encanto,
 Divino alento a meu favor inspira,
 Que humana vós não basta a dizer tanto;
 Assim nunca esse monte onde respira
 O brando som de teu melifluo canto,
 Se veja em lastimosa disonancia
 Profanado da enveja, ou da ignorancia.

24.

Começou da trombeta o som terrivel
 A encher o ar de horror, de espanto a terra
 Entimando fatal, com furia incrível,
 Medo ao Sol, ira ao véto, ao múdo guerra;
 Sinal do ultimo dia era infalivel
 A muytos, dos q̃ agora o campo enterra,
 Não nos mortos, que entãõ resuscitaraõ,
 Se não nos muytos vivos, que acabaraõ.

25.

Logo o grande Varaõ, q̃ à sua Espada,
 Tinha as artes da guerra reduzido,
 Manda se dece às linhas a escalada,
 A que o valor se tinha reduzido;
 E porq̃ em tudo não ficasse nada,
 Que não vencece obraço não vencido;
 Sendo merecedor de eterno Templo,
 Menos usou do mando, que do exemplo.
 Não

26.

Naõ taõ violento o mar tempestuoso,
Quando abismos, & Estrellas ameaça,
Escumando de bravo, & de furioso,
A praya investe, as rochas despedaça,
Como o Conde entre os riscos valeroso
A pezar dos perigos, que rechaça,
Sem se lhe dar do posto, que interrompe,
As linhas quebra, as estacadas rompe.

27.

Para cegar o fosso dilatado,
Voa, naõ corre, cada qual ligeyro,
E a penas algum cabe de apreçado,
Quando serve de ponte ao companheyro;
Parece, que da morte arrebatado
Naõ basta ser o espirito guerreyro,
Pois faz, q̃ ao Rey em taõ confusa sorte
Sirva até cos cadaveres a morte.

28.

As cargas da Espanhola artelharía
Taõ vastas se repetem cento, a cento,
Que o ar se atroa, & se esmorece o dia;
Turvamse os Ceos, & treme o firmamêto;
Palido o Sol o resplandor enfia,
Tudo se esconde em seu profundo assento,
E tudo em fim confuzamente triste
Sem luz, sem forma, & sem discurso assiste.

Aa iiij

Ven-

29.

Vendo da Praça os Heroes generosos
 O valor, & socorros dos amigos,
 Já não socegaõ bravos, & envejosos,
 De que a honra lhe ganhem nos perigos:
 Bem, que em numero breve, valerosos
 Acometem de sorte aos inimigos,
 Que nas acções, que à competencia crece,
 Cada qual hum exercito parece.

30.

Menos ferós o touro, que estivera
 Prezo, quando no corro se dilata,
 Com furia brava, & catadura fera
 Brama, escarva, acomete, offende, & mata;
 Menos embravecido o mar se altera,
 As Penhas ergue, os orbes arrebatá,
 Vento, que solto das prizoês, que teve,
 Ao mar, à terra, ao mesmo Ceo se atreve.

31.

Pelo meyo das armas Castelhanas,
 Unirle a nosso exercito pretende,
 E franquear às Quinas Lusitanas
 Hãa das portas, quãdo o campo emprêde;
 Não bastaõ ao Espanhol forças humanas,
 Bem, que com arte, & forças se defende,
 Porque o valor daquelles vencedores
 Indá mais he, que para acções mayores

O Con-

32.

O Conde Illustre, que os amigos via
De Belona entre as iras empenhados,
Entrar tambem com cada qual queria
A' honra dos successos arriscados;
Onde a peleyja mais se embravecia,
Onde ve já ceder muytos Soldados,
Bravo se arroja, & na mayor tormenta,
Quanto hũ perde, outro ganha, elle fostéta.

33.

Todos a seu exemplo aventureyros,
Do amor da chara vida se despojaõ,
E expondo-se das ballas aos chuveyros
Só de não verse em tudo o mais se enojaõ;
Nenhum ha que não seja dos primeyros,
Todos ao risco intrepididos se arrojaõ,
Com furia tal, que em golfos de escarlata
Este choca, esse fere, aquelle mata.

34.

Em fim rotas as linhas do inimigo,
E formado esquadraõ no seu terreno,
Dando às soberbas tragico castigo,
De estragos se encheo o campo ameno;
Està já cos temores do perigo
O mayor de seus Grandes taõ pequeno,
Que antes lhe era hũ mudo estreyta praça,
Humi canto já, lhe sobra na desgraça.

De

35.

De Marte entãõ cos as iras, & rigores,
 Foy a batalha taõ cruel, & ardente,
 Que parece, que os orbes superiores
 Choravaõ pelo mundo iradamente;
 Todo o campo entre furias, & clamores
 Era da morte hum rapido torrente,
 Sendo hum fatal da vida paracismo,
 Copia do chaos, & original do abismo.

36.

Granizando os mosquetes, & arcabuzes
 Rayos de chumbo, entre trovões ardentes
 O mesmo fogo das funestas luzes
 De farol serve aos animos valentes.
 Os leões estremenhos, & andaluzes
 Por mais, que entãõ as garras impacientes
 Ferõs esgrimaõ, morrem, bem que ufanos,
 Entre os Herculeos braços Lusitanos.

37.

Entre nuvens de fumo anoytecido
 O Ceo se ignora, o mundo se escurece,
 Tudo vaga entre as armas confundido,
 Tudo em iras, & mortes se endurece.
 Em diluvios de chamas derretido,
 Que chega o mundo ao triste fim parece,
 Pois sem, que baste atanta força escudo,
 Tudo se offende, & se consome tudo.

38.

No roxo mar, que o campo representa,
De fórte o mais intrepido naufraga,
Soçobrando em taó mizera tormenta,
A vida perde, quando a sede a paga;
Outro de fórte as veas alimenta,
Se exausto delle, as suas ondas vaga,
Que ao mesmo tépo, q̄ esta acção lastima,
Quãdo aquelle se afoga, este se anima.

39.

O Conde invicto, que a fortuna irada
Ve, no vagar, com q̄ a victoria chega,
Montes rompe de ferro com a espada,
De sangue huns rios abre, outros navega;
E qual o cegador com maõ armada
Da curva fouce, em Julho espiga cega,
De hum golpe só, nas belicas tadigas,
Cabeças. corta mais, que aquelle espigas.

40.

As pernas bate ao rapido ginete,
Que impellido da força, que o domina,
Se pisa quanto intrepido acomete,
Quanto encontra beligero arruina;
Sendo do ar fogolo martinete
Tanto a vista, & distancias desatina,
Que num só ponto a tudo está presente,
Vivo Trovão, relampago vivente.

Dcs

370 *AD. Antonio Luis de Meneses.*

41.

Dos Cavallos o estrepito furioso,
O retinir das armas repetido,
Dos mortos o espetaculo horroroso,
Os ays do afflicto, as vozes do rendido
Do estropeado o grito lastimoso,
E em fim dos que agonizaõ o alarido
He tal, que o ecco só de tantos males
Magoa as penhas, & atormenta os valles

42.

Mas ja de Hesperia as gentes, cujo estrago
As nossas tropas sem parar creciaõ,
O campo convertendo em roxo lago,
Apressados das sombras se valiaõ,
Húa infausta ruina, hum triste amago,
Nos disformes cadaveres se viaõ,
Causando a vista deste horrendo enlayo,
Aos olhos medo, aos corações de smayo.

43.

Em fim cahio a estatua, que queria
Adoraçaõ no mar, na terra, & vento,
Cahio a noyte, que intentado bavia
Chegar do Luzo ao alto firmamêto;
Com pedra negra, Espanha deste dia
Conte a memoria, & chore o sentimêto,
Que o Luzo indaq esqueça isto, q aclama,
Em vivos bronzes lhe eterniza a fama.

Vol-

44.

Voltando tudo em fuga declarada
Toda Espanha com vozes, & alaridos,
Já deyxá a presa, & gente asinallada,
E os mais dos Cabos mortos, & feridos,
Segue a victoria a Portugueza espada,
E os clarins vivamente repetidos,
Celebrando do Conde excelso a gloria,
Alegres já lhe cantão a victoria.

45.

Com preça logo o Conde, cujo alento
Nenhum repouso ao braço consentia,
Os fortins cerca, & com cuydado atento,
Mais, que do bem, da vigilancia fia;
Aludindo de Espanha o sentimento,
Capuz de sombras arrastava o dia,
Mas logo o Ceo lhe rôpe em luzes bellas,
Pondo por luminarias as Estrellas.

46.

Mas já da Aurora, o rocicler brilhante,
De Aljofares bordado amanhecia,
E o Sol deyxando o leyto de diamante
Rayava os montes, & dourava o dia;
Dos Ceos, o que era lugrubre semblante,
De luzes cheyo, & nacares se via,
E ao brando som, que o vento respirava,
A fonte ria, & o Roxinol cantava.

Quan-

372 *A D. Antonio Luis de Meneses.*

47.

Quando rendidos os fortins, & entrado
A faco todo o campo do inimigo,
Foy o despojo mais, que imaginado,
Foy mayor a ventura, que o perigo;
O Còde entã [oh grãde Heroe) postrado
Ao grande author, cà fora, & consigo
As graças do que ao Ceo dever entende,
Como a Deos dos exercitos lhe rende.

48.

Pois, se fois a columna deste Imperio,
Oh Varaõ grande, oh Conde esclarecido,
A quem o Atlante do Monarca Hisperio
Se vio postrado, & se chorou vencido;
Do Pollo austral, ao Artico emispherio
Seja esse nome, esse valor sabido,
E porque mais a todo o mundo espante
A musa o louve, & a mesma fama o cante.

49.

Porèm se he empreza louca, & presumida,
Querer louvar accões da voisa espada,
A melhor Muza em vozes convertida,
E a mesma fama em lingoas defatada,
Voe a Muza em silencios reduzida,
Calle a fama entre os pasmos elevada,
Que onde o mayor diser, o aplauso mingoa
O silencio he discurso, o pasmo he lingua.

F I M